

*New York Times* bestselling author

# TESS GERRITSEN

“Tess Gerritsen é leitura  
obrigatória em minha casa”  
STEPHEN KING

CHAMADA À  
MEIA-NOITE



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Um telefonema à meia noite despertou a recém-casada Sarah Fontaine. Em vez de ouvir a voz de seu marido, que estava em Londres, ouviu a de um desconhecido chamado Nick O'Hara, que lhe dizia que Geoffrey havia morrido em um incêndio num hotel de Berlim. Convencida de que seu marido estava vivo, Sarah decide investigar por sua conta, com a ajuda de Nick. Havia muitas perguntas sem resposta, e as respostas poderiam ser fatais...

TESS GERRITSEN

CHAMADA À  
MEIA-NOITE



---

EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

# Sobre a Autora

Presença habitual nas listas dos mais famosos autores de best-sellers do New York Time, Tess Gerritsen é uma mulher com muito talento e uma historia pessoal muito interessante.

Graduada pela Universidade de Stanford e tendo exercido sua carreira como médica, escolheu, sem dúvida, dedicar-se por completo à criação literária durante sua licença maternidade. Em 1987 publicou seu primeiro romance, Chamada à Meia Noite (Call After Midnight), um suspense romântico, que se seguiram outros oito livros. Também escreveu o roteiro Adrift (1993) para a CBS. Seu primeiro thriller médico, Doadores (Harvest) foi publicado em 1996 e com ele se estreou nas listas de best-sellers do New York Time. A ele se seguiram LifeSupport (1997), Bloodstream (1998), Gravity (1999), The Surgeon (2001), The Apprentice (2002), The Sinner (2003), Body Double (2004), Vanish (2005), The Mephisto Club (2006), e The Bone Garden (2007).

Seus livros já foram traduzidos para 31 idiomas e foram vendidos mais de 15 milhões de cópias, sendo número um nas listas de vários países.

Vencedora do premio Nero Wolf (por Vanish) e do premio RITA (por the Surgeon), os críticos a estão chamando de “a rainha do suspense médico”.

Durante anos morou no Havaí, e agora vive em Camden, no Maine, com seu esposo, que também é médico, e seus dois filhos.

# Prólogo

## *Berlim*

Vinte segundos de pressão na carótida são suficientes para deixar um homem inconsciente. Dois minutos mais e a morte é inevitável. Simon Dance não precisava ler esses dados em um livro médico... ele os conhecia por experiência. Também sabia que não deveria haver falhas no garrote. Se a corda não estivesse tensa, se permitisse que algumas gotas de sangue chegassem ao cérebro da vítima, a agonia se prolongava. A operação se tornava torpe, inclusive perigosa. Não há nada tão selvagem quanto um moribundo.

Dance, agachado na escuridão, apertou o garrote nas mãos e olhou o mostrador luminoso de seu relógio. Fazia duas horas que tinha apagado as luzes. Seu assassino era sem dúvida um homem cauteloso, que queria certificar-se de que dormia profundamente. Se fosse um profissional, saberia que o sonho das duas primeiras horas é o mais pesado. E esse era o momento de atacar.

No corredor exterior cruzou um sapato. Dance se tornou rígido, se levantou lentamente e esperou na escuridão ao lado da porta. Ignorou os batimentos de seu coração e sentiu a injeção familiar de adrenalina movendo seus reflexos. Apertou o garrote nas mãos.

Alguém enfiou uma chave na fechadura. Dance ouviu o som metálico dos dentes roçando o metal. A chave girou e a fechadura cedeu com um barulho suave. Ao abrir-se, a porta deixou a luz do corredor entrar no quarto. Uma sombra cruzou o umbral e se voltou para a cama, onde um

homem parecia repousar. A sombra levantou o braço. Uma pistola com silenciador disparou três balas nas almofadas. Dance atacou quando caiu a terceira.

Colocou o garrote ao redor do pescoço do intruso e apertou a corda, que se posicionou em torno da parte mais visível da carótida, perto do ângulo com a mandíbula. A pistola caiu ao chão. O homem se moveu violentamente, como um peixe no anzol e puxou com força o garrote. Esticou o braço para trás e tentou cravar as unhas no rosto de Dance. Seus braços e pernas se moviam sem controle em todas as direções. Logo, pouco a pouco, as pernas cederam e os braços se estenderam uma última vez antes de ficarem inertes. Enquanto Dance contava os minutos, sentiu os últimos espasmos do corpo, provocados pelas células moribundas do cérebro. Continuou apertando.

Quando se passaram três minutos, soltou o garrote e o corpo caiu ao chão. Dance acendeu a luz e olhou o homem que acabara de matar.

O rosto lhe parecia vagamente familiar. Talvez o tivesse visto nas ruas ou num trem, mas não sabia seu nome. Revistou sua roupa, mas encontrou apenas dinheiro, chaves de carro e algumas ferramentas de seu trabalho: cartuchos de reserva, uma navalha de bolso, uma gazua. Dance pensou que se tratava de um profissional anônimo e se perguntou por um momento quanto lhe teriam pago.

Arrastou o corpo até à cama e afastou as almofadas que tinha colocado sob os cobertores. Calculou que o corpo mediria perto de um metro e oitenta. Igual a ele. Trocou sua roupa com a do cadáver. Certamente não seria preciso, mas ele era um homem consciente. Depois retirou a aliança e tentou colocá-lo no dedo do morto, mas não conseguiu que o anel passasse pelas articulações. Foi ao banheiro, ensaboou a aliança e por fim conseguiu enfiá-la no dedo do cadáver. Depois se sentou e fumou alguns cigarros. Tentou pensar nos detalhes que poderia ter deixado passar.

As três balas, por exemplo. Procurou nas almofadas e conseguiu recuperar duas. A terceira certamente se encontraria escondida em algum ponto do colchão. Começou a procurá-la quando ouviu passos no corredor.

Teria o assassino algum cúmplice? Dance pegou a pistola, apontou para a porta e esperou. Os passos transpuseram diretos e se perderam no corredor. Alarme falso. De qualquer modo, devia apressar-se. Seria um erro permanecer ali por mais tempo.

Tirou uma garrafa de metanol da gaveta da cômoda. Queimaria rapidamente e não deixaria rastros. A esvaziou sobre o corpo, a cama e o tapete ao lado desta. O quarto não tinha alarmes anti-incêndios nem aspersores automáticos. Tinha escolhido um hotel velho por esse motivo.

Deixou o cinzeiro ao lado da cama e recolheu os pertences do defunto, que enfiou em um saco de lixo, junto com a garrafa de metanol. A seguir, ateou fogo à cama.

As chamas não tardaram a envolver o corpo. Dance esperou o suficiente para certificar-se de que não ficaria nada reconhecível.

Saiu do quarto com o saco de lixo, fechou a porta e desceu pelo corredor até o alarme de incêndio. Não via motivos para matar pessoas inocentes, assim quebrou o vidro e acionou o alarme. Em seguida, desceu as escadas até o andar de baixo.

Da rua em frente observou as chamas que saíam da janela. Evacuaram o hotel e a rua se encheu de pessoas sonolentas envolvidas em cobertores. Em menos de dez minutos chegaram três caminhões de bombeiros. Nesse momento, o prédio havia se tornado um inferno.

Demoraram uma hora para apagar o fogo. Uma multidão de curiosos se uniu aos hóspedes do hotel e Dance estudou seus rostos, guardando-os na memória. Se voltasse a ver algum deles, tomaria cuidado.

Entre um grupo de pessoas viu uma limusine preta que descia lentamente pela rua. Reconheceu o homem que ocupava o assento de trás. Então a CIA estava ali. Interessante.

Já tinha visto o suficiente. Era tarde e teria que regressar a Amsterdã.

Três quarteirões à frente jogou o saco do lixo numa caçamba. Assim, encerrou aquele capítulo. Havia terminado o que tinha ido fazer em Berlim. Tinha matado Geoffrey Fontaine. Tinha chegado o momento de desaparecer. Afastou-se assobiando na escuridão.



## *Amsterdã*

Acordaram o velho às três da manhã com a notícia.

— Geoffrey Fontaine está morto.

— Como? — perguntou.

— Um incêndio em um hotel. Dizem que estava fumando na cama.

— Um acidente? Impossível. Onde está o corpo?

— No necrotério de Berlim. Muito desfigurado.

O velho não se surpreendeu que o corpo estivesse irreconhecível. Simon Dance tinha voltado a encobrir seu rastro muito bem. E ele o havia perdido de novo.

Mas ainda tinha uma carta para jogar.

— Me disse que ele tinha uma esposa americana. Onde ela mora?

— Em Washington.

— Quero que a sigam.

— Por quê? Já lhe disse que ele está morto.

— Não está morto. Está vivo. Estou certo disso. E essa mulher sabe onde ele está. Quero que a vigiem.

— Farei que meus homens...

— Não. Enviarei um dos meus. Alguém, em quem eu possa confiar.

Houve uma pausa.

— Lhe darei o seu endereço.

Quando desligou o telefone, o velho não conseguiu voltar a dormir. Levara cinco anos buscando... somente, para tornar a falhar quando já estava tão perto. Agora, tudo dependeria do que descobrisse sobre aquela mulher em Washington.

Teria que ser paciente e esperar que se denunciasse. Enviaria Kronen, um homem que não havia lhe falhado nunca. Kronen tinha métodos próprios para extrair informações... métodos aos quais era difícil resistir. Depois de tudo, esse era seu maior talento: a persuasão.

# Um

## *Washington*

Era mais de meia noite quando o telefone tocou.

Sarah o ouviu através da pesada cortina de sono. O barulho parecia muito distante, como uma sirene, que soava numa casa fora de seu alcance. Lutava para acordar, mas se encontrava presa num mundo entre o sono e a vigília. Teria que atender ao telefone. Sabia que a chamada era de seu esposo Geoffrey. Havia esperado por toda a noite para ouvir sua voz. Era quarta-feira e Geoffrey, em suas viagens mensais a Londres, sempre telefonava para casa nesse dia.

Hoje, contudo, ela havia se deitado cedo, tossindo e chorosa, vitimada pelo último vírus da gripe que atacara Washington, uma estirpe especialmente virulenta proveniente de Hong Kong, que compartilhava com a metade de seus companheiros de trabalho no laboratório de microbiologia. Havia passado uma hora lendo na cama, lutando valentemente para manter-se acordada. Mas a combinação de medicamentos antigripais e o *Jornal de Microbiologia* mostraram-se mais eficazes que qualquer sonífero, e acabou adormecendo.

Acordou sobressaltada e descobriu que o abajur, na mesa de cabeceira, continuava aceso e ainda mantinha a revista sobre o peito. Enxergava o quarto fora de foco.

Colocou os óculos e olhou o relógio sobre a mesa. Meia noite e meia. O telefone estava silencioso. Teria sido um sonho?

Assustou-se quando voltou a tocar. Levantou o fone com rapidez.

— Senhora Sarah Fontaine? — perguntou uma voz masculina.

Não era Geoffrey. Preocupada, se sentou na cama rapidamente, completamente desperta.

— Sim, é ela.

— Senhora Fontaine, meu nome é Nicholas O’Hara, do Departamento de Estado. Lamento chamá-la a esta hora, mas... — fez uma pausa — temo ter más notícias.

Sarah sentiu que a garganta se contraía.

Queria gritar, mas só conseguiu emitir um sussurro.

— Sim. Estou ouvindo.

— Se trata de seu esposo. Houve um acidente.

A mulher fechou os olhos. Tudo aquilo parecia irreal.

— Ocorreu há cerca de seis horas — prosseguiu a voz. Houve um incêndio no quarto de hotel de seu esposo — outra pausa. Senhora Fontaine? A senhora ainda está aí?

— Sim. Por favor, continue.

O homem clareou a garganta.

— Sinto dizer-lhe isto, senhora Fontaine. Seu esposo... Está morto.

Ele permitiu um momento de silêncio, momento em que ela lutou para controlar sua dor.

Um ato de orgulho estúpido e irracional a levou a apertar a mão sobre a boca para reprimir um soluço. Aquela dor era muito íntima para ser compartilhada com um desconhecido.

— Senhora Fontaine? — perguntou a voz, com gentileza. A senhora está bem?

Finalmente, ela conseguiu recuperar o fôlego.

— Sim — sussurrou.

— Não tem que se preocupar com nada. Eu coordenarei todos os detalhes com nosso consulado em Berlim. Haverá atrasos, suponho, mas tão logo as autoridades alemãs entreguem o corpo, não creio que...

— Berlim? — ela interrompeu.

— Terão que investigar, claro. Haverá um relatório completo quando a polícia de Berlim...

— Mas isso não é possível!

Nicholas O'Hara se esforçava para ser paciente.

— Sinto muito, senhora Fontaine. Sua identidade foi confirmada. Não há nenhuma dúvida de que...

— Geoffrey estava em Londres — ela gritou.

Seguiu-se um grande silêncio.

— Senhora Fontaine — disse ele, com uma voz irritantemente tranquila. O acidente ocorreu em Berlim.

— Estão cometendo um erro. Geoffrey estava em Londres. Não poderia estar em Berlim.

Houve outra pausa, maior desta vez. Sarah apertava o fone contra o seu ouvido. Tinha que haver um erro. Geoffrey não podia estar morto. O imaginou rindo da notícia absurda de sua morte. Sim, iriam rir juntos quando ele voltasse. Se voltasse.

— Senhora Fontaine — disse o homem por fim. Em que hotel ele se hospedou em Londres?

— No Savoy. Tenho o número do telefone em alguma parte. Tenho que ir buscá-lo...

— Não é preciso. Já o encontrei. Permita-me que dê alguns telefonemas. Talvez seja melhor vê-la pela manhã — falava com cautela, com o tom monótono de um burocrata que havia aprendido a não revelar nada. Pode passar pelo meu escritório?

— Como... Como o encontrarei?

— Virá de carro?

— Não, não tenho carro.

— Lhe enviarei um.

— É um erro, não é? Quero dizer... Vocês cometem erros, não? — apenas pedia um pouco de esperança. Um fio pequeno a que se agarrar. Era o mínimo que lhe podia dar.

Mas ele se limitou a dizer:

— Falaremos pela manhã, senhora Fontaine. Após as onze.

— Espere, por favor! Perdoe-me, não posso pensar. Como disse que se chamava?

— Nicholas O'Hara.

— Onde fica seu escritório?

— Não se preocupe. O motorista a trará aqui. Boa noite.

— Senhor O'Hara?

Ouviu o toque de chamada e compreendeu que já havia desligado. No mesmo instante, discou o número do hotel Savoy em Londres. Um telefonema e tudo se esclareceria.

— Hotel Savoy — atendeu uma mulher a meio mundo de distância.

A mão de Sarah tremia com tal violência que apenas conseguia sustentar o fone.

— Olá. Poderia transferir para o quarto do senhor Geoffrey Fontaine, por favor.

— Desculpe, senhora — disse a voz. O senhor Fontaine deixou o hotel há dois dias.

— Deixou o hotel? — gritou Sarah — Mas para onde ele foi?

— Não nos deixou seu destino. Mas se deseja enviar-lhe uma mensagem poderemos retransmiti-la a seu endereço residencial...

Sarah olhou o telefone como se fosse um objeto estranho, que nunca tivesse visto. Desceu lentamente o olhar até o travesseiro de Geoffrey. A enorme cama parecia estender-se até ao infinito. Ela sempre se acomodava em uma pequena parte. E não se movia de seu lugar nem sequer quando Geoffrey estava fora e dormia sozinha.

E agora, talvez ele nunca voltasse.

E ela ficaria sozinha numa cama imensa e num apartamento demasiado silencioso.

Estremeceu e uma pontada de dor formou um nó em sua garganta. Desejava chorar, mas as lágrimas negaram-se a formar nos seus olhos. Deixou-se cair sobre a cama com o rosto contra o travesseiro. Cheirava a Geoffrey. Cheirava a sua pele, seu cabelo e seu sorriso. O apertou nos braços

e se sentou no meio da cama, no lugar em que seu marido sempre dormia. Os lençóis estavam muito frios.

Geoffrey podia nunca voltar para casa. E tinham-se casado há apenas dois meses.

Nick O'Hara tomou sua terceira xícara de café e afrouxou a gravata. Depois de duas semanas de férias, em que só havia usado trajes de banho, a gravata pareceu-lhe o nó de um enforcado.

Fazia apenas três dias que retornara a Washington, e já estava estressado. Supunha-se que as férias têm a função de ajudar a recarregar as baterias. Por isso, tinha ido às Bahamas. Havia passado duas semanas gloriosas sem fazer nada, deitado seminu ao sol. Precisava estar sozinho, fazer a si próprio algumas perguntas difíceis e procurar as respostas.

Mas só havia chegado à conclusão de que não era feliz.

Depois de oito anos no Departamento de Estado, estava farto de seu trabalho.

Movia-se em círculos, como um barco sem leme. Sua carreira estava estagnada, e a culpa era inteiramente sua. Havia perdido pouco a pouco a paciência como os jogos políticos. Não estava com humor para jogar. Mas aguentava ali porque acreditava em seu trabalho, no valor intrínseco deste. Tinha feito caminhadas pela paz na sua juventude, e passado por mesas de negociação da paz na idade adulta.

Mas os ideais não levaram a parte alguma. A diplomacia não se baseava em ideais, mas em protocolos e programas de partidos políticos, como tudo o mais. E ainda que tivesse dominado o protocolo, não lhe ocorria o mesmo com a política. E não era porque não pudesse. Era porque não o queria.

Nesse sentido, sabia que não era um bom diplomata. Para seu azar, seus superiores pareciam mostrar-se de acordo com ele. Por isso o tinham enviado àquela agência consular, para comunicar más notícias às viúvas recentes. Era uma bofetada não muito sutil. Certo que poderia ter recusado o posto. Poderia voltar a ensinar, em seu antigo cargo na Universidade

Americana. Teria que pensar nisso. Por isso necessitava duas semanas sozinho nas Bahamas.

E não precisava deparar-se com aquilo à sua volta.

Abriu com um suspiro a pasta que levava a etiqueta de Fontaine, Geoffrey H. Havia algo que o inquietara toda a manhã. Havia estado desde uma hora da madrugada sentada em frente ao computador tirando toda informação possível dos arquivos do Governo. Também havia passado meia hora falando ao telefone com seu amigo Wes Corrigan, do consulado de Berlin. A frustração o havia levado inclusive a consultar algumas fontes pouco usuais. O que tinha começado com uma chamada de rotina para dar os pêsames a uma viúva, estava tornando-se algo mais complicado, um quebra-cabeça do qual faltavam algumas peças.

Na realidade, excetuando-se os detalhes da morte de Geoffrey Fontaine, apenas havia peças com que brincar. Nick não gostava de quebra-cabeças incompletos. O deixavam louco. Quando se tratava de buscar mais informações, mais fatos, ele podia tornar-se insaciável. E nesse momento, com a pasta de Fontaine entre os dedos, se sentia como se segurasse um balão de ar: nada substancial, a não ser um nome. E uma morte.

Os olhos ardiam; se recostou na cadeira e bocejou. Quando era um jovem na universidade, conseguia passar metade da noite em pé. Mas aos trinta e oito anos, somente se tornava irritado. E faminto. Às seis da manhã já tinha devorado três donuts. A injeção de açúcar e o café o haviam mantido em ação. E agora sentia muita curiosidade para deixa-lo. Os quebra-cabeças sempre lhe causavam esse efeito. E não estava certo de que gostasse disso.

A porta abriu-se e o fez levantar os olhos. Seu amigo, Tim Greenstein, entrou por ela.

— Bingo! O encontrei! — disse.

Deixou uma pasta sobre a mesa e lhe dedicou um de seus famosos sorrisos, normalmente dedicados ao computador. Tim era um “pau-para-toda-obra”, o homem que todos procuravam quando os dados não estavam onde deveriam estar. Óculos espessos, consequência de cataratas na infância,

distorciam seus olhos. Uma barba negra escurecia grande parte de seu rosto, com exceção da testa pálida e do nariz.

— Eu disse que o encontraria — observou, sentando-se em frente a Nick. — Pedi ajuda a meu amigo do FBI e não encontramos nada. Então, procurei por minha conta e... Não foi fácil retirar isso da informação classificada. Algum idiota novato que insiste em fazer o seu trabalho.

Nick franziu a testa.

— Teve que obter esses dados da segurança?

— Sim. Há mais, mas não pude ver. Descobri que os agentes da inteligência possuem uma pasta sobre o seu homem.

Nick abriu a pasta e olhou com incredulidade. O que via trazia mais perguntas do que nunca, perguntas para as quais não parecia haver respostas.

— Que diabo significa isso? — murmurou.

— Por isso não podia encontrar nada sobre Geoffrey H. Fontaine — disse Tim. Até um ano atrás ele não existia.

Nick apertou a mandíbula.

— Pode me conseguir mais coisas?

— Bem... Creio que estejamos pisando em território de outros. E os rapazes da CIA podem ficar zangados.

— Eles que se metam comigo — comentou Nick, que não se intimidava mais com a CIA desde que conhecera muitos agentes incompetentes. — Além do mais, só estou cumprindo meu dever. Não se esqueça da viúva.

— Mas esse assunto pode-se complicar bastante.

— Nada que você não possa cuidar.

Tim sorriu.

— Que é? Está se tornando detetive?

— Não, apenas estou curioso — olhou o monte de papéis sobre sua mesa. A maioria lixo burocrático. O veneno de sua existência... Mas teria que fazê-lo. O caso Fontaine deveria distraí-lo.

Olhou o amigo.



— Por que não procura algo sobre a viúva? Sarah Fontaine. Pode ser que isso nos leve a algum lugar.

— Por que não o faz você?

— Porque você é quem tem acesso aos computadores.

— Sim, mas você é quem está com a mulher. — Tim apontou para a porta. Sua secretária estava anotando seu nome. Sarah Fontaine está sentada em sua sala de espera neste momento.

A secretária era uma matrona de cabelos grisalhos, olhos azuis e uma boca que parecia formar constantemente linhas retas. Levantou a vista da máquina de escrever apenas pelo tempo necessário para anotar o nome de Sarah e indicar-lhe um sofá próximo.

Sobre uma mesinha ao lado do sofá havia um monte de revistas; alguns exemplares de Assuntos Exteriores e a Revista Imprensa Mundial, todas etiquetadas com o nome de seu destinatário: Dr. Nicholas O'Hara.

A secretária prosseguiu datilografando e Sarah afundou-se nas almofadas do sofá, olhando para as mãos que colocara no colo. Não estava restabelecida da gripe e se sentia triste e com frio. Mas nas últimas dez horas se havia formado um vazio ao seu redor, um escudo protetor que fazia com que tudo o que visse lhe parecesse muito distante. Até a dor física parecia estranhamente atenuada. Esta manhã tinha ferido um dedo no banheiro e apenas havia sentido um latejar distante. Na noite anterior, a dor a tinha vencido ao desligar o telefone. Agora somente estava aturdida. Baixou a vista e notou pela primeira vez o quanto estava mal vestida. As roupas não combinavam entre si. Sem dúvida, inconscientemente, havia optado por peças que a consolavam: sua saia de lã cinza favorita, um pulôver velho, sapatos marrons para andar. A vida se havia mostrado terrível de repente e precisava do consolo de coisas familiares.

O interfone da secretária tocou e se ouviu uma voz.

— Angie? Faça entrar a senhora Fontaine.

— Sim, senhor O'Hara. — Angie fez um sinal para Sarah. Já pode entrar.

A jovem colocou os óculos, pôs-se de pé e entrou depressa. Ao cruzar a porta, se deteve sobre o grosso tapete e olhou com calma o homem do outro lado da mesa.

Estava de pé em frente à janela, por onde entrava um sol ofuscante, que a princípio deixou entrever apenas sua silhueta. Era alto e esbelto, e seus ombros se inclinavam levemente para frente; parecia cansado. Afastou-se da janela e foi ao seu encontro. Sua camisa azul estava amassada e havia afrouxado a gravata.

— Senhora Fontaine — disse — Sou Nick O'Hara.

Estendeu a mão em um gesto que Sarah achou demasiadamente automático, formalidade que sem dúvida dirigia a todas as viúvas. Mas seu aperto era firme.

Voltou-se para a janela e a luz caiu em seu rosto. A jovem viu traços longos, delgados, uma mandíbula angulosa e uma boca séria. Calculou que teria perto dos quarenta anos. Seu cabelo castanho escuro estava tornando-se grisalho nas têmporas. Sob seus olhos castanhos se viam olheiras.

Sentou-se na cadeira que lhe indicava e viu pela primeira vez que havia uma terceira pessoa na sala, um homem de óculos e barba escura que estava sentado, em silêncio. Não o tinha visto passar antes pela recepção.

Nick se apoiou na borda da mesa e a olhou.

— Sinto muito por seu marido, senhora Fontaine. — disse com gentileza. Uma notícia terrível, eu sei. A maioria das pessoas não acredita quando telefonamos. Gostaria de encontrá-la porque tenho algumas perguntas pendentes. E suponho que este senhor também — apontou o homem de barba com a cabeça. Não se importa que o senhor Greenstein nos ouça, não é?

A jovem encolheu os ombros.

— Nós dois somos funcionários — continuou Nick. — Eu, em assuntos diplomáticos e ele na divisão de apoio técnico.

— Entendo — estremeceu. Voltou a ter calafrios e a garganta estava dorida. Perguntou-se porque fazia tanto frio nos escritórios do Governo.

— A senhora está bem?

A mulher olhou Nick com ar miserável.

— Está frio aqui.

— Gostaria de uma xícara de café?

— Não, obrigado. Por favor, apenas quero saber de meu marido.

Ainda não posso acreditar, senhor O'Hara. Não deixo de pensar que há um engano.

O homem assentiu, compreensivo.

— É uma reação comum.

— Realmente?

— Negação. Todos passam por isso.

— Mas o senhor não pede a todas as viúvas que venham ao seu escritório, não é? Tem que haver algo diferente com Geoffrey.

— Sim. — admitiu. Realmente há.

Voltou-se e pegou numa pasta sobre a mesa.

Dela tirou uma página coberta de anotações.

— Depois de falar com a senhora, contatei nosso consulado em Berlim, senhora Fontaine. O que me disse à noite me impulsionou a comprovar de novo os dados. — fez uma pausa e ela o olhou em expectativa. Falei com Wes Corrigan, nosso cônsul em Berlim. E isto foi o que ele me disse — olhou suas anotações. Ontem às vinte horas um homem chamado Geoffrey Fontaine chegou ao hotel Regina. Pagou com cheques de viagem e mostrou seu passaporte. Um pouco depois, à meia noite, os bombeiros responderam a uma ligação do hotel. O quarto de seu esposo estava em chamas. Quando conseguiram controlar o fogo, o hotel estava completamente destruído. A explicação oficial foi que ele tinha dormido enquanto fumava na cama. Temo que o corpo de seu marido tenha ficado irreconhecível.

— Então, como podem estar seguros de que era ele? — perguntou Sarah, que até então ouvia tudo num desespero crescente. — Alguém pode ter roubado seu passaporte.

— Deixe-me terminar, senhora.

— Mas acaba de me dizer que não puderam identificar o corpo.

— Tentemos ser lógicos.

— Eu sou lógica.

— Veja, é normal que as viúvas se agarrem a qualquer possibilidade, mas...

— Entretanto não estou convencida de ser viúva.

O homem ergueu as mãos, frustrado.

— Certo, certo, examinemos as provas. Primeiro, no quarto encontraram uma maleta. Era de alumínio, resistente ao fogo.

— Geoffrey não tinha nada assim.

— O conteúdo resistiu ao incêndio. O passaporte de seu marido estava lá dentro.

— Mas...

— Logo, está no relatório forense, a altura do corpo é a mesma que a de seu esposo.

— Isso não significa nada.

— E, por fim...

— Senhor O'Hara...

— E, por fim, — continuou ele, com uma firmeza repentina — temos uma última prova. Algo que encontraram no corpo. Uma aliança. A inscrição dizia: Sarah, 14-2 — levantou a vista da página. É a data de seu casamento, correto?

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Baixou a cabeça em silêncio. Os óculos escorregaram pelo seu nariz e caíram no seu colo. Nick O'Hara lhe estendeu uma caixa de Kleenex.

— Use o que precisar — disse com suavidade.

A observou assuar o nariz. Sarah, sob seu exame, se sentia entorpecida e estúpida. Até os dedos se negavam a funcionar bem. Os óculos escorregaram para o chão. Levantou-se da cadeira, desejosa de sair dali.

— Por favor, senhora, sente-se. Ainda não terminei. — disse ele.

Sarah voltou a sentar-se como uma criança obediente. Olhou o chão.

— Se for pelo funeral...

— Não, já se ocupará disso quando chegar o corpo. Preciso perguntar-lhe algo sobre a viagem de seu esposo. Por que foi para a Europa?

— Negócios.

— Que tipo de negócios?

— Era representante do Banco de Londres.

— E viajava muito?

— Sim, ia todos os meses a Londres.

— Apenas a Londres?

— Sim.

— Digam-me, por que estaria na Alemanha, senhora Fontaine?

— Não sei.

— Tinha o costume de lhe dizer onde ia?

— Não.

— E por que estaria na Alemanha? Havia alguma razão que não fossem os negócios? Outra...?

A mulher levantou a cabeça bruscamente.

— Outra mulher? É isso que quer me perguntar, não é? — Nick não contestou.

— É uma hipótese razoável.

— Não com Geoffrey.

— Com todo mundo — olhou-a nos olhos. Tinham dois meses casados — disse-lhe. Conhecia muito bem seu marido?

— Conhecê-lo? Eu o amava, senhor O'Hara.

— Eu não falo de amor, seja lá o que isso signifique. Eu pergunto se o conhecia bem. Se sabia quem ele era, o que fazia. Há quanto tempo se conheciam?

— Desde... fazem seis meses. O conheci numa lanchonete perto de meu trabalho.

— Onde trabalha?

— No Instituto Nacional da Saúde. Sou microbióloga investigadora.

O homem estreitou os olhos.

— Que tipo de investigação?

— Genomas de bactérias... Separamos a DNA... Qual o motivo destas perguntas?

— É um trabalho de investigação secreto?

— Ainda não compreendo o que...

— É?

— Sim. Algumas partes sim.

O homem assentiu e tirou outra folha da pasta.

— Pedi ao senhor Corrigan que comprovasse o passaporte de seu marido. Quando se entra em um país novo, colocam uma data e um selo do país. O passaporte de seu marido tem vários selos. Londres, Schiphol, perto de Amsterdã e Berlim. Todos na última semana. Alguma explicação sobre o motivo que o levou a esses lugares?

Sarah negou com a cabeça.

— Quando falou com ele pela última vez?

— Faz uma semana. Desde Londres.

— Pode assegurar que ele estava em Londres?

— Não. Telefonou em uma chamada direta.

— Seu marido tinha seguro de vida?

— Não que eu saiba. Nunca disse nada a respeito.

— Alguém beneficiaria com sua morte? Economicamente, me refiro.

— Não acho.

Nick franziu o cenho. Cruzou os braços e apertou a vista um momento. Sarah quase podia vê-lo assimilando os dados, juntando as partes do enigma. Estava tão perplexa quanto ele. Aquilo não fazia sentido. Geoffrey havia sido seu marido. E de repente começava a perguntar-se se Nick O'Hara não teria razão, quando disse que nunca o tinha conhecido. Que apenas haviam compartilhado uma casa e uma cama, mais seus corações.

Não, isso seria trair a sua memória. Ela acreditava em Geoffrey. Por que fazer caso deste desconhecido?

— Se já terminou... — disse, fazendo menção de levantar-se.

Nick a olhou sobressaltado, como se tivesse esquecido-se de sua presença.

— Não, ainda não.

— Não me sinto bem. Gostaria de ir para casa.

— Tem uma foto de seu marido? — perguntou bruscamente.

Sarah, tomada de surpresa, abriu a bolsa e tirou uma foto de sua carteira. Era uma boa foto de Geoffrey, tirada na Flórida durante a lua de mel. Seus olhos azuis olhavam diretamente para a câmera. Seu cabelo era dourado e brilhante e a luz do sol caía-lhe em ângulo, provocando sombras em seus traços atraentes. Sorria. Sarah tinha sido atraída desde o princípio por aquele rosto, não apenas por sua beleza, mas também pela força e inteligência que havia visto em seus olhos.

Nick O'Hara estudou a foto sem comentários. Sarah pensou que era muito diferente de Geoffrey. Cabelo escuro e rosto sério. Perguntou-se em que pensaria ele neste momento.

Seus olhos eram de um cinza impenetrável. Passou por um momento a foto ao senhor Greenstein e ele logo a devolveu em silêncio.

A jovem fechou a bolsa e o olhou.

— Por que me pergunta tudo isto?

— Tenho que fazê-lo. Sinto muito, mas é necessário.

— Para quem? — perguntou ela, tensa. Para você?

— Para a senhora também. E talvez para Geoffrey.

— Isso não tem sentido.

— Tomara que tenha quando conhecer as circunstâncias de sua morte.

— O senhor disse que foi um acidente.

— Disse que parecia um acidente — a observou com atenção. —

Quando falei depois com o senhor Corrigan, já tinham mais detalhes. Durante a investigação do fogo, encontraram uma bala entre os restos do colchão.

A jovem o olhou incrédula.

— Uma bala? Quer dizer...

Nick assentiu.

— Acreditam que ele foi assassinado.



# Dois

Sarah queria falar, mas a voz não lhe obedecia. Permaneceu quieta em sua cadeira, como uma estátua, incapaz de movimentar-se ou fazer outra coisa que não fosse olhar para ele, fixamente.

— Pensei que deveria saber disso — disse Nick. Teria que dizer, porque precisamos de sua ajuda. A polícia de Berlim quer informações sobre as atividades de seu marido, seus inimigos... A possível causa de sua morte.

A jovem balançou a cabeça.

— Não me ocorre... Não sei se... Meu Deus! — sussurrou.

O leve toque da mão em seu ombro a sobressaltou. Levantou a vista e viu que ele a olhava com preocupação. Pensou que ele temia que ela desmaiasse e afastou a mão dele com raiva. Não precisava da compaixão fingida de ninguém. Queria estar sozinha... Longe dos burocratas e suas pastas impessoais. Levantou-se com as pernas bambas.

Nick a tomou pelo braço e gentilmente fê-la sentar-se.

— Por favor, senhora Fontaine. Só preciso de um minuto mais.

— Deixe-me ir.

— Senhora Fontaine...

— Deixe-me ir!

A força de sua voz o surpreendeu. A soltou, mas não se afastou.

— Sinto muito — disse. Não era minha intenção aborrecê-la. Temi que...

— Sim? — olhou seus olhos cinza e algo, que encontrou neles, fez com que de repente quisesse acreditar nele, apesar de tudo. Não vou desmaiar — disse. Por favor, dei-me ir para minha casa.

— Claro, com toda certeza. Mas ainda tenho algumas perguntas.

— Não tenho mais nenhuma resposta. Não entende isso?

O homem ficou em silêncio por um momento.

— Entrarei em contato com a senhora mais tarde — disse por fim.  
Temos que decidir sobre o corpo.

— Ah, sim, o corpo — se pôs de pé, pestanejando para reprimir as lágrimas.

— Pedirei que o carro a leve em casa — se aproximou dela devagar, como se temesse assustá-la. Sinto muito por seu esposo. De verdade. Não hesite em me telefonar se quiser fazer alguma pergunta.

Sarah sabia que aquelas palavras não eram sinceras. Nicholas O'Hara era um diplomata que dizia o que lhe haviam ensinado a dizer. Certamente tinha repetido o mesmo a uma centena de viúvas diferentes.

Parecia que ele esperava alguma resposta, e ela lutou para recuperar a compostura e estendeu a mão, agradecendo. Em seguida, se voltou e saiu pela porta.

— Acredita que ela saiba de algo?

Nick olhou a porta que acabava de se fechar atrás de Sarah Fontaine.

— O que? — perguntou a Tim.

— Que seu marido era um espião?

— Isso nós não podemos afirmar.

— Vamos, Nick. Tudo isto cheira a espionagem. Geoffrey Fontaine não existia até cerca de um ano. Logo, aparecer seu nome num número de seguro social, certidão de casamento, um passaporte e sabe-se lá o que mais. O FBI nada sabe a respeito. Mas os agentes da Inteligência possuem arquivos sobre ele. Acha que sou ingênuo?

— O maior ingênuo sou eu — grunhiu Nick, aproximando-se de sua cadeira e sentando-se.

Que demônio era Geoffrey Fontaine?

Inclinou a cabeça para trás. Estava esgotado. Mas não podia tirar o caso da mente.

Quando viu Sarah entrar em seu escritório, ficou surpreso. Esperava uma mulher mais sofisticada. Seu marido era um viajante de primeira classe, um tipo que se movia entre Londres, Berlim e Amsterdã. Os homens assim tinham esposas esbeltas e elegantes. Mas Sarah era uma criatura magra e nervosa, e não podia-se dizer que fosse bonita. Seu rosto era muito anguloso, maçãs altas e salientes, nariz estreito, testa quadrada suavizada pela franja. Seu cabelo longo tinha uma cor marrom exuberante. Seus óculos de aro de chifre eram engraçados. Emolduravam os olhos âmbar, que eram o traço mais atraente de seu rosto. Sem maquiagem e de compleição delicada, parecia muito mais jovem que seus trinta anos.

Não, não era exatamente bonita. Mas durante a entrevista, Nick se surpreendera olhando seu rosto e pensando em seu casamento. E nela. Tim se pôs de pé.

— Bem, isso tudo me deixou faminto. Vamos à lanchonete.

— Não, vamos embora. Passei toda a manhã sentado aqui e vou acabar ficando louco — Nick pegou seu paletó e saíram juntos até a escada.

Um vento primaveril afagou seus rostos quando saíram para a rua. As cerejeiras começavam a florir. Mais uma semana e toda a cidade estaria coberta de flores rosas e brancas. Era a primeira primavera que Nick passava em Washington em oito anos e, tinha-se esquecido como era charmoso passear entre as árvores. Enfiou as mãos nos bolsos e se inclinou um pouco contra o vento.

— Onde vamos? — perguntou Tim.

— Ao Mary Jo's.

— O restaurante de saladas? Está de regime?

— Não, mas esse é um lugar tranquilo. Não quero muito barulho.

Pouco depois estavam sentados no restaurante. A garçonete serviu as suas saladas. Tim olhou a alface da sua e suspirou.

— Isto é comida para coelhos. Prefiro mil vezes um hambúrguer sangrento — olhou o amigo. Vamos. O que o preocupa? Seu novo cargo já o deixou deprimido?

— É uma bofetada. — disse o outro. Terminou seu café e acenou para a garçonete servir-lhe outro. Deixar de ser o número dois em Londres e passar a mexer com papelada em Washington.

— E por que não se demite?

— Talvez o faça. Desde o fiasco em Londres, minha carreira não vale muito. E agora tenho que suportar este bastardo do Ambrose.

— Continua fora?

— Mais uma semana. Até então pude trabalhar do meu jeito. São tantas tolices burocráticas. Juro que se voltar a trocar um de meus relatórios para adequarmos as “normas da administração”, vou vomitar.

— Seu problema é que você é competente e não é de rodeios como os demais. Eles não gostam de quem não conseguem entender. Além disso, você é liberal.

— Você também.

— Mas eu sou o monstrinho da informática. E se não me tolerassem, lhes fecharia os computadores.

Nick soltou uma gargalhada. Fazia muito tempo que conhecia Tim. Quatro anos dividindo o dormitório na universidade haviam formado vínculos fortes.

— Que vai fazer com o caso Fontaine? — perguntou seu amigo quando começaram a comer a sobremesa.

— Investigar um pouco.

— Vai comunicar isso a Ambrose? Ele gostaria de saber. E também a CIA, se é que já não sabem.

— Que descubram sozinhos. Esse é meu caso.

— A mim, soa a espionagem. Isso não é exatamente um assunto diplomático.

Mas Nick não gostava da ideia de entregar Sarah Fontaine a um agente da CIA. Ela lhe parecia muito frágil.

— É meu caso — repetiu.

Tim sorriu.

— Ah, a viúva. Será que ela faz seu tipo? Ainda não entendo a atração. O que não entendo, na verdade, é como conseguiu esse marido. Ele era um Apolo loiro. Não é o tipo de homem que fique com mulheres de óculos. Eu deduzo que se casou por ela por razões que não as normais.

— E quais as razões normais? Amor?

— Não. Sexo.

— Que diabo quer dizer?

— Humm. Que sensível. Você gostou dela, hein?

— Sem comentários.

— Me parece que sua vida amorosa tem estado muito deserta, desde o divórcio.

Nick colocou a xícara de café na mesa bruscamente.

— Para quê tantas perguntas?

— Apenas quero ver onde está com a cabeça. Não compreende? Agora precisamos que os homens confiem uns nos outros.

Nick suspirou.

— Não me diga. Você está fazendo outro desses cursos para aumentar a sensibilidade.

— Sim. São locais estupendos para se conhecer mulheres. Deveria experimentar.

— Não, obrigado. A última coisa que preciso é unir-me a um grupo cheio de mulheres neuróticas.

Tim olhou o amigo com pena.

— Tem que fazer alguma coisa. Não pode continuar solteiro o resto de sua vida.

— Por que não?

Tim soltou uma gargalhada.

— Porque nós dois sabemos que você nunca foi, necessariamente, um santo.

Claro que ele tinha razão. Nos quatro anos desde sua separação com Lauren, Nick tinha evitado qualquer relação íntima com mulheres, e isso começou a mudar seu jeito. Estava cada vez mais irritadiço. Havia tentado

salvar o que restava de sua carreira, mas tinha descoberto que o trabalho era um pobre substituto para o que realmente queria: um corpo quente e suave para abraçar; sorrisos à noite; pensamentos compartilhados na cama. Havia aprendido a viver sem tudo isso para não expor-se a sofrer novamente. Era o único modo de conservar a sanidade. Mas seus velhos instintos de homem não morriam facilmente. Não, ele não era nenhum santo.

— Tem notícias de Lauren? — perguntou Tim.

Nick fez um trejeito.

— Sim. Mês passado. Disse que sente a minha falta. Acho que ela sente a falta é da vida nas embaixadas.

— Bem, ela te telefonou. Parece promissor. Pode haver reconciliação.

— Sim? Pois para mim pareceu que sua última aventura não ia muito bem.

— Mas parece que ela lamenta o divórcio. Ficou com ela?

— Não. Não tive vontade.

Tim tornou a rir.

— Quatro anos chorando por seu divórcio e agora me diz isso.

— Olha, sempre que algo vai mal, ela procura o bom Nick. Já não posso suportar mais. Disse-lhe que já não estava disponível. Nem para ela, nem para ninguém.

Tim sacudiu a cabeça.

— Você renunciou as mulheres. Isso é um péssimo sinal.

— Nunca ninguém morreu disso — resmungou Nick. Deixou algumas notas sobre a mesa e se levantou. Não queria pensar em mulheres neste momento.

Embora, uma vez fora, passeando entre as cerejeiras, se surpreendeu pensando em Sarah Fontaine. Não na viúva, mas na mulher.

Afastou-a de seus pensamentos. Era a última mulher em Washington em quem deveria pensar. A objetividade era necessária em seu trabalho. E tinha que preservá-la.

## *Amsterdã*

O velho gostava de rosas. Gostava do perfume de suas pétalas, que esmiuçava entre os dedos. Frias e cheirosas... E não como as insípidas tulipas que seu jardineiro plantara perto do tanque de peixes. As tulipas eram totalmente cor e pouca personalidade. Mas as rosas persistiam, inclusive no inverno, nuas e com espinhos, como velhas raivosas encolhidas contra o frio.

Se deteve entre as roseiras e respirou fundo, desfrutando o aroma da terra molhada. Uma semana mais e abririam as flores. Como sua esposa tinha amado aquele jardim.

— Está frio — disse uma voz em holandês.

O velho olhou para o homem jovem de cabelos loiros que avançava entre os arbustos.

— Kronen. Finalmente chegou.

— Desculpe. Não pude vir antes — Kronen tirou os óculos e olhou o céu. Como de costume, evitava olhar diretamente o rosto do velho. Desde o acidente, todos evitavam olhá-lo, e isso o irritava. Havia cinco anos que ninguém o olhava nos olhos. Até Kronen, a quem havia chegado a considerar um filho, se esforçava para olhar para o outro lado. Todavia, os jovens da geração de Kronen sempre davam demasiada importância ao aspecto físico.

— Suponho que tudo correu bem em Basra — disse o velho.

— Sim. Um pequeno atraso, nada mais. Soube de problemas com o último carregamento... Os chips eletrônicos no mecanismo de navegação. Um dos mísseis não funcionou.

— Embaraçoso.

— Sim. Mas já falei com o fabricante.

Seguiram por um atalho entre as rosas até o tanque dos patos. O velho apertou o cachecol ao redor do pescoço para proteger-se do ar frio.

— Tenho um trabalho para você. — disse. Uma mulher.

Kronen se deteve com o interesse transparecendo em seu olhar. Seu cabelo parecia quase branco sob os raios do sol.

— Quem é?

— Se chama Sarah Fontaine. A esposa de Geoffrey Fontaine. Quero que descubra aonde ela te levará.

Kronen franziu a testa.

— Não compreendo senhor. Disseram-me que Fontaine foi morto.

— Siga-a, de qualquer maneira. Meu informante americano me disse que tem um apartamento simples em Georgetown. É microbióloga, trinta e dois anos. Apesar de seu casamento, não parece ter relação com a espionagem, mas nunca se pode ter certeza.

— Posso falar com esse informante?

— Não. Sua posição é muito... Delicada.

Kronen assentiu. Continuaram andando pelas margens do tanque. O velho tirou um pedaço de pão do bolso, jogou um punhado de migalhas na água e observou os patos aproximarem-se. Quando sua esposa Nienke era viva, vinha todas as manhãs dar de comer aos patos. Preocupava-se que os mais débeis não comessem o bastante.

E agora ele dava comida aos patos, não que se importasse, mas apenas porque ela gostava deles. Terminou de jogar o pão na água e sacudiu as mãos.

O tanque havia adquirido um tom cinza. Onde tinha se metido o sol?

— Quero saber mais sobre essa mulher — disse, sem olhar Kronen. Logo.

— É claro.

— Deve tomar cuidado em Washington. Sei que existem muitos criminosos ali.

— Kronen soltou uma gargalhada.

— Tot ziens, meneer.

O velho assentiu.

— Até breve.

O laboratório em que Sarah trabalhava estava imaculado. Os microscópios estavam limpos, as bancadas e pias foram minuciosamente



desinfetadas, as câmaras de incubação eram limpas duas vezes ao dia. Seu trabalho requeria uma grande higiene. Mas nesse dia, ao sentar-se em seu banco, teve a impressão de que a sua vida estava esterilizada como tudo aquilo.

Tirou os óculos e piscou com cansaço. Havia aço inoxidável por todo lado. As luzes eram duras e fluorescentes. Nem janelas, nem raios de sol. Lá fora tanto poderia ser dia quanto noite, e ela não notaria a diferença. Excetuando-se o zumbido do frigorífico, o laboratório estava silencioso.

Tornou a por os óculos e se inclinou até o microscópio. Do corredor chegou o som de saltos. A porta se abriu.

— Sarah? Que faz aqui?

A jovem olhou sua amiga Abby Hicks, que, com o seu jaleco tamanho 44, ocupava quase todo o umbral.

— Apenas quero colocar algumas coisas em dia. — respondeu. Acumulou-se tanto trabalho desde que não estou...

— Oh, por tudo que é sagrado. O laboratório pode arranjar-se sem você umas semanas. Já são oito horas. Vou revisar as culturas. Volte para casa.

— Não sei se quero — murmurou Sarah. — Está tão silenciosa. Quase prefiro estar aqui.

— Pois isso é tão animado quanto uma tumba... — Abby mordeu o lábio e corou. Apesar de seus 55 anos, podia ruborizar como uma colegial. — Desculpe.

Sarah sorriu.

— Não é nada.

Ficaram em silêncio um momento. Sarah se levantou e abriu a incubadora para guardar a bandeja de amostras na qual estivera trabalhando.

— Como está? — perguntou Abby com gentileza.

Sarah se voltou para a amiga.

— Levando, suponho.

— Todos sentimos a sua falta. Até o velho Grubb disse que isto não é o mesmo sem você e sua garrafa de desinfetante. Creio que todos têm receio de lhe telefonar. Suponho que não saibam como tratar com a dor. Mas nos importamos, Sarah.

A jovem assentiu, agradecida.

— Sim, eu sei. E agradeço a todos os assados, os cartões e flores. Agora tenho que voltar à normalidade. — olhou ao redor com tristeza. — Pensei que precisava voltar a trabalhar.

— Certas pessoas precisam da velha rotina. Outros têm que afastar-se por um tempo.

— Talvez devesse fazer isso. Sair de Washington um tempo. Afastar-me de todos os lugares que me fazem lembrar ele. — engoliu e tentou sorrir. — Minha irmã pediu que eu vá ao Oregon. Faz anos que não vejo meus sobrinhos. Já devem estar crescidos.

— Pois vá. Ainda não se passaram duas semanas. Tem que se dar algum tempo. Visite sua irmã. Chore um pouco mais.

— Levei muitos dias chorando. Entretanto, não pude suportar ver sua roupa pendurada no armário. — moveu a cabeça. Não é só perdê-lo que me dói. É todo o resto, também.

— A parte de Berlim.

— Sim. Não quero pensar demais, por isso vim aqui essa noite. — olhou ao redor. Mas é estranho. Antes adorava esse lugar. Agora me pergunto como pude aguentar seis anos. Todos esses armários frios e pias de aço. Sinto que não posso respirar.

— Mas sempre gostou de seu trabalho. Deve ser outra coisa.

— Não posso imaginar-me trabalhando aqui a vida toda. Geoffrey e eu passamos pouco tempo juntos. Três dias de lua de mel e nada mais. Logo tive que voltar correndo para terminar aquele maldito projeto. Sempre estávamos ocupadíssimos, sem tempo para férias. Agora não teremos outra oportunidade. — aproximou-se do seu banco e apagou a lâmpada do microscópio. — E nunca saberei por que... — sentou-se sem terminar a frase.

— Ouviu algo mais do Departamento de Estado?

— Esse homem me telefonou ontem. A polícia de Berlim liberou finalmente o corpo. Chegará amanhã. — seus olhos se encheram de lágrimas. — O enterro será sexta-feira. Você irá?

— Claro que sim. Iremos todos. Eu te levarei, certo? — se aproximou e colocou uma mão em seu ombro — Ainda está tudo muito recente. Tem todo o direito do mundo de chorar.

— Existem tantas coisas que eu nunca entenderei sobre a sua morte!

— Não ficaram muito tempo casados. Meu marido e eu passamos trinta anos juntos, antes de nos separarmos, e nunca cheguei a conhecê-lo. Não me surpreende que você não saiba tudo sobre Geoffrey.

— Mas era meu marido.

Abby ficou em silêncio um momento.

— Sabe — disse, hesitante — sempre houve algo nele que... Sempre tive a sensação de que nunca chegaria a conhecê-lo.

— Era tímido.

— Não era só isso. Era como se... Não quisesse se trair. Como se... — olhou para Sarah. Oh, não importa.

Mas sua amiga pensava que existia algo muito preciso naquela observação. Geoffrey nunca falava muito de si mesmo. Sempre parecia mais interessado nela, em seu trabalho, seus amigos. Quando se conheceram, esse interesse fora lisonjeiro. Era o primeiro homem que conhecia que a escutava de verdade.

Pensou em Nick O'Hara e o modo como a havia observado. Sim, ele também escutara. Mas esse era o seu trabalho. E não queria pensar nele. Não desejava voltar a vê-lo.

Colocou a capa plástica sobre o microscópio.

— Acho que vou para casa.

Abby aprovou com a cabeça.

— Bom. Não tem sentido se enterrar aqui. Esqueça o trabalho por um tempo.

— Está certa de que segura as pontas sem mim?

— Claro.

Sarah tirou a bata branca e a pendurou atrás da porta.

— Talvez me dê um tempo livre depois do funeral. Uma semana mais. Ou talvez um mês.

— Nem tanto — disse Abby. Queremos você de volta.

Sarah olhou ao redor mais uma vez.

— Voltarei — disse. Mas não sei quando.

O caixão deslizou pela rampa e aterrou na plataforma com um ruído surdo que fez Nick estremecer.

— Senhor O'Hara? Assine aqui, por favor.

Um homem com uniforme da empresa aérea lhe estendia alguns papéis. Nick examinou os documentos, os assinou e os devolveu. Olhou quando carregaram o caixão até ao carro fúnebre. Não queria pensar em seu conteúdo, mas às vezes não conseguia evitá-lo. Um corpo irreconhecível?

Afastou de si a imagem. Precisava de uma bebida. Já podia ir para casa. O carro fúnebre partiria até uma funerária e Sarah Fontaine estava encarregada a partir dali. Pensou que talvez deveria lhe telefonar uma última vez. Mas para que? Mais condolências? Já havia cumprido sua parte. Não restava nada a dizer.

Quando chegou ao seu apartamento, jogou sua maleta sobre o sofá e foi para a cozinha, onde se serviu de uma dose generosa de uísque e colocou o jantar preparado no forno. A campainha do interfone o assustou. Deu-se conta de que precisava de companhia. Qualquer companhia. Pegou no aparelho.

— Nick? É Tim. Abra.

— Certo. Suba.

Abriu a porta. Procurou no congelador e ficou aliviado ao encontrar mais dois pratos congelados. Colocou outro no forno. Foi até a porta e esperou que o elevador se abrisse.

— Preparado? — perguntou Tim, logo que o viu. — Adivinha o que descobri com meus amigos do FBI.

Nick suspirou.

— Tenho medo de perguntar.

— Lembra-se de Geoffrey Fontaine? Pois ele está morto, sim.

— E o que tem isso de novo?

— Não, me refiro ao verdadeiro Geoffrey Fontaine.

— Ouça — disse Nick. Praticamente encerramos este caso. Mas se quiser ficar e jantar...

Tim o seguiu para dentro do apartamento.

— O verdadeiro Geoffrey Fontaine morreu faz quarenta e dois anos.

Nick se voltou e o olhou diretamente nos olhos.

— Sim — exclamou Tim. Sabia que isso atrairia sua atenção.

# Três

O dia cheirava a flores. Sobre a grama, aos pés de Sarah, havia um monte de cravos, gladiolos e lírios. Este cheiro lhe provocaria náuseas pelo resto da vida.

Sempre lhe recordariam aquela colina, as lápides entre a relva e a névoa que cobria o vale abaixo. Sobretudo, recordar-se-ia da dor. Tudo o mais... As palavras do ministro, o aperto da mão de Abby no seu braço, as gotas da chuva fria sobre o rosto... Apenas o sentia.

Forçou-se a olhar o buraco escuro na terra a seus pés e, fixou o olhar na colina do outro lado do vale. Através da neblina adivinhava-se um leve tom róseo. As cerejeiras estavam em flor. Mas a visão a entristeceu ainda mais. Geoffrey não veria aquela primavera.

A voz do ministro se tornou num zumbido irritante. A chuva embaciou os óculos de Sarah; a neblina se tornava mais forte, afastando-a do mundo. Um movimento repentino de Abby a devolveu à realidade. Haviam descido o caixão. Viu que todos a olhavam, esperando. Eram seus amigos, mas com a dor apenas os reconhecia. Até Abby lhe parecia uma estranha neste momento.

Agachou-se automaticamente e tomou um punhado de terra. Estava molhada e cheirava a chuva. Atirou-a no túmulo. O barulho sobre o caixão lhe causou um sobressalto. Os rostos passaram perante ela como fantasmas na névoa. Seus amigos falavam suavemente, mas ela não prestava atenção. O cheiro das flores invadia seus sentidos, e não teve consciência de mais nada, até que olhou ao redor e viu que todos haviam ido. Apenas ela e Abby ficaram em frente ao túmulo.

— Está começando a chover mais forte — disse sua amiga.

Sarah ergueu os olhos e viu as nuvens que desciam sobre elas como um manto frio de prata. Abby lhe passou um braço pelos ombros e conduziu-a até ao estacionamento.

— Nós duas precisamos de uma xícara de chá — disse. Era seu remédio preferido para tudo. Havia sobrevivido a um divórcio e a ida de seus filhos para a universidade, à base de Earl Grey. — Uma xícara de chá e poderemos conversar.

— Eu gostaria de um chá. — confessou Sarah.

Continuaram a andar de braços dados.

— Sei que agora isso não significa nada para você — disse Abby — mas a dor passará. Eu garanto. As mulheres são fortes quanto a isso. Temos que ser.

— E se eu não for?

— Você é. Não há dúvidas.

Sarah balançou a cabeça.

— Agora duvido de tudo. E de todos.

— Não de mim, espero.

A jovem olhou o rosto rechonchudo de Abby e sorriu.

— Não. De você não.

— Fico feliz. Quando chegar à minha idade, verá que tudo é... — se deteve de repente. Sarah seguiu a direção de seu olhar.

Um homem se aproximava delas através da névoa.

Sarah olhou seu cabelo escuro e seu casaco cinza molhado. Era evidente que andara ao ar livre, certamente desde o funeral. O frio havia enrijecido seu rosto.

— Senhora Fontaine?

— Olá, senhor O'Hara.

— Sei que é um péssimo momento, mas levei dois dias tentando falar com a senhora. Não respondeu minhas chamadas.

— Não.

— Tenho que lhe falar. Ocorreu algo que creio que deveria saber.

— Sarah, quem é esse homem? — perguntou Abby.

Nick voltou-se para ela.

— Nick O'Hara. Sou do Departamento de Estado. Se não se importa, gostaria de falar a sós, por um momento, com a senhora Fontaine.

— Talvez ela não queira falar com o senhor.

O homem olhou para Sarah.

— É importante.

A jovem vacilou.

— Por favor, senhora Fontaine.

Sarah assentiu.

— Estarei bem — disse a Abby.

— Mas não podem conversar aqui. Dentro em pouco choverá a cântaros.

— Posso levá-la para casa — ofereceu Nick. Viu o olhar duvidoso de Abby — É sério. Não sou má pessoa. A tratarei bem.

Abby abraçou a amiga.

— Ligarei para você esta noite. E tomaremos café da manhã juntas amanhã.

Seguiu de má vontade até ao seu carro.

— Parece uma boa amiga — comentou Nick.

— Trabalhamos juntas há anos no mesmo laboratório.

Nick olhou o céu, que estava escuro pelas nuvens.

— Sua amiga tem razão. Vai chover bastante. Vamos. Meu carro está logo ali.

Tocou seu braço com delicadeza e ela se adiantou mecanicamente, deixando-se guiar até ao assento dianteiro do carro. Nick sentou-se a seu lado e fechou a porta.

Permaneceram um momento em silêncio. O veículo era um volvo velho, prático e um modelo feito para transporte e nada mais. De alguma forma, combinava com ele. No interior fazia calor e os óculos de Sarah embaciaram-se. Ela os tirou e voltou-se para olhá-lo. Viu que seu cabelo estava molhado.



— Deve estar com frio. — disse ele. Irei levá-la para casa.

Ligou o carro e uma rajada de ar saiu do sistema de aquecimento.

— Pela manhã fazia um ótimo tempo — comentou a mulher, vendo a chuva cair.

— É imprevisível. Como tudo o mais.

Guiou o carro até a estrada em direção à cidade. Era um motorista tranquilo, de mãos firmes. Dos que sabem correr poucos riscos. Sarah se recostou no assento, desfrutando o ar quente.

— Por que não me ligou? — perguntou ele.

— Foi uma grosseria de minha parte. Me desculpe.

— Não respondeu minha pergunta. Por quê?

— Porque não queria ouvir mais especulações sobre Geoffrey nem sobre sua morte.

— Nem mesmo os dados?

— O senhor não me deu dados, senhor O'Hara. Apenas suposições.

O homem olhava a estrada com ar sombrio.

— Agora tenho dados, senhora Fontaine. Só me falta um nome.

— De que está falando?

— Seu marido. Disse que o conheceu há seis meses em uma lanchonete. Começaram a namorar e se casaram quatro meses depois. Não é isso?

— Sim.

— Não sei como dizer-lhe isto, mas o verdadeiro Geoffrey Fontaine morreu há quarenta e dois anos. Ainda criança.

Sarah não pode acreditar no que ouvia.

— Não compreendo...

Nick não olhou para ela; continuou falando com os olhos fixos na estrada.

— O homem com quem se casou roubou o nome de uma criança morta. É muito fácil. Procura o nome de um bebe que morreu aproximadamente no mesmo ano que você nasceu. Solicita uma cópia da certidão de nascimento e com ela pode solicitar um cartão de identidade e, o

mesmo se faz com outros documentos. Transforma-se aquela criança num adulto. Uma nova identidade. Uma nova vida.

— Mas... Como sabe tudo isso?

— Atualmente, pode-se rastrear tudo com os computadores. Depois de algumas investigações, descobri que Geoffrey Fontaine não fez o Serviço Militar obrigatório, nem frequentou nenhuma escola. Nem jamais teve qualquer conta bancária até um ano atrás, quando seu nome apareceu de repente numa dezena de lugares diferentes.

Sarah ficou sem ar.

— Então, quem ele era? — sussurrou por fim. Com quem me casei?

— Não sei.

— Por quê? Por que quis começar uma vida nova?

— Tenho muitas teorias. A primeira coisa que pensei foi que o procuravam por algum crime. Mas passei suas digitais nos computadores do FBI e ele não era listado.

— Então não era um criminoso.

— Não havia provas de que fosse. Outra possibilidade era que estivesse em algum programa de proteção de testemunhas e lhe tivessem dado esse nome para protegê-lo. Para mim é difícil comprovar isso. Os dados são muito secretos. Ainda que isso nos desse um motivo para seu assassinato.

— Quer dizer que pode encontrar as pessoas contra quem ele testemunhou?

— Correto.

— Mas ele teria me dito.

— Por isso estou mais inclinado por outra possibilidade. Talvez você pudesse confirmá-la.

— Continue.

— E se o novo nome e vida de seu marido fossem parte de seu trabalho? Talvez não quisesse, mas foi enviado aqui.

— Quer dizer que ele era um espião — disse ela suavemente.

Nick olhou-a e concordou com a cabeça. Seus olhos eram tão cinzas quanto as nuvens tempestuosas do lado de fora.

— Não acredito. — disse ela. Não acredito nisso.

— É verdade. Garanto a você.

— E por que me conta isso? Como sabe que não sou cúmplice?

— Acredito que está limpa, senhora Fontaine. Já pesquisei sua ficha...

— Oh! Também eu tenho uma ficha?

— Tiveram que investigá-la para assumir seu cargo, lembra-se? Devido a isso, tem uma ficha.

— Claro.

— Mas isso não é apenas o que me faz pensar que está inocente. Também minha intuição. Convença-me de que estou certo.

— Como? Quer que eu passe pelo detector de mentiras?

— Comece falando-me sobre você e Geoffrey. Eram apaixonados?

— Claro que éramos.

— Então foi um casamento de verdade? Tinham... Relações?

A jovem enrubesceu.

— Sim. Como qualquer casal normal. Quer saber também com que frequência? Quando?

— Não a estou julgando. Estou arriscando meu pescoço por você. Se não gosta de meus métodos, talvez prefira a CIA.

— Nada foi dito a eles?

— Não — ergueu o queixo em um gesto de afronta. — Não gosto do jeito deles atuarem. Posso ser punido por isso.

— E por que se arrisca?

Nick encolheu os ombros.

— Curiosidade. E talvez uma oportunidade para ver o que posso fazer sozinho.

— Ambição?

— Suponho que sim, em parte. Além disso... — a olhou e seus olhos se cruzaram.

Ficou em silêncio.

— Além disso, o quê? — perguntou ela.

— Nada

A chuva deixava listras no para-brisa. Nick deixou a estrada e entrou no tráfego da cidade. Sarah ficava nervosa de viajar pela cidade em horários de pico, mas nesse dia sentia-se estranhamente segura. Tudo naquele homem transmitia segurança... A firmeza de suas mãos no volante, o calor de seu carro, o timbre baixo de sua voz. Era fácil imaginar o quanto uma mulher devia se sentir confortada em seus braços.

— Mas já posso ver que teremos muitas perguntas sem respostas — disse ele. Talvez você conheça algumas respostas.

— Não tenho respostas.

— Começaremos pelo que sabe.

A jovem balançou a cabeça, confusa.

— Estive casada com ele e nem sequer conheço o seu verdadeiro nome!

— Todos, incluindo os melhores espões, cometem erros. Teve que baixar a guarda em algum momento. Talvez tenha dito algo que não conseguisse explicar. Pense.

Sarah mordeu o lábio. Não pensava em Geoffrey, e sim em Nick. Ele a havia balançado.

— Ainda que houvesse algo, certamente não lhe dei importância.

— Por exemplo?

— Oh, creio que algumas vezes me chamou de Eve. Mas logo em seguida desculpou-se. Disse que era o nome de uma antiga namorada.

— E família? Amigos? Falava deles?

— Dizia que, nasceu em Vermont e cresceu em Londres. Seus pais eram gente de teatro. Estão mortos. Nunca falava de outros parentes. Sem parecia... Autossuficiente. Não tinha amigos íntimos. Pelo menos, nunca me apresentou a ninguém.

— Investiguei o seu trabalho. Aparecia na relação de funcionários do Banco de Londres. Teria uma mesa em algum escritório. Mas ninguém se lembra do que ele fazia, exatamente.

— Então talvez nem isso fosse real.

— Parece ser isso.

Sarah afundou-se mais no assento. Queria chegar ao seu apartamento e tomar uma xícara de chá. Olhou pela janela. Connecticut Avenue brilhava sob a chuva. O vento havia arrancado metade das flores das cerejeiras; o primeiro sopro de primavera não havia durado muito.

Pararam em frente ao seu prédio e Nick rodeou o carro para abrir-lhe a porta. Era um gesto curioso, igual aos de Geoffrey, galante e pouco prático. Quando entraram no saguão estavam ambos encharcados. A chuva escorria pelos cabelos dele em riscos escuros na testa.

— Suponho que tenha mais perguntas — suspirou ela, avançando para a escada.

— Se está me perguntando se quero subir, a resposta é sim.

— Para tomar um chá ou para me interrogar?

O homem sorriu.

— Um pouco dos dois. Custou tanto encontrá-la que tenho que aproveitar.

Chegaram ao segundo andar. A jovem estava a ponto de dizer algo, mas ficou paralisada. A porta de seu apartamento estava aberta.

Recuou instintivamente, assustada com o que pudesse haver lá. Tombou com Nick e lhe apertou um braço, sem palavras. O homem olhou a porta aberta com o rosto tenso. Da porta aberta escapava a luz do corredor.

Nick fez-lhe sinal para permanecer onde estava e se aproximou da porta com cuidado. Sarah começou a segui-lo, mas ele lhe lançou um olhar de advertência, e ela recuou.

O homem permaneceu alguns segundos no umbral, olhando o apartamento à frente. Depois, entrou.

Sarah esperou no corredor, assustada pelo silêncio absoluto. Que ocorria lá dentro? Uma sombra apareceu no umbral, e a olhou com terror até que descobriu, aliviada, que se tratava de Nick.

— Não há ninguém aqui. — disse.

A jovem entrou atrás dele. Parou na sala de estar, surpreendida pelo que via. Tinha esperado encontrar vazios os lugares onde estava a televisão e o aparelho de som. Mas não haviam tocado em nada. Até o relógio antigo continuava em seu lugar na estante.

Correu ao quarto com Nick atrás. Foi diretamente ao porta-joias na cômoda. Ali, sobre o veludo vermelho, estavam as suas pérolas, como sempre. Fechou a caixa e examinou o quarto, a cama de casal, o criado com o abajur chinês, o armário.

Olhou Nick, confusa.

— Que falta? — perguntou ele.

— Nada. Será que eu deixei a porta aberta?

O homem saiu do quarto para o corredor. Sarah o encontrou examinando o portal.

— Olhe — mostrou lascas de madeira e fragmentos de tinta branca. — Foi forçada.

— Mas isso não faz sentido. Por que entrar em um apartamento e não levar nada?

— A menos que não tenham tido tempo — colocou-se de pé. Você parece abalada. Você está bem?

— Estou... Surpresa.

O homem tocou-lhe na mão.

— Está gelada. É preciso que troque essa roupa molhada.

— Estou bem, senhor O'Hara. De verdade.

— Vamos. Tire seu casaco — insistiu ele. — E sente-se enquanto dou uns telefonemas.

Algo em seu tom de voz a levou a obedecer. Deixou que tirasse seu casaco e se sentou no sofá. Tinha a sensação de haver perdido o controle de suas ações. De que, Nick O'Hara havia se apoderado de sua vida assim que entrou em seu apartamento.

Ergueu-se em protesto e se dirigiu à cozinha.

— Sarah?

— Vou fazer um chá.

— Não se incomode...

— Não é incomodo. Creio que ambos precisamos disso.

Da porta da cozinha o viu digitar um número. Quando colocou a água para ferver, ouviu-o dizer:

— Quem é? Com Tim Greenstein, por favor. É Nick O'Hara. Sim, aguardo.

A pausa que se seguiu pareceu eterna. Nick começou a andar de um lado a outro, como um animal enjaulado. Primeiro tirou o sobretudo e depois afrouxou a gravata.

Sua agitação parecia despropositada numa sala tão pequena e organizada.

— Não deveria chamar a polícia? — perguntou ela.

— O farei em seguida. Primeiro gostaria de ter uma conversa informal com o FBI. Se conseguir chegar a eles.

— Por quê?

— Tem algo nisso tudo que...

O apito da chaleira abafou suas últimas palavras. Sarah encheu o bule e levou a bandeja para a sala, onde Nick seguia esperando, ao telefone.

— Maldição! — murmurou para si. — Onde, diabos, estará Greenstein?

— Aceita um chá?

— Humm? — voltou-se para a xícara que ela lhe estendia. — Sim. Obrigado.

A jovem sentou-se no sofá com outra xícara.

— O senhor Greenstein trabalha para o FBI? — perguntou.

— Não, mas tem um amigo que... Quem fala? Tim? Já era tempo. Por que não atendia ao telefone?

No silêncio que se seguiu, o rosto de Nick e a tensão que seus ombros e costas disseram a Sarah que algo ia mal. Ele havia empalidecido.

— Com que diabos Ambrose soube de tudo? — perguntou, afastando-se de Sarah.

Outro silêncio. A mulher olhou suas costas, perguntando-se que tipo de catástrofe podia irritar tanto Nick O'Hara. Até então, parecia-lhe ser um homem no controle de suas emoções. Agora não. Sua fúria a surpreendeu, ainda que, de certa maneira, também mostrava que ele era humano.

— Está bem — disse ao telefone. — Chegarei em meia hora. Ouça, Tim, aconteceu algo mais. Arrombaram o apartamento de Sarah. Não, não tocaram em nada. Pode me dar o número de telefone de seu amigo do FBI? Sim, sinto envolvê-lo nisso, mas — virou-se para a jovem, preocupado. — Certo. Meia hora. Te vejo no escritório de Ambrose — desligou com um sorriso.

— Que aconteceu? — perguntou ela.

— Assim terminaram oito anos gloriosos com o Departamento de Estado — murmurou ele. Pegou no seu paletó com raiva e andou até à porta. — Tenho que ir. Entretanto, ainda tem o ferrolho. Use-o. Ou melhor, ainda, fique com uma amiga esta noite e chame a polícia. Liguei quando puder.

A mulher o seguiu até ao corredor.

— Mas...

— Mais tarde — gritou ele, por sobre o ombro.

Atirou-se escada abaixo e Sarah fechou a porta, colocou o ferrolho e olhou ao redor.

Os exemplares de Avanços em Microbiologia continuavam amontoados na mesa de centro. Na estante estava o vaso com pétalas de rosa. Tudo estava como sempre.

Não, nem tudo. Havia algo diferente. Mas não podia definir o que era.

Demorou um pouco a descobrir. Havia um espaço vazio na estante. Faltava a foto de seu casamento.

Um grito de raiva saiu de sua garganta. Pela primeira vez, desde que entrara, sentiu raiva por terem invadido a sua casa. Era apenas uma fotografia, dois rostos felizes sorrindo para a câmara, mas era o seu bem mais importante. O único que ficara de Geoffrey. Ainda que seu casamento tivesse sido mera ilusão, não queria jamais esquecer como o havia amado.



De todas as coisas que havia no apartamento, por que será que alguém levaria a fotografia?

A campainha do telefone a assustou. Certamente seria Abby, que tinha prometido telefonar. Levantou o fone.

— Alô?

— Venha, Sarah. Quero você.

Um grito brotou em sua garganta. A sala girava e estendeu um braço em busca de apoio. O fone caiu-lhe das mãos no tapete. Não podia ser! Geoffrey estava morto...

Agachou-se no chão, procurando o telefone, empenhada em ouvir a voz que somente poderia pertencer a um fantasma.

— Alô? Alô? Geoffrey! — gritou.

O eco distante havia sumido. Somente o silêncio e, segundos depois, o ruído de desligado.

Mas tinha ouvido o suficiente. Tudo o que aconteceu nas últimas semanas se apagou, como se fosse um pesadelo recordado à luz do dia. Nada disso tinha sido real. A voz que acabara de ouvir... Uma voz que conhecia muito bem, isso sim era real.

Geoffrey estava vivo.

# Quatro

— Já estou cheio, O'Hara! — Charles Ambrose estava de pé, diante da porta fechada de seu escritório, e apontou para o seu relógio — E ainda se atrasa vinte minutos!

Nick tirou seu casaco, imperturbável.

— Sinto muito. Não tive como evitar. Está chovendo muito.

— Sabe quem está me esperando agora em meu escritório? Tem ideia?

— Não. Quem?

— Um filho da... — Ambrose baixou bruscamente a voz. — A CIA! Um cara chamado Van Dam. Esta manhã ligou para me perguntar sobre o caso Fontaine. E eu não sabia do que ele estava falando. Ele teve de explicar-me o que acontece no meu próprio departamento. Pelo amor de Deus, que diabos acha que está fazendo?

Nick retribuiu calmamente seu olhar.

— Meu trabalho.

— Seu trabalho era dar os pêsames à viúva e entregar o corpo. Nada mais. E Van Dam disse que está bancando o James Bond com Sarah Fontaine.

Ambrose se voltou e abriu a porta de seu escritório.

— Venha aqui, O'Hara.

Nick o seguiu sem pestanejar.

As cortinas estavam abertas e a última luz do dia caía sobre os ombros de um homem sentado à mesa de Ambrose. Um homem de quarenta e tantos anos, alto e de olhos tão claros quanto o dia. Tinha as mãos dobradas em postura de oração. Não havia nem rastro de Tim Greenstein. Ambrose

fechou a porta e se sentou ao lado. O fato de ter sido expulso de sua própria cadeira, dizia bastante sobre a importância do usurpador.

— Sente-se, senhor O'Hara — disse este. — Sou Jonathan Van Dam.

Nick obedeceu.

Van Dam o observou por um momento em silêncio com seus olhos incolores. Depois, pegou numa pasta... O histórico de todo o trabalho de Nick.

— Espero que não esteja nervoso. Não tem importância — olhou um papel. — Você trabalha há oito anos no Departamento de Estado.

— Oito anos e dois meses.

— Dois anos em Honduras, dois no Cairo e quatro em Londres. Todos em consulados. Um bom histórico, com exceção dos relatórios pessoais negativos. Aqui diz que em Honduras o senhor se mostrou muito... Simpático com os problemas dos nativos.

— Porque a nossa política ali não aborrece.

Van Dan sorriu.

— Acredite, o senhor não é o primeiro que diz isso.

O sorriso pegou Nick de surpresa. Olhou com suspeita para Ambrose que, sem dúvida, esperava uma execução e parecia decepcionado.

Van Dam recostou-se na cadeira.

— Senhor O'Hara, este é um país com liberdade de expressão. Eu respeito os homens que pensam por si mesmos, homens como o senhor. Infelizmente, o pensamento independente não é algo que sirva ao serviço do Governo. Foi isso que originou este segundo relatório?

— Suponho que se refere ao incidente em Londres.

— Sim. Poderia explicá-lo?

— Estou certo que Roy Potter lhes enviou um relatório com sua versão da história.

— Conte-me a sua.

Nick recostou-se na cadeira. As lembranças do incidente bastavam para ressuscitar novamente sua raiva.

— Ocorreu na semana em que o nosso cônsul, Dan Lieberman, estava fora e eu o substituíra. Um homem chamado Vladimir Sokolov procurou-me uma noite. Era agregado da embaixada russa em Londres. Eu o conhecia de vista em festas. Sempre me pareceram um homenzinho nervoso, preocupado. Falou-me em particular numa recepção em honra do embaixador. Queria pedir-me asilo. Tinha informações para entregar, informações que me pareceram boas. Imediatamente, levei o assunto a Roy Potter — Nick olhou Ambrose. — Potter era o chefe do serviço de inteligência da nossa delegação em Londres. — voltou o olhar para Van Dam. — Potter se mostrou cético. Primeiro, queria usar Sokolov como um agente duplo. Tentei convencê-lo de que aquele homem corria um perigo real. E tinha família em Londres, esposa e dois filhos. Mas Potter decidiu esperar antes de conceder-lhe asilo.

— Compreendo suas razões. Sokolov tinha fortes vínculos com a KGB. Eu também teria questionado seus motivos.

— Sim? Se não o tivesse denunciado à KGB, seus filhos não o teriam encontrado morto dias mais tarde. Nem mesmo os soviéticos matam seus agentes sem um bom motivo. Seu pessoal o abandonou à própria sorte.

— É um trabalho perigoso, senhor O'Hara. Essas coisas acontecem.

— Estou certo disso. Mas eu sentia uma responsabilidade pessoal neste caso. E não pensava permitir que Roy Potter esquecesse a sua.

— Aqui diz que brigaram aos gritos nas escadas da embaixada — Van Dam sacudiu a cabeça e soltou uma gargalhada. — O senhor chamou o senhor Potter de uma variedade de... Coisas interessantes. Deus meu, tem uma que nunca ouvi antes. E diante de testemunhas.

— Disso declaro-me culpado.

— O senhor Potter também afirma que o senhor se mostrou... Cito textualmente “completamente descontrolado e à beira da violência”.

— Não estive à beira da violência.

Van Dam fechou a pasta e sorriu compreensivo.

— Sei o que se sente, senhor O'Hara, quando alguém se vê rodeado de incompetentes. Deus sabe que não se passa um único dia sem que me

pergunte como é possível que este país continue de pé. E não falo apenas do mundinho da Inteligência, mas de tudo. Sou viúvo, sabe, e minha esposa me deixou uma casa enorme para manter. Não encontro uma governanta ou um jardineiro que conserve vivas as azáleas. Às vezes, no trabalho, tenho vontade de mandar tudo à merda, esquecer algumas normas e fazer as coisas a meu modo. Não sente o mesmo? Acredito que sim. Vejo que é um inconformado com tudo isto.

Nick começou a sentir que se havia deixado aprisionar numa conversa estranha. Aonde queria chegar exatamente aquele homem?

— Vejo que trabalhou na Universidade Americana antes de entrar no Departamento de Estado — disse Van Dam.

— Fui professor adjunto de linguística.

— E já na Universidade o senhor era bastante independente. Essas coisas não mudam. O senhor Ambrose disse que você não se encaixa neste departamento. Suponho que às vezes deve sentir-se sozinho.

— O que quer dizer, senhor Van Dam?

— Que um homem solitário pode achar... Tentador associar-se com outros inconformistas. Que, se está furioso, podem convencê-lo a cooperar com outros interesses.

Nick ficou rígido.

— Não sou um traidor, se é isto que está insinuando.

— Não, não. Eu não disse nada disso. Não gosto dessa palavra, traidor. É tão imprecisa! Além de tudo, a definição de traidor varia com a orientação política de cada um.

— Eu sei o que é um traidor, senhor Van Dam. E ainda que, não esteja de acordo com grande parte de nossa política, isso não me torna um.

— Então talvez possa me explicar sua participação no caso Fontaine.

Nick obrigou-se a respirar fundo. Afinal haviam chegado ao que importava.

— Geoffrey Fontaine morreu na Alemanha há duas semanas. Minha tarefa de rotina seria avisar a viúva. Certas coisas que ela me disse me

preocuparam. Introduzi o nome de Fontaine no computador... Uma comprovação de rotina. E encontrei muitas lacunas. Chamei um amigo...

— O senhor Greenstein — entrevistou Van Dam.

— Escute, não o meta nisso. Apenas me fez um favor. Tem um amigo no FBI que procurou o nome de Fontaine. Não encontrou nada. Eu tinha mais perguntas que respostas e fui ver a viúva.

— Por que não nos procurou?

— Não sabia que a autoridade de vocês se estendia por todo o nosso país. Legalmente falando, claro.

Pela primeira vez surpreendeu um brilho de irritação no olhar de Van Dam.

— Compreende que pode ter causado um dano irreparável?

— Não compreendo.

— Teríamos tudo sob controle. Agora, temo que o senhor a tenha advertido.

— Advertido? Mas Sarah está tão no escuro quanto eu.

— Essa é a conclusão de um espião amador?

— É um palpite.

— O senhor conhece todas as implicações...

— Quais são as implicações?

— Que a morte de Geoffrey Fontaine é duvidosa. Que sua esposa pode saber mais que o senhor acredita. E que neste caso, há mais coisas em jogo do que você imagina.

Nick o olhou atônito. Que significava aquilo? Geoffrey Fontaine poderia estar vivo? Sarah seria tão boa atriz para tê-lo enganado?

— Que há em jogo neste caso? — perguntou.

— Digamos que pode haver repercussões internacionais.

— Geoffrey Fontaine era um espião?

Van Dam apertou os lábios. Não disse nada.

— Olhe — continuou Nick. — Já estou farto disto. Por que me interrogam por um assunto consular de rotina?

— Senhor O'Hara, eu vim para fazer perguntas, não para contestá-las.

— Perdoe-me por interferir em seus procedimentos operativos.

— Às vezes o senhor pode mostrar-se muito pouco diplomático — Van Dam olhou Ambrose. — Não sei se ele está limpo. Mas estou de acordo com seu plano de ação.

Nick franziu a testa.

— Que plano de ação?

Ambrose pigarreou.

— Estivemos revisando seu histórico, e depois dessa última... Indiscrção, penso que deverá tirar uma licença, por tempo indefinido, do departamento. Temos que reavaliar a sua situação, e estará afastado até que comprovemos se está envolvido em algo subversivo. Se encontrarmos provas de algo mais grave que uma mera indiscrção, tornará a ter notícias do senhor Van Dam. E agora, certamente, também do Departamento de Justiça.

Nick não precisava de tradução. Acabara de ser considerado um traidor. A resposta lógica seria defender sua inocência e demitir-se ali mesmo. Mas não tinha a intenção de fazê-lo diante de Jonathan Van Dam.

Pôs-se de pé.

— Compreendo. É tudo, senhor?

— É tudo, senhor O'Hara.

Nick saiu do escritório. Depois de oito anos no Departamento de Estado, um pouco de curiosidade tinha conseguido despedi-lo.

E o mais engraçado era que, com exceção da parte em que eles o consideravam um traidor, não lhe preocupava em absoluto perder o emprego.

De fato, quase sentia como se lhe tivessem tirado um peso de cima. Estava livre. Haviam tomado por ele a decisão que levava tanto tempo para decidir. De certa maneira, tinha sido inevitável.

Agora poderia começar uma nova vida. Havia economizado o suficiente para viver uns seis meses sem precisar fazer nada. Talvez voltasse para a Universidade. Os últimos oito anos lhe haviam fornecido uma grande dose de realidade; seria melhor professor do que antes. Quando começou a recolher suas coisas, estava sorrindo.

Esvaziou as gavetas, uma a uma, colocando numa caixa o lixo acumulado naqueles meses. Depois, guardou suas dezenas de jornais. Surpreendeu-se ao ouvir-se assobiar. Seria uma noite espetacular para embebedar-se. Ou pensando melhor, poderia evitar a ressaca. Tinha muitas coisas para fazer, muitas respostas que buscar. Poderia suportar perder o trabalho, mas não iria permitir que questionassem sua lealdade. Isso teria que esclarecer. E para isso teria que ver novamente Sarah Fontaine.

A ideia não o desagradou. A necessidade de vê-la tornou-se urgente. Ele deixou a caixa sobre a mesa e discou o número dela. Como sempre, a secretária eletrônica respondeu. Desligou com um palavrão, e recordou a sua sugestão para que ela ficasse com a sua amiga.

— Nick.

Tim Greenstein entrou na sala.

— Que está fazendo aqui?

Nick o olhou surpreso.

— Que acha? Estou limpando minha mesa.

— Esvaziando sua... Quer dizer que o demitiram?

— Mais ou menos. Pediram-me para que tirasse umas férias não remuneradas bem longas.

— Puxa, sinto muito — Tim estava muito pálido, como se tivesse recebido uma má notícia.

— Onde você estava? — perguntou Nick. — Pensei que nos fôssemos encontrar no escritório de Ambrose.

— Atrasei-me com o meu supervisor. E com o FBI. E com a CIA. Não foi agradável. Inclusive ameaçaram cancelar a minha permissão para usar os computadores. Que crueldade!

Nick balançou a cabeça e suspirou.

— É minha culpa, certo? Sinto muito. Parece que entramos em terreno proibido. Também incomodaram seu amigo do FBI?

— Não. O curioso é que ele pode sair lucrando com isso. Suas investigações prejudicaram a CIA e no FBI isso é premiado. — Tim começou a rir, mas sem vontade.



— Que foi? — perguntou Nick.

— Não gosto disso. Metemos-nos num vespeiro.

— Bem, essa não é a primeira vez que lidamos com espões. Que há de especial em Geoffrey Fontaine?

— Não sei. E não quero saber mais nada do que já sei.

— Perdeu a curiosidade?

— Desde agora. E você também deveria.

— Eu tenho um interesse pessoal no caso.

— Deixe disso, Nick. Para seu próprio bem. Arruinará sua carreira.

— Minha carreira já está arruinada. E quero passar mais um tempo com Sarah Fontaine.

— Nick, como seu amigo, lhe peço que a esqueça. Está se enganando com ela. Não é tão inocente quanto parece.

— Isso é o que todos dizem, mas eu sou o único que esteve com ela.

— Olhe, está enganado com ela, ok?

O tom agudo de Tim confundiu Nick. Que acontecia ali? Olhou seu amigo nos olhos.

— Que está tentando dizer-me? — perguntou.

Tim parecia infeliz.

— Riram de você, Nick. Meu amigo do FBI tem seguido seus passos e seus contatos. E acaba de me telefonar para me dizer...

— O que?

— Ela sabe de algo. É a única explicação.

— Maldição, Tim. Que está acontecendo?

— Pouco depois de sair de seu apartamento, ela tomou um táxi até o aeroporto e pegou um avião.

Nick o olhou, incrédulo.

— Aonde ela foi?

Tim o olhou, pesaroso.

— Para Londres.

## *Londres*

Era o lugar mais lógico para começar. Londres havia sido a cidade predileta de Geoffrey, uma cidade de parques verdes e ruas pavimentadas, de ruas onde homens de roupas escuras e chapéus altos se misturavam com hindus de turbantes.

Ele havia falado da Catedral de São Paulo, erguendo-se muito acima dos telhados; das tulipas vermelhas e amarelas que cobriam o Regent Park; do Soho, onde imperava o riso e a música. Ela havia escutado tudo aquilo e agora, olhando pela janela do táxi, sentia a mesma emoção que Geoffrey deveria ter sentido sempre que ia a Londres. Via ruas amplas e limpas, e guarda-chuvas negros cobrindo as calçadas. Nos parques, se abriam as primeiras flores da primavera. Era a cidade de Geoffrey. Ele a conhecia e amava. E se estivesse em apuros, seria o lugar que escolheria para esconder-se.

O táxi a deixou em frente ao Savoy. A recepcionista, uma mulher de rosto amável, a recebeu com um sorriso e confirmou que havia quartos livres. A temporada turística ainda não tinha começado.

Sarah estava preenchendo o formulário de registro quando lhe ocorreu dizer:

— Meu esposo esteve aqui há duas semanas.

— De verdade? — ela conseguiu olhar seu nome na página. — Oh, é a senhora Fontaine? Seu marido era Geoffrey Fontaine?

— Sim. Se lembra dele?

— Claro, senhora. Seu esposo é um cliente regular. Um homem muito agradável. Mas é estranho... Nunca imaginei que fossem americanos. Sempre pensei... — interrompeu-se. — Seu marido se juntará à senhora?

— Não, creio que não. — Sarah fez uma pausa. — A verdade é que espero alguma mensagem dele. Pode ver se há algo?

A mulher olhou os escaninhos do correio.

— Não vejo nada.

— E poderia me informar se houve alguma chamada para ele ou para mim?

— Não. Sinto muito.

Sarah ficou em silêncio um momento. Que mais poderia fazer?

— De toda forma — continuou a recepcionista — se tivesse existido uma mensagem, teríamos a encaminhado para seu endereço de Margate. É o que sempre nos pediu que fizéssemos.

Sarah piscou, surpresa.

— Margate?

A recepcionista escrevia algo num papel e não ergueu o olhar.

— Sim.

Que casa em Margate? Teria Geoffrey uma residência na Inglaterra e nunca lhe tinha falado nela?

A recepcionista continuava escrevendo. Sarah apoiou as mãos no balcão e rezou para poder mentir convincentemente.

— Espero... Espero que não tenham o endereço errado — disse. Moramos em Margate, mas nos mudamos no mês passado.

— Oh, certo — suspirou a recepcionista. Dirigiu-se até ao escritório localizado atrás dela. — Vou verificar se eles alteraram o endereço.

Um instante depois, tornou a sair com uma pasta na mão.

— Whitstable Lane, 25. Este é o endereço antigo ou atual?

Sarah, não respondeu. Estava muito ocupada memorizando o endereço.

— Senhora Fontaine?

— Está tudo bem — pegou na sua mala e se dirigiu ao elevador.

— Senhora Fontaine, não precisa levar isso. Chamarei um bagageiro...

Mas Sarah entrou no elevador.

— Whitstable Lane, 25. — murmurou quando a porta se fechou — - Whitstable Lane...

Será que ali encontraria Geoffrey?

O mar golpeava as areias brancas. Do caminho de terra por onde seguia, Sarah podia ver as ondas chocarem contra as rochas inferiores. Sua violência a assustava. O sol tinha aparecido através da névoa matinal e os jardins das casas espalhadas, floresciam apesar do ar salgado e do pó da areia.

Encontrou a casa que procurava no final de Whitstable Lane. Era pequena, escondida atrás de uma cerca branca. No pequeno jardim frontal misturavam-se rosas, petúnias e acácias. O barulho de uma tesoura de poda a levou a um dos lados da casa, onde um ancião podava as plantas.

— Olá? — chamou do outro lado da cerca.

O velho a olhou.

— Procuo por Geoffrey Fontaine — disse a jovem.

— Ele não está em casa, senhorita.

As mãos de Sarah começaram a tremer.

— Onde posso encontrá-lo? — perguntou.

— Não sei.

— Sabe quando ele voltará para casa?

O velho encolheu os ombros.

— Nem ele, nem a sua senhora, me contam sobre suas idas e vindas.

— Senhora? — repetiu Sarah.

— Sim. A senhora Fontaine.

— Refere-se a ... Sua esposa?

O velho a olhou como se fosse uma idiota.

— Claro que sim. Claro que, com um pouco de imaginação, alguém poderia pensar que talvez ela fosse sua mãe, mas eu diria que é muito jovem para isso — soltou uma gargalhada.

Sarah apertava a cerca com tanta força que as pontas se cravaram em suas mãos. Em seus ouvidos havia um rugido estranho, como se uma onda a envolvesse e a erguesse do solo. Procurou no seu bolso e tirou uma foto de Geoffrey.

— Este é o senhor Fontaine? — perguntou com a voz rouca.

— Claro. Tenho uma boa vista para rostos.

Sarah tremia tanto que apenas pode voltar a guardar a foto em seu bolso. Agarrou-se à cerca, tentando assimilar o que acabara de ouvir. Aquilo a pegara de surpresa e a dor era maior do que poderia suportar.

Outra mulher. Não lhe tinham perguntado sobre aquilo? Não se recordava. Oh, sim, tinha sido Nick O'Hara. E ela tinha-se aborrecido com ele. Mas ele tinha razão, e ela havia sido uma estúpida.

Não soube quanto tempo ficou ali, entre as rosas e petúnias. Havia perdido a noção do tempo e do espaço. Estava atordoada. Sua mente recusava-se a aceitar mais dor. Se o fizesse, talvez ficasse louca.

Apenas ouviu quando o velho a chamou pela terceira vez.

— Senhorita? Senhorita? Precisa de ajuda?

Sarah o olhou aturdida.

— Não, não, estou bem.

— Tem certeza?

— Sim. Por favor... Preciso encontrar os Fontaine.

— Não sei, senhorita. A senhora fez as malas e partiu há duas semanas.

— Para onde foi?

— Ela não tem por costume deixar outros endereços.

Sarah buscou um papel em seu bolso e anotou seu nome e o hotel.

— Se algum deles voltar, por favor, peça para me telefonarem imediatamente. Por favor.

— Sim, senhorita — o velho dobrou o papel sem olhar e o colocou no bolso.

Sarah virou-se para a rua como uma bêbada. No começo de Whitstable Lane viu uma fila de caixas de correio. Olhou para trás e viu que o velho continuava podando os canteiros.

Olhou no interior do número 25 e encontrou apenas um catálogo de vendas, por reembolso postal, de grandes lojas de departamento de Londres. Era remetido à senhora Eve Fontaine.

Eve.

Geoffrey a havia chamado por aquele nome mais de uma vez.

Devolveu o catálogo à caixa de correios e seguiu, chorando pelo caminho, para a estação do trem.

Seis horas depois, Sarah entrava no seu quarto de hotel cansada, vazia e faminta. O telefone tocava.

— Alô?

— Sarah Fontaine? — era uma voz rouca de mulher.

— Sim.

— Geoffrey tinha uma marca de nascimento no ombro esquerdo.

Qual a forma dela?

— Mas...

— Qual a forma?

— Uma... uma meia lua. Você é Eve?

— No “Cordeiro e a Rosa”. Dorset Street. Nove horas em ponto.

— Espere... Eve?

Clic.

Sarah olhou seu relógio. Tinha meia hora para chegar a Dorset Street.

# Cinco

O táxi parou em frente da porta do Cordeiro e a Rosa. O condutor pegou o dinheiro que Sarah lhe estendia, grunhiu algo ininteligível e se afastou. A moça estava sozinha na rua escura.

Do pub vinha o som de riso e do tilintar de copos. As janelas emitiam um brilho amarelo suave. Ela atravessou a rua de paralelepípedos e empurrou a porta.

Dentro ardia o fogo na lareira. Dois homens inclinavam-se sobre canecas de cerveja no bar de mogno brilhante. Eles a olharam por um momento e tornaram a erguer seus copos. Sarah parou para se aquecer frente ao fogo, enquanto observar a sala. A garçonete, atrás do balcão, olhou-a nos olhos e fez um sinal apontando a sala de trás.

Sarah concordou sem palavras e seguiu na direção indicada. Vários reservados de madeira se alinhavam ao longo da parede. Um casal se olhava nos olhos no primeiro deles. Um homem mais velho de casaco de camurça tomava um uísque no segundo. Antes de chegar ao terceiro, supôs que Eve estaria sentada ali. Uma coluna de fumaça de cigarro subia por entre as sombras. A mulher a olhou ao vê-la aproximar-se. Seus olhos se encontraram e ambas compreenderam aquele olhar.

Apesar da luz tênue do interior do pub, cada uma delas via a dor na outra.

Sarah se sentou no banco em frente a Eve. Esta deu uma tragada nervosa em seu cigarro e sacudiu as cinzas sem deixar de observá-la. Era esbelta e loira, de olhos esverdeados que pareciam cansados. Movia constantemente as mãos. A cada poucos segundos olhava a porta do pub,

como se esperasse ver alguém entrar. A fumaça do cigarro se enrolava entre elas como uma serpente.

— Você não é como eu esperava — disse Eve. Sarah reconheceu a voz rouca do telefone. O sotaque era levemente continental, mas não inglês. — É mais bonita do que eu esperava e mais jovem do que ele disse. Quantos anos tem? Vinte e sete? Vinte e oito?

— Trinta e dois.

— Ah. Então ele não me mentiu.

— Geoffrey lhe falou de mim?

Eve deu outra tragada e assentiu.

— Claro. Tinha que fazê-lo. Foi ideia minha.

Sarah abriu muito os olhos?

— Ideia sua? Mas por quê?

— Você não sabe nada de Geoffrey, não é? — os olhos verdes apunhalaram Sarah com crueldade. — Não disse com um assomo de satisfação. É evidente que não. Mas parece que me encontrou sozinha. E eu precisava vê-la por mim mesma.

— Por quê?

— Chame de curiosidade mórbida. Masoquismo. Odiava imaginá-los juntos. Eu o quero tanto! — levantou o queixo numa fraca tentativa de parecer indiferente. Diga-me, foi feliz com ele?

Sarah assentiu, a ponto de chorar.

— Sim — sussurrou. Fomos..., eu pelo menos, felizes. E quanto a Geoffrey, já não sei nada. Já não sei nada.

— Com que frequência faziam amor? Todas as noites? Uma vez por semana?

Sarah apertou a boca.

— Não acho que isso seja da sua conta. Tudo era parte de seu plano não?

Os olhos da outra se suavizaram, mas apenas por um instante.

— Você também o amava, não é? — perguntou. — E nós duas o perdemos, não? Teria que acontecer um dia. É o normal neste trabalho.



— Que trabalho?

Eve recostou-se.

— É melhor que não saiba. Mas quer ouvir, não é? Em seu lugar, esqueceria tudo isso e iria para casa. Enquanto ainda é tempo.

— Quem é Geoffrey?

Eve inalou a fumaça com força e olhou para algo distante.

— Eu o conheci faz dez anos, em Amsterdã. Então ele era um homem diferente — sorriu, divertida por alguma piada secreta. — Se chamava Simon Dance.

Naquele momento nós dois trabalhávamos para o Mossad, o Serviço Secreto de Israel. Simon, outra mulher que era nossa chefe e eu formávamos uma grande equipe. Aqueles do Mossad são os melhores. E longo Simon e eu nos apaixonamos.

— Eram espiões?

— Suponho que poderia chamar-nos assim. Sim, deixemos assim — olhou pensativa a figura que se formava no ar com a fumaça do cigarro. — Só estávamos há um ano juntos quando uma de nossas missões deu errado. Nós preocupávamo-nos demais um com o outro e isso não é bom nesse mundo. O trabalho tem que ser tudo ou as coisas começam a dar errado. E foi o que aconteceu. O velho escapou.

— Escapou? Qual era sua missão? Prender alguém?

Eve riu.

— Prender? Em nosso trabalho não nos preocupamos em prender. Acabamos com eles.

Sarah sentiu a mão fria. Não era possível que estivessem falando do mesmo homem.

— O velho continuou vivo. Magus, assim o chamávamos. Para nós, era algo mais que um nome em código. De certa maneira era um mago. Aquele caso acabou conosco. — apagou o cigarro e acendeu outro, para o que precisou tentar três vezes, já que as mãos tremiam muito. Suspirou. — Depois daquilo, todos deixamos o trabalho. Simon e eu nos casamos. Vivemos um tempo na Alemanha e depois na França. Trocamos duas vezes

de nome. Mas sentíamos que estavam a ponto de nos encontrar. Sabíamos que tinham colocado as nossas vidas a prêmio. Magus, com certeza. Decidimos deixar a Europa.

— E escolheram a América.

Eve assentiu.

— Sim. É muito simples. Ele procurou um novo nome e um cirurgião plástico. Aumentaram suas bochechas e estreitaram seu nariz. A diferença era tal que ninguém o havia reconhecido. Também trocaram meu rosto. Ele foi em frente com a América. É preciso tempo para estabelecer uma nova base, outra identidade. Eu teria que segui-lo.

— Por que ele se casou comigo?

— Precisava de uma esposa americana. Precisava de sua casa, sua conta bancária, a cobertura que você poderia oferecer. Eu não poderia fazer-me passar por norte americana. Meu sotaque, minha voz. Não podia trocá-los. Mas Simon... Ah, ele podia falar como uma dezena de personagens distintos.

— Por que me escolheu?

Eve encolheu os ombros.

— Conveniência. Você estava sozinha, não era muito bonita. Não tinha namorados. Sim, era vulnerável. Apaixonou-se logo por ele, não?

Sarah concordou, reprimindo um soluço. Sim, havia sido vulnerável. Antes de Geoffrey, passava os dias no trabalho e a maioria das noites sozinha em casa.

Ansiava por uma relação com um homem, a intimidade e o carinho que seus pais haviam tido. Mas tinha uma profissão exigente e havia ficado muito tempo sozinha; as probabilidades de casar-se diminuía a cada ano que passava.

Até que apareceu Geoffrey e preencheu o vazio. Apaixonou-se em seguida. E sem dúvida, ele a havia escolhido por conveniência. Olhou com raiva a outra mulher.

— A nenhum de vocês importava a quem pudessem prejudicar, não?

— Não tínhamos escolha. Tínhamos nossa vida...

— E o que aconteceria com a minha vida?

— Baixe a voz.

— Minha vida, Eve. Eu o queria. E você fica aí sentada e justifica o que fizeram!

— Por favor, baixe a voz. Podem ouvi-la.

— Tanto faz.

Eve começou a levantar-se.

— Creio que já disse o suficiente.

— Não, espere — Sarah pegou sua mão. — Por favor — disse com suavidade. — Sente-se. Tenho que ouvir o resto. Preciso saber.

Eve deixou-se cair lentamente no banco. Guardou silêncio por um momento.

— A verdade é que ele não a amava. Ele queria a mim. Suas viagens para Londres eram apenas para me ver. Registrava-se no Savoy e logo tomava o trem para Margate. Poucos dias depois regressava a Londres para lhe telefonar ou enviar uma carta. Eu odiei tê-lo compartilhado com você esses dois últimos meses. Mas era necessário e temporariamente. Tínhamos que sobreviver. Até... — apertou a vista. Os olhos se encheram de lágrimas.

— Que aconteceu, Eve?

A mulher pigarreou e ergue a cabeça com valentia.

— Não sei. Só sei que ele saiu de Londres há duas semanas. Tinha-se juntado a uma operação contra Magus. Logo, algo deu errado. O seguiam. Alguém colocou explosivos em seu quarto de hotel. Telefonou de Berlin e me disse que tinha decidido desaparecer. Que iria se esconder. Quando chegasse o momento, viria me buscar. Mas na noite anterior ao sair de Margate tive uma premonição. Tentei lhe telefonar em Berlin. E então soube de sua morte.

— Mas ele não está morto — exclamou Sarah. — Está vivo!

As mãos de Eve tremeram de tal modo que esteve a ponto de soltar o cigarro.

— Como?

— Telefonou-me há dois dias. Por isso estou aqui. Disse-me que fosse ter com ele, que me queria...

— Mentira.

— Verdade — gritou Sarah. — Conheço a sua voz.

— Uma gravação talvez... Um truque. É fácil imitar uma voz. Não, não pode ser ele. Não telefonaria para você — retrucou Eve, friamente.

Sarah ficou em silêncio. Por que iria alguém usar a voz de Geoffrey para atraí-la para a Europa? Então se lembrou de algo mais, outra peça do quebra-cabeça que não tinha sentido. Olhou Eve.

— No dia em que saí de Washington entraram em meu apartamento. Apenas levaram uma fotografia e ainda não compreendo...

— Uma fotografia de Geoffrey? — perguntou Eve.

— Sim. A foto de nosso casamento.

A mulher empalideceu. Apagou o cigarro, pegou na sua bolsa e no seu casaco.

— Aonde vai? — perguntou Sarah.

— Tenho que voltar. Ele está me procurando.

— Quem?

— Geoffrey.

— Mas você disse que ele está morto!

Os olhos de Eve brilharam de repente, como joias.

— Não. Não, está vivo. Tem que estar. Não entende? Não conhecem seu rosto e por isso roubaram sua foto. Isso significa que eles também o estão procurando. Colocou seu casaco e correu para a porta.

— Eve! — Sarah saiu atrás dela, mas quando chegou à rua, a encontrou vazia.

Havia apenas a neblina.

— Eve? — perguntou.

Não obteve resposta.

Eve havia desaparecido.

Eve não foi muito longe. Correu, cheia de esperança, pela Dorset Street até a estação do metro. Não parou para escutar se ouvia passos. Não tomou as precauções que se tinha habituado a tomar durante seus anos no Mossad. Simon estava vivo... E isso era a única coisa que importava.

Estava vivo e a esperava. Não tinha paciência para caminhar em zig-zag para parar em portais e confirmar se estava sozinha. Seguiu um caminho reto desde a estação de metrô.

Depois de correr por duas quadras, sua respiração se tornou ofegante. Sabia que eram os cigarros. Muitos anos fumando deixavam a sua marca. Mas se obrigou a seguir avançando, até que lhe doeu o peito e soube que tinha que parar por um momento. A dor era um problema antigo que tinha desde criança. Não era grave.

Diminuiria um pouco e ela poderia continuar.

Parou e se apoiou em um poste. A dor diminuiu pouco a pouco. Fechou os olhos e respirou fundo. Um som tão suave, que quase não ouviu, penetrou em sua consciência. Ficou rígida e abriu os olhos. A pouca distância se ouviam passos. Mas em que direção?

Olhou a névoa e tentou ver um rosto, uma figura, mas nada se via. Tirou do bolso a pistola que sempre levava consigo. O aço frio logo a tranquilizou.

Deu-se conta de que o poste era como um foco, e ela estava justamente debaixo dele. Entrou nas sombras. A escuridão havia sido sua aliada. Outro ruído a fez apontar a pistola em sua direção. Quando se deu conta de que havia sido um truque, era tarde demais. Algo a golpeou por trás. Antes que se pudesse voltar e disparar, caiu ao chão. A pistola saltou de sua mão e quase no mesmo instante sentiu uma lâmina apertada contra sua garganta.

Um rosto lhe sorria. O reconheceu. Seu cabelo claro brilhava como prata, mesmo na escuridão.

— Kronen — sussurrou.

Sentiu que a lâmina deslizava por sua pele com a suavidade de uma carícia. Queria gritar mas o terror lhe fechava a garganta.

— Pequena Eva — murmurou Kronen. Soltou uma risada suave, e Eve compreendeu que não sobreviveria àquela noite.

O mundo era diferente a dez mil metros de altura. Nem luzes de neon, nem tráfego, nem cimento, apenas o céu negro interminável salpicado de estrelas. Nick apoiou a cabeça com cansaço e desejou poder dormir. Quase todos os passageiros do voo 201 para Londres pareciam roncar tranquilamente. Era uma da manhã, hora de Washington e ele continuava completamente desperto, com o cobertor da companhia aérea dobrada no colo.

Estava muito desgostoso para dormir. Não parava de pensar em quão inocente e vulnerável parecia Sarah. Que grande atriz. Sua interpretação era digna de um Oscar. E também havia despertado os instintos que ele tinha esquecido que possuía. O desejo de abraçá-la e protegê-la.

Agora já não sabia o que lhe queria fazer. Mas a proteção não teria muito a ver.

Por sua culpa estava sem trabalho, duvidavam de seu patriotismo e, pior ainda, sentia-se um idiota. Van Dam tinha razão. Como espião, não era mais que um amador. Quanto mais pensava em como tinha sido enganado, mais se aborrecia. Jurou que, quando chegasse a Londres, lhe arrancaria a verdade.

Sabia onde encontrá-la. Uma ligação telefônica havia confirmado que se hospedara no Savoy, o hotel habitual de seu marido. Queria ver a cara que faria quando o visse ali.

Mas misturada a sua raiva havia outra emoção, mais profunda e complicada. Não deixava de imaginá-la olhando-o com aqueles olhos suaves. E a confusão de seus sentimentos o estavam deixando louco. Não sabia se queria beijá-la ou estrangulá-la.

Talvez as duas coisas.

Uma coisa era certa. Tomar aquele avião para Londres devia ser a maior loucura que tinha feito. Em toda a sua vida tinha tomado decisões bem pensadas. E nessa noite havia metido a roupa numa maleta, tomado um

táxi até Dulles e deixado um cartão de crédito no balcão da British Airways. Não era próprio dele, fazer algo tão impulsivo. Esperava que não fosse o começo de uma nova tendência.

O velho não estaria satisfeito.

Enquanto Kronen limpava o sangue da mulher de sua navalha, pensou em retornar o telefonema outra hora, outro dia. Ao menos até que tivesse tomado um bom café da manhã e tomado algumas cervejas. Mas o velho ficaria furioso com a notícia e não queria fazê-lo esperar muito. O velho não tolerava muito as frustrações. Desde a tragédia se mostrava impaciente e facilmente irritável. E não era muito inteligente aborrecê-lo.

Mesmo assim, Kronen não tinha medo. Sabia que o velho precisava muito dele.

O velho o havia tirado das latas de lixo de Dublin há oito anos e tomara conta dele. Talvez fosse o cabelo quase branco do menino que atraiu sua atenção; ou talvez o vazio de seus olhos, sinal de um grande vazio interior. Certamente reconheceu, desde então, que algum dia seria perigoso. Um menino sem alma não precisava de amor e em adulto poderia voltar-se contra o seu guardião.

Mas um menino sem alma também poderia ser muito útil. O velho o adotou, deu-lhe comida, ensinou-o, talvez gostasse dele um pouco, mas nunca confiou nele totalmente.

Kronen percebia a sua desconfiança desde muito jovem. E em vez de se aborrecer lutava por vencê-la. Fazia tudo o que o velho queria. E depois de trinta anos cumprindo a sua vontade, havia se tornado automático. Mas Kronen gostava de seu trabalho. Dava-lhe a sensação de prazer e satisfação. Sobretudo quando tinha a ver com mulheres.

Como esta noite.

Infelizmente, a mulher não tinha falado. Nisso se mostrara mais forte que os homens que havia encontrado. Nem sequer uma hora de suas técnicas mais persuasivas havia conseguido algo. Tinha gritado muito, o que

o havia irritado e excitado, mas não lhe deu nenhuma informação. E depois tinha morrido quando menos esperava.

Isso era o que mais o incomodava.

Não tinha pretendido matá-la. Pelo menos por enquanto. Que má sorte descobrir demasiado tarde que sua vítima tinha um coração fraco. Parecia bastante saudável.

Terminou de limpar a lâmina. Gostava de limpeza, sobretudo em sua navalha predileta. Guardou-a em sua bacia e olhou o telefone. Não tinha sentido protelar mais o assunto. Discou o número de Amsterdã.

— Eva não falou — disse quando atenderam.

O silêncio do velho foi bastante eloquente.

— Está morta?

— Sim — respondeu Kronen.

— E a outra?

— Continuo vigiando-a. Dance não se aproximou dela.

O velho emitiu um som de impaciência.

— Não posso esperar eternamente. Temos que obrigá-lo a sair.

— Como?

— Sequestre-a.

— Mas a CIA a está seguindo.

— Cuidarei de que se ocupem deles amanhã. Então poderá levar a mulher.

— E agora?

— Descubra se sabe algo. Se não for assim, também poderemos usá-la. Lançaremos um ultimato. Se Dance está vivo, responderá.

Kronen não estava tão seguro. Diferente do velho, ele não tinha fé em algo tão ridículo como o amor. Ademais, tinha visto Sarah Fontaine e não acreditava que nenhum homem — certamente nem Simon Dance — viria em seu resgate. Não, era absurdo arriscar a vida por uma mulher. E estava certo de que Dance não seria tão estúpido.

Ainda assim, seria uma experiência interessante. E quando terminasse, o velho permitiria que se ocupasse dela. Seu coração seria mais forte que o



de Eve Fontaine. Duraria muito mais. Sim, seria uma experiência interessante. Dava-lhe algo com que sonhar.

Sarah sonhou que corria atrás de Geoffrey gritando o seu nome. Ouvia os seus passos adiante, mas não o via, e permanecia sempre fora de seu alcance. Logo, os passos mudavam. Estavam atrás. E não era a perseguidora, e sim a perseguida. Corria na névoa e os passos se aproximavam cada vez mais. O coração batia com força e as pernas se negavam a movimentar-se. Lutava para seguir em frente.

Uma mulher de olhos verdes bloqueou-lhe o caminho. Uma mulher que se ria dela, no meio da rua. Os passos aproximaram-se. Sarah virou-se.

O homem que avançou sobre ela era alguém que ela conhecia, alguém de olhos cinzentos e cansados. Saiu, depressa, da neblina. E o medo dela se evaporou quando o viu. Seus passos ressoavam na rua de pedras...

Sarah acordou empapada em suor. Alguém batia à sua porta. Acendeu a luz. Eram quatro da manhã.

Voltaram a chamar, agora com mais força.

— Senhora Fontaine? — disse uma voz de homem. — Abra, por favor.

— Quem é?

— Polícia.

Saiu da cama, colocou um roupão e abriu a porta. Lá fora estavam dois agentes de uniforme acompanhados por um mensageiro do hotel.

— Senhora Sarah Fontaine?

— Sim. Que houve?

— Lamento incomodá-la, senhora, mas é preciso que nos acompanhe até à Delegacia.

— Não entendo. Por quê?

— Estamos prendendo-a.

A jovem agarrou-se com ambas as mãos à porta e os olhou, surpresa.

— A mim? Por quê?

— Por assassinato. O assassinato da senhora Eve Fontaine.

# Seis

Sarah pensou que aquilo não podia estar acontecendo.

Tinha de ser um pesadelo que emergiu dos recantos mais escuros de seu inconsciente. Estava sentada numa cadeira dura de madeira, diante de uma mesa de madeira nua. Luzes fluorescentes caíam sobre ela desde o teto e iluminavam todos os seus movimentos. Fazia frio na sala e ela, vestida apenas de camisola e robe, sentia-se meio nua. Um detetive, de frios olhos azuis, fazia-lhe uma pergunta atrás da outra sem deixar-lhe terminar uma frase. Deixaram que usasse o banheiro depois de ter pedido uma dezena de vezes, e somente acompanhada por uma policial.

De volta à sala de interrogatórios, teve um momento a sós para pensar na sua situação. Poderia ser presa, acusada de assassinar uma mulher que conhecera na noite anterior!

Deixou a cabeça repousar sobre as mãos e sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas. Esforçava-se tanto para não chorar que, apenas se deu conta de que a porta se abriu e tornou a fechar-se.

Mas ouviu a voz que pronunciava o seu nome. E essa única palavra foi como um raio de sol. Ergueu o olhar.

Nick O'Hara estava de pé na sua frente. Algum milagre o tinha transportado através do oceano e estava ali... O único amigo que tinha em Londres.

Mas seria um amigo?

Em seguida notou que algo estranho acontecia. Tinha os lábios apertados e os olhos inexpressivos. Procurou algum calor, algum consolo em seu rosto, mas somente viu raiva.

Pouco a pouco percebeu outros detalhes: a camisa amarrotada, a gravata solta, a etiqueta da British Airways na maleta. Acabara de chegar do avião.

Deixou a maleta sobre a mesa e a olhou com fúria.

— Senhora, você está bem encrocada — grunhiu.

— Eu sei — sussurrou ela, com lamento na voz.

— Não pode dizer mais nada?

— Vai tirar-me daqui? — sussurrou ela.

— Isso depende.

— Do quê?

— Do que você tenha feito ou não.

— Claro que não o fiz!

Nick pareceu surpreso pela violência de seu grito. Guardou silêncio um momento. Cruzou os braços e se apoiou irritado na borda da mesa.

Sarah apertou as mãos sobre a mesa. Não gostou de vê-la naquela situação, e menos ainda que tivesse traído a sua confiança como amigo.

— O que está fazendo em Londres? — murmurou.

— Eu poderia perguntar o mesmo. E desta vez espero a verdade.

— A verdade? — ergueu os olhos. — Eu nunca lhe menti.

— Oh, vamos! — rugiu ele. Começou a andar agitado pela sala. — Não me olhe com essa cara inocente, senhora Fontaine. Deve acreditar que sou muito tolo. Primeiro insiste em que não sabe de nada e logo depois foge para Londres. Acabo de falar com o inspetor. Agora quero sua versão. Você conhecia Eve, não é?

— Absolutamente. A conheci ontem. E foi você quem me mentiu, senhor O'Hara.

— Sobre o quê?

— Geoffrey. Você me disse que estava morto e eu acreditei. E você sabia disso o tempo todo.

— Do que está falando?

— Geoffrey está vivo!

O olhar incrédulo do rosto dele era demasiado autêntico. Perguntou-se se seria possível que Nick não soubesse que Geoffrey estava vivo.

— Creio que será melhor que se explique — disse ele. — E quero que não me omita nenhum detalhe, porque já pode imaginar que está numa grande encrenca. As provas...

— Todas as provas são circunstanciais.

— As provas são estas: encontraram o corpo de Eve Fontaine perto da meia noite num beco deserto a poucas quadras do “O Cordeiro e a Rosa”. Não descreverei o estado do corpo; apenas direi que é evidente que alguém a odiava. A garçonete do pub se lembra de tê-la visto com uma mulher americana... Você. Também se recorda que discutiram. Eve saiu correndo e você a seguiu.

— A perdi na porta do “O Cordeiro e a Rosa”!

— Tem testemunhas?

— Não.

— Uma pena. A polícia telefonou para a casa de Eve em Margate e falou com o jardineiro. O homem se lembra de você e deu a Eve a sua mensagem por telefone. E ainda há o bilhete de papel com seu nome e o do hotel.

— Eu o dei para que ela me pudesse telefonar.

— Para a polícia você tem um motivo evidente. Vingança. Descobriu que Geoffrey Fontaine era bígamo e decidiu vingar-se. Essas são as provas.

— Mas eu não a matei!

— Não?

— Tem que acreditar em mim.

— Por quê?

— Porque ninguém mais acredita — o medo e a solidão a envolveram de repente como a maré. — Ninguém acredita em mim...

Nick a observou com uma mistura de emoções. Parecia tão assustada! Viu um pedaço de camisola azul através do roupão aberto. O cabelo avermelhado caiu-lhe pelo rosto. Era a primeira vez que o via solto e era muito charmoso. Toda a raiva que sentia dela se evaporou de repente.

Tinha-a magoado e sentia-se como um monstro. Tocou na sua cabeça com suavidade.

— Sarah. Sarah. Tudo se esclarecerá — murmurou. — Correrá tudo bem.

Ele se abaixou e puxou o rosto dela para seu ombro. Seu cabelo era suave, sedoso... O aroma quente e feminino de sua pele parecia intoxicá-lo. Sabia que o que sentia nesse momento era perigoso, mas não podia evitar. Desejava tirá-la dali, protegê-la e dar-lhe calor. E não podia mostrar-se objetivo.

Afastou-se de má vontade.

— Fale-me Sarah. Conte-me por que acredita que seu marido esteja vivo.

A mulher respirou fundo e o mirou com os olhos úmidos.

— Ele me telefonou há dois dias. — disse. Na tarde do funeral.

— Espere. Ele telefonou?

— Me disse que fosse ter com ele. Foi muito rápido... Nem sequer disse quem era...

— Foi a longa distância?

— Estou certa que sim.

— E por isso pegou um avião? Mas por que Londres?

— Um pressentimento. Esta era sua cidade. Tinha que estar aqui.

— E quando soube sobre Eve?

— Quando cheguei aqui. A recepcionista do hotel me deu um endereço que Geoffrey deixara. Era a casa de Eve em Margate.

Nick assimilava os novos dados com uma sensação crescente de confusão. Sentou-se numa cadeira e a olhou com atenção.

— Essa chamada de Geoffrey parece tão absurda que começo a pensar que está dizendo a verdade.

— Estou dizendo a verdade. Quando vai acreditar em mim?

— Está bem. Darei a você o benefício da dúvida. Por enquanto.

Começava a acreditar nela. E isso significava muito para ela. Começou a chorar. Sacudiu a cabeça irritada.

— O que você tem, senhor O'Hara? — perguntou. — Sempre que estou com você começo a chorar.

— Não importa — respondeu ele. — É típico das mulheres. Suponha que seja parte de sua essência.

Sarah o olhou e viu que sorria. Que transformação surpreendente! De estranho a amigo. Havia esquecido o quanto ele era atraente. Não só fisicamente. Em sua voz havia uma gentileza nova que não sabia explicar.

Inclinou-se para ela e a jovem estremeceu. Nick tirou o paletó e o colocou em seus ombros. Cheirava a ele; parecia quente como uma manta. Apertou-a contra si, e a envolveu uma calma especial: a sensação de que nada de ruim poderia acontecer enquanto estivesse com o paletó de Nick O'Hara sobre os ombros.

— Tiraremos você daqui quando chegar o nosso homem do consulado — disse ele.

— Mas você não cuida disso?

— Temo que não. Este não é o meu território.

— Mas então, o que está fazendo aqui?

A porta se abriu antes que ele pudesse responder.

— Nick O'Hara! — disse um homem baixo. — Que diabos faz você aqui?

Ele se voltou para a porta.

— Olá, Potter — disse, depois de uma pausa incômoda. — Quanto tempo.

— Não o suficiente.

Potter entrou na sala e examinou Sarah com um olhar crítico da cabeça aos pés. Jogou o chapéu sobre a pasta de Nick.

— Então você é Sarah Fontaine.

A jovem olhou confusa para Nick.

— O senhor Roy Potter — disse com secura. — Ele... Como lhe chamam agora? Adido político da Embaixada?

— Terceiro secretário — comentou Potter.

— Encantador. Onde está Dan Lieberman? Pensei que ele viria.

— Temo que nosso cônsul não tenha podido vir. Venho em seu lugar  
— Potter estendeu a mão a Sarah. — Espero que a estejam tratando bem, senhora. Sinto que tenha que passar por isto, mas corrigiremos tudo em breve.

— Como? — perguntou Nick com suspeita.

Potter voltou-se para ele.

— Talvez devesse ir embora. Seguir com as suas... Férias.

— Não. Creio que vou ficar.

— Isto é um assunto oficial. E se não estou enganado, já não está conosco, não é?

— Não entendo — Sarah franziu a testa. — Como já não está com vocês?

— Significa que me deram férias indeterminadas — declarou Nick, calmamente. — Vejo que as notícias viajam depressa.

— Quando se trata de assuntos de segurança nacional, sim.

Nick fez um gesto com a mão.

— Não sabia que eu era tão perigoso.

— Digamos que seu nome está numa lista pouco lisonjeira. E em seu lugar procuraria não manchá-lo mais. Quero dizer, se quiser conservar seu posto.

— Olha, vamos ao ponto. O caso de Sarah, lembra?

Potter olhou a jovem.

— Falei com o inspetor Appleby. Disse que as provas contra você não são tão sólidas como ele gostaria. Está disposto a deixá-la sair, desde que eu assumo a responsabilidade por sua conduta.

Sarah o olhou, atônita.

— Estou livre?

— Sim.

— E não há nada que...?

— Estão retirando as acusações — estendeu-lhe a mão. — Felicidades, senhora Fontaine. Está livre.

A mulher a apertou com força.

— Muitíssimo obrigada, senhor Potter.

— De nada. Mas não se meta em mais encrencas, ok?

— De acordo. — olhou Nick com alegria, esperando ver um sorriso em seu rosto. Mas ele não sorria. Parecia estar bem receoso. — Algo mais? — perguntou a Potter. — Algo que eu deva saber?

— Não, senhora. Pode sair daqui agora mesmo. Na verdade, a levarei pessoalmente ao Savoy.

— Não se preocupe — interveio Nick. — Eu a levo.

Sarah se aproximou mais dele.

— Obrigado, senhor Potter, mas irei com o senhor O'Hara. Somos... Somos como velhos amigos.

Potter franziu a testa.

— Amigos?

— Me ajudou muito desde que Geoffrey morreu.

Potter pegou no seu chapéu.

— Certo. Boa sorte, senhora Fontaine — olhou para Nick. — Ouça, O'Hara, enviarei um relatório a Van Dam, em Washington. Asseguro que lhe interessará saber que está em Londres. Pensa em voltar logo para casa?

— Pode ser que sim, ou pode ser que não.

Potter se dirigiu para a porta, mas voltou-se no último momento para olhar com dureza para Nick.

— Olha, tem tido uma carreira decente. Não estrague tudo agora. Eu, em seu lugar, teria muito cuidado.

— Sempre tenho — respondeu Nick.

— Que história é essa de férias indefinidas? — perguntou Sarah a caminho do hotel

Nick sorriu sem humor.

— Digamos que não é uma promoção.

— O despediram?

— Mais ou menos.

— Por quê?



O homem não respondeu. Parou num semáforo com um suspiro de cansaço.

— Nick? — murmurou ela. — Foi por minha culpa?

Ele assentiu.

— Em parte. Parece que colocaram em dúvida o meu patriotismo por sua causa. Oito anos de trabalho nada significam para eles. Mas não se preocupe. Creio que ao nível do subconsciente estava há tempos querendo deixá-lo.

— Sinto muito.

— Não sinta. Pode ser o melhor que me aconteceu há muito tempo.

O semáforo mudou e se misturaram com o tráfego matutino. Eram dez horas e havia muitos carros. Um ônibus os ultrapassou pela direita e Sarah sentiu um momento de pânico. O fato de se dirigir pela esquerda a perturbava. Até Nick parecia um pouco nervoso, olhando pelo espelho retrovisor.

Forçou-se a relaxar e ignorar o trânsito.

— Não posso acreditar em tudo o que se passou — disse. — É uma loucura. E quanto mais tento entender, menos... — olhou para Nick, que tinha o cenho franzido. — Que houve?

— Não olhe para trás, mas parece que estamos sendo seguidos.

Sarah reprimiu o desejo de voltar a cabeça e concentrou a sua atenção na rua úmida por onde avançavam.

— Que irá fazer? — perguntou com medo.

— Nada.

— Nada?

— Exato. Faremos como se não tivéssemos percebido nada. Passamos pelo seu hotel, você se veste, faz as malas e acerta a conta. Depois, vamos tomar café. Estou morto de fome.

— Tomar café? Mas acaba de dizer que estão nos seguindo!

— Olhe, se procuravam sangue, poderiam ter conseguido na noite passada.

— Como fizeram a Eve? — sussurrou ela.

— Não. Isso não ocorrerá — olhou pelo espelho. — Segure-se. Vamos ver se são bons.

Virou em uma rua estreita, passou por uma fila de lojas e cafés e travou. O carro atrás deles parou de repente, com o para choques a poucos centímetros do seu.

— Está bem?

Sarah, muito assustada para falar, concordou com a cabeça.

— Está tudo bem — disse ele. Já vi esse pessoal antes — colocou uma mão pela janela e fez um gesto obsceno para o carro que os seguia, que respondeu de igual maneira.

Nick soltou uma gargalhada.

— Não é nada. São da CIA.

— Da CIA? — perguntou ela, aliviada.

— Não comemore ainda. Eu não confio neles. E você tão pouco deveria.

Mas o medo dela desaparecera por momentos. Por que iria temer a CIA? Não estavam todos do mesmo lado? Perguntou-se desde quando a seguiam. Se fosse desde que chegara a Londres, teriam que ter visto quem matou Eve...

Olhou para Nick.

— Que aconteceu a Eve? — perguntou.

— Além de a terem matado?

— Antes disse algo que... Não se limitaram apenas a matá-la, não é?

— Não — respondeu ele, sem olhá-la. — Não foi só isso.

O semáforo estava vermelho. Gordas gotas de chuva começavam a cair sobre o para-brisa. Os onipresentes guarda-chuvas negros cobriam os passos dos pedestres.

Nick olhava a rua, imóvel.

— A encontraram num beco com as mãos atadas a uma barra de ferro — disse. — Estava amordaçada. Deve ter gritado muito, mas ninguém a

ouviu. Quem fez o trabalho dedicou-lhe o seu tempo. Uma hora ou talvez mais. Sabia usar uma navalha. Não foi... Uma morte agradável.

Olhou-a nos olhos. Sara estava consciente de sua proximidade, do cheiro de seu paletó sobre seus ombros. Haviam torturado uma mulher. Um carro os seguia. E sem dúvida, sentia-se segura com ele. Sabia que Nick não era nenhum salvador, mas um homem comum, alguém que certamente passara a vida atrás de uma mesa. Nem sequer sabia por que estava ali, mas estava e ela sentia-se agradecida.

O carro detrás deles tocou a buzina. O semáforo havia trocado para verde. Nick voltou a sua atenção para o trânsito.

— Porque a mataram assim? — murmurou Sarah.

— A polícia disse que parecia obra de um maníaco. Alguém que gosta de causar dor.

— Ou alguém que busca vingança — acrescentou ela. — Magus — disse, recordando o nome. — É um nome de código — explicou. — Um homem a quem chamam de Mago. Eve me falou ele.

— Já falaremos disso — disse ele. — O Savoy está adiante. E ainda nos seguem.

Uma hora e meia mais tarde comiam ovos com bacon num café do Strand. Sarah começava a sentir-se humana novamente. Tinha o estômago cheio e uma xícara de chá quente nas mãos. E usava uma blusa e um casaco cinza. Dava-se conta de que havia sido uma boa estratégia policial deixá-la de camisola e robe. Assim se sentia mais indefesa e disposta a confessar.

E a confusão ainda não havia terminado; os seus problemas apenas tinham começado.

Nick havia comido com rapidez, escutando sua história sem perder a porta de vista.

— E Eve concordou que Geoffrey estava vivo? — perguntou, quando ela terminou de falar.

— Sim. O roubo da foto a convenceu.

— Certo. Segundo Eve, alguém quer matar Geoffrey. Alguém que não conhece seu rosto mas sim seu novo nome, Fontaine. Geoffrey descobre que o seguem. Vai a Berlin, telefona a Eve e diz que se esconda. Em seguida, organiza sua própria morte.

— Isto não explica porque é que a torturaram.

— Não explica muitas coisas. De quem era o corpo que enterramos, por exemplo. Mas, pelo menos explica o roubo da foto. Se Simon Dance fez uma cirurgia plástica para mudar seu aspecto, quem o persegue poderia não reconhecê-lo.

— E porque é que seguem a nós? Acreditam que os levaremos até ele?  
Nick assentiu.

— O que leva a outro detalhe que me preocupava: sua liberação. Não acredito na história de falta de provas. Quando eu falei com o inspetor Appebly, parecia disposto a prendê-la por toda a vida. Em seguida, chega Potter e tudo está arranjado. Creio que alguém tenha pressionado o inspetor e que a ordem veio de cima. E estão esperando seu próximo movimento.

A fadiga deixara sombras em seu rosto. Sarah sentiu o impulso de acariciá-lo, mas se limitou a roçar sua mão com timidez. Nick pareceu se sobressaltar com a carícia e ela se ruborizou. Tratou de afastar a mão, mas ele a segurou. O calor de sua pele parecia subir pelo seu braço, até invadir todos os poros de seu corpo.

— Você acredita que Geoffrey está vivo, não é? — murmurou.

O homem concordou.

— Creio que esteja vivo.

Sarah olhou para as suas mãos unidas sobre a mesa.

— Eu nunca acreditei que estivesse morto — sussurrou.

— E agora que sabe mais coisas, que sente por ele?

— Não sei. Já não sei nada — o olhou com intensidade. — Eu acreditava nele. Talvez fosse ingênua, mas todos temos sonhos que queremos que se tornem realidade. E quando se tem trinta e dois anos, não se é bonita e está sozinha, quando um homem diz que lhe quer, deseja acreditar nele.

— Se engana — disse com gentileza. — É muito bonita.

Sabia que o dizia para se mostrar amável. Que pensaria dela na verdade? Que somente uma mulher feia poderia ser tão crédula? Afastou a mão e pegou a xícara de café.

Certamente pensava que Geoffrey havia escolhido bem o alvo.

— Foi um casamento de mentira — disse. — E tenho a sensação de ter sonhado com tudo. Como se nunca tivesse me casado.

Nick concordou.

— Eu, às vezes, sinto o mesmo.

— Esteve casado?

— Pouco tempo. Três anos. Estou divorciado há quatro.

— Sinto muito.

Ficaram um instante em silêncio.

— Sejam quais forem os seus sentimentos por Geoffrey, sabe que é um grande risco continuar em Londres. Se alguém o persegue, vigiarão você. É evidente que a seguem. Já os levou até Eve.

A mulher ergueu a vista.

— Eve?

— Temo isso. Era uma profissional. Uma ex-agente do Mossad. Sabia desaparecer e o fazia bem. Mas a curiosidade ou o ciúme a fizeram descuidar-se. Concordou em reunir-se com você e não é casualmente que então a mataram.

— Eu causei a sua morte? — sussurrou Sarah.

— De certo modo, sim. Devem ter seguido você até ao pub onde se encontrou com ela.

— Oh, meu Deus! — moveu a cabeça com ar miserável. — Quase a odiei, Nick. Quando pensava em Geoffrey e ela... Não podia evitá-lo. Mas não quero ser responsável por sua morte.

— A profissional era ela, Sarah, não você. Não pode culpar-se.

A jovem começou a tremer.

— Vingança — disse com suavidade. — Por isso a mataram.

— Eu não estou tão seguro.

— Que mais poderia ser?

— A vingança é um dos motivos da tortura, sim. Mas suponhamos que havia razões mais práticas...

Sarah logo o compreendeu.

— Conseguir informações?

— Pode ser que acreditem que Geoffrey continue vivo e esperavam que ela os levasse até ele. O que não sabemos é se Eve lhes contou algo.

Sarah recordou do amor evidente que Eve parecia sentir por Geoffrey e seus olhos verdes e duros. Certamente sabia onde buscá-lo, mas também era uma mulher resistente. Jamais havia traído Geoffrey. Havia morrido com seu segredo.

Seria ela tão valente? Pensou na navalha, na dor que uma lâmina poderia infligir em sua carne e estremeceu. Era impossível julgar seu autovalor. A coragem somente aparecia quando era preciso, quando se via obrigada a enfrentar seus terrores mais escuros.

Sarah esperava que nunca tivesse que colocar-se a si mesma à prova.

# Sete

— Quero respostas, Dan. Começando por quem ordenou colocar Sarah Fontaine em liberdade e por quê.

Dan Lieberman, chefe de assuntos consulares, olhava Nick com o rosto calmo de um funcionário que estava há muito tempo no Departamento de Estado. Os anos sem deixar transparecer nada, tinham deixado a sua marca. Desde que o conhecera, quatro anos atrás, Nick jamais tinha visto alguma emoção em seu rosto. Seu trabalho o havia convertido num grande jogador de pôquer.

— Que acontece com o seu caso? — continuou Nick. — Parece-me que cuida dele de um modo muito peculiar.

— Ocorreram irregularidades — admitiu Lieberman.

— Sim. Começando com a aparição do filho da puta do Potter na delegacia.

Lieberman sorriu fracamente.

— Que existe entre vocês?

— Sokolov. Não me diga que já esqueceu.

— Ah, sim, o caso Sokolov. Agora me lembro.

— Você não o conheceu, não é?

— Não.

— Dizem que seus filhos o encontraram no dia de Ano Novo. Tinha dois filhos de uns dez anos. Desceram ao porão para encontrar seu pai e o acharam com uma bala na cabeça. Um belo presente de Ano Novo, hein?

— Essas coisas acontecem. Não deveria arruinar a sua carreira por isso.

— Se Potter não me ignorasse, esses meninos estariam a salvo em Montana. E agora certamente devem estar congelando na Sibéria, perturbados pela KGB.

— Era um traidor. Arriscou-se e perdeu. Mas tudo isso já é história. Não veio queixar-se de Potter, não é?

— Não. Venho por causa de Sarah Fontaine. Quero saber o que há em seu caso.

Lieberman balançou a cabeça.

— Nick, eu não deveria estar falando com você. Por isso, antes que eu fale algo, diga-me qual o seu interesse nesse caso.

— Chamemos de um ultraje moral. Sarah está agora sentada no meu quarto de hotel, perguntando se é viúva ou não. Eu acredito que seu marido esteja vivo. Mas, tudo no mundo nos diz que está morto. Que deveria dar-lhe os pêsames e esquecer tudo.

— E por que não faz o que dizem?

— Não gosto que mintam para mim. E não gosto que me ordenem que conte mentiras. Se há um motivo para mantê-la no escuro, quero ouvi-lo. Se for válido, sairei. Mas ela está sofrendo e acredito que tenha o direito de saber a verdade.

Lieberman suspirou.

— Novamente lutando contra moinhos de vento, não? Sabe como te chamávamos aqui? Don Quixote. Porque não se livra de uma úlcera e vai para casa?

— Ou será que não me ajudará.

— Não porque não queira. Mas não sei de nada.

— Pode me dizer por que Potter foi à delegacia em seu lugar?

— Sim, isso sim. Esta manhã telefonaram-me de cima, para me dizer que Potter assumiria o caso e que eu não deveria me misturar.

— Como, de cima?

— Muito.

— Como conseguiram sua libertação?

— Através da Inteligência Britânica, creio.



— É um esforço conjunto?

— Tire suas próprias conclusões.

— Qual é a participação de Potter?

— Quem sabe? É evidente que a CIA se interessa pela sua viúva.

— Estudou o caso Fontaine?

— Brevemente. Antes que me retirassem dele.

— Que lhe parece?

— Que essa acusação de homicídio tinha algumas lacunas importantes. Um bom advogado o teria destruído.

— E a morte de seu marido?

— Irregular.

— Sabia sobre Eve Fontaine?

— Não muito. Disseram-me que comprou a sua casa há um ano. Que vivia muito reclusa. Passava todo seu tempo em Margate. Mas asseguro que você sabe muito mais do que eu. Não disse que a viúva está em seu quarto?

— Sim. Em minha velha pensão, em Baker Street.

— Ah, em Kenmore. — Lieberman guardou a informação sem mudar de expressão. — Que tipo de mulher é?

Nick pensou por um momento.

— Calada — disse por fim. — Inteligente. E neste momento muito confusa.

— Vi a foto de seu passaporte. Não me pareceu... Muito especial.

— Muitas pessoas não são o que parecem.

— Posso perguntar qual seu interesse?

— Não.

Lieberman sorriu.

— Olhe, Nick, eu não sei mais nada. Se descobrir algo, te telefonarei.

Quanto tempo vai ficar em Kenmore?

Nick se pôs de pé.

— Alguns dias, suponho.

— E Sarah Fontaine ficará contigo?

Nick não tinha resposta para isso. Se dependesse dele, Sarah voltaria a Washington logo. Só de imaginá-la sozinha em sua casa bastava para se pôr nervoso. A proprietária de Kenmore, uma velha conhecida, lhe havia assegurado que seus dois musculosos filhos se ocupariam de qualquer problema, mas estava ansioso por voltar. Não podia afastar de sua mente a terrível morte de Eve.

— Se Sarah ficar em Londres eu também ficarei — disse.

Apertaram as mãos.

— A propósito — perguntou Nick -, já ouviu falar de um tal Magus?

O rosto de Lieberman não se alterou.

— Não me diz nada.

Nick se deteve na porta.

— Uma última coisa. Pode dar uma mensagem para Roy Potter?

— Claro.

— Diga a ele para retirar seus sabujos. Ou pelo menos que nos sigam a uma distância mais discreta.

Lieberman franziu a testa.

— Direi a ele. Mas em seu lugar, eu me asseguraria de que são eles que te seguem. Por que se não forem, a alternativa pode ser bem menos agradável.

— Menos agradável que a CIA? — perguntou Nick. — Duvido.

Quando Nick voltou para seu quarto, na pensão Kenmore, encontrou Sarah dormindo. Se havia deitado na cama com o rosto sobre a almofada e o braço caído ao lado. Os óculos haviam caído no chão e o sol iluminava o seu cabelo ruivo. Olhou-a com atenção. Fosse qual fosse a razão, lhe parecia muito charmosa. Não no sentido clássico. Não como Lauren, sua ex-esposa que, com seu cabelo escuro e seus olhos verdes, fazia as pessoas virarem a cabeça.

A mulher que tinha diante de si não parecia em nada com Lauren. Espantava-se que um homem como Geoffrey tivesse casado com ela. Mas

não estava disposta a abandonar o marido. Queria acreditar nele. E curiosamente aquela lealdade a Geoffrey era o que mais gostava nela.

Virou-se para a janela. Na rua havia um carro negro parado. A CIA vigiando-os. Saudou com a mão, pensando em como podia ter caído tão baixo na espionagem. Depois fechou as cortinas e se deitou na outra cama.

A luz do dia era desconcertante. Estava cansado, mas somente poderia fechar os olhos e pensar. Por que se havia colocado a si mesmo naquela posição? O inteligente seria ir para casa e deixar que a CIA se ocupasse de tudo. Mas se acontecesse algo a Sarah, jamais se perdoaria.

Adormeceu aos poucos. Uma visão penetrou em seus sonhos: uma mulher de olhos cor âmbar. Desejava tocá-la, mas suas mãos se enroscavam no cabelo dela. Sarah. Como era possível que alguém não a achasse bonita? O rosto dela se desvaneceu e ele ficou só. Como sempre.

Em uma das salas de Roy Potter soou uma voz no rádio.

— O'Hara saiu do escritório de Lieberman há 40 minutos. — disse um agente. Voltou para Kenmore. Faz uma hora que não vejo a mulher. As cortinas estão corridas. Creio que tenham se deitado.

— E certo que não para dormir — murmurou Potter ao seu ajudante.

O agente Tarasoff apenas sorriu. Ele não tinha senso de humor.

Vestia-se corretamente e até na maneira como comia o seu sanduíche de rosbife demonstrava aborrecimento. Dava pequenas mordidas e limpava os dedos entre uma e outra. Potter, por outro lado, comia como uma pessoa normal... Sem muito asseio. Ele engoliu o último pedaço e pegou o microfone.

— Certo, homens; não se movam e se inteirem de quem passar por aí.

— Sim, senhor.

— Como estão localizados?

— Não nos podemos queixar. Há um pub na calçada em frente.

— Já os viram?

— Temo que sim. Antes nos fez um gesto obsceno.

— Já? Que fizeram? Apresentaram-se?

— Não, senhor; viu-nos quando saímos da delegacia.

— Certo. São uma e meia. Dentro de duas horas poderão se retirar.

Deixou o microfone e jogou no cesto o papel que envolvia o sanduíche. Errou por pouco, mas não queria levantar-se.

Tarasoff levantou-se e pegou no papel.

— Que acha de tudo isso, senhor Potter?

Ele encolheu os ombros.

— Não estou muito certo.

— Acredita que esse tal O'Hara possa ser espião de alguém?

Potter deu uma gargalhada.

— O'Hara? Não, ele é muito honrado. O tipo de homem que passa o dia preocupando-se com baleias mortas e essas coisas — olhou o sanduíche meio comido do outro. — Pensa em terminar isso?

— Não, senhor. Pode ficar com ele.

Potter aceitou a oferta e deu uma mordida.

— O'Hara não é tolo, mas é pura teoria e nada de prática. Fala quatro idiomas. Não é um mau diplomata, mas não vive no mundo real.

— Mas por que se misturou com isto? Não tem sentido.

— Nunca estive apaixonado.

— Esteve casado.

— Não, me refiro a apaixonar-se.

— Bem, sim. Suponho que sim.

— Supõe. Isso não é amor. Refiro-me a algo apaixonado, algo que te deixa louco e te faz arriscar a vida. Inclusive talvez casar-se.

— Está apaixonado por Sarah Fontaine?

— Por que não?

Tarasoff sacudiu a cabeça, gravemente.

— Eu acredito que esteja espionando.

Potter soltou uma gargalhada.

— Não subestime o poder dos hormônios.

— Minha esposa diz o mesmo sempre — Tarasoff franziu a testa e olhou a manga do paletó de seu superior. — Será melhor que limpe essa

mostarda.

Potter olhou a gota amarela de sua manga. Dia novo, mancha nova. Buscou um guardanapo e acabou conformando-se com um pedaço de papel.

O jogou na cesta. Errou. Levantou-se da cadeira com um grunhido. Estava levantando o papel quando a porta se abriu.

— Sim? — perguntou. Em seguida, ficou em silêncio.

Tarasoff se voltou e olhou para o homem que estava na porta. Era Jonathan Van Dam.

Potter pigarreou.

— Senhor Van Dam. Não sabia que estava em Londres.

O recém-chegado se sentou na cadeira que Potter ocupava e afastou uns copos plásticos da mesa antes de colocar a sua maleta sobre ela.

— Estou curioso sobre um assunto. Havíamos grampeado o telefone de Sarah Fontaine... E sabe o que ocorreu há alguns dias? Recebeu uma chamada de seu esposo. Uma façanha, não acha? Ou as comunicações melhoraram tanto?

Potter e Tarasoff se olharam.

— Senhor, posso explicar... Disse o primeiro.

— Sim — respondeu Van Dam, muito sério. — Creio que deve fazê-lo.

Nick e Sarah ofereciam o rosto ao vento nos altos precipícios de Margate. As gaivotas se lançavam desde o céu e seus gritos cortavam o ar como carpideiras. O sol brilhava com força e reluzia como vidro quebrado. Até Sarah parecia mais viva sob aquele toque mágico.

Desde que saíram de Londres essa manhã, havia tirado o casaco e o pulôver. Vestida agora com uma blusa de algodão branca e uma saia cinza, se deteve sob o sol e levantou o rosto para ele. Estava viva. Algo que havia esquecida nas últimas semanas.

— Sarah? — Nick lhe tocou o braço e apontou o caminho. Com sua camisa e calças gastas parecia mais um pescador que um burocrata. — Falta muito?

— Não. É sobre a colina.

O homem pôs-se a andar e ela o observou. Não conhecia todas as suas razões para estar ali, mas confiava nele. Era um amigo, e aquilo era a única coisa que importava.

Nick olhou para trás. Não havia rastro de nenhum perseguidor. Estavam sozinhos.

— Me pergunto por que não estão nos seguindo.

— Talvez tenham-se cansado.

— Bem, vamos continuar.

— Você não gosta da CIA, não é? — perguntou ela.

— Não.

— Por quê?

— Não confio neles. E menos ainda em Roy Potter.

— Que lhe fez o senhor Potter?

— A mim nada. Exceto, talvez, mandar-me de volta para Washington.

— Washington é tão ruim?

— Não é o lugar ideal para uma carreira diplomática.

— Qual seria?

— Os lugares quentes de África, África do Sul.

— Mas você estava em Londres.

— Não foi minha primeira opção. Ofereceram-me Camarões, mas tive de declinar.

— Por quê?

— Por Lauren. Minha ex-esposa.

— Ah.

A jovem se perguntou que haveria dado errado entre eles. Rotina? Tédio? Não podia imaginar que alguém se entediasse com Nick. Era um homem de muitas facetas, cada uma mais complexa que a anterior. Poderia uma mulher chegar a conhecê-lo?

Cruzaram em silêncio a fila de caixas de correio e viram a casa branca por trás da cerca de madeira. O velho jardineiro não estava à vista.

— É ali — disse ela.

— Vamos ver se tem alguém. — disse Nick. Aproximou-se e tocou a campainha, mas não houve resposta. — Creio que está vazia. Melhor.

— Nick? — o seguiu para a parte de trás e o encontrou abrindo o trinco. A porta se abriu lentamente. A luz do sol iluminou o chão de pedra polida. Aos seus pés jazia um pedaço de um prato de porcelana. Não se via nada mais fora do lugar. As gavetas da cozinha estavam fechadas. Na janela havia duas plantas. Uma torneira a pingar era tudo o que se ouvia.

— Espere aqui — lhe sussurrou Nick.

Desapareceu no cômodo seguinte e ela olhou em redor. Estava no coração da casa. Eve cozinhava ali, Geoffrey e ela riam juntos. O lugar parecia ressoar com sua presença. E ela era uma intrusa.

— Sarah? — Nick a chamou da porta. — Venha ver isto.

O seguiu para a sala de estar. Nas estantes haviam livros encadernados em couro. Estatuetas chinesas decoravam a lareira onde ainda havia cinzas. Somente tinham mexido no escritório. Havia esvaziado as gavetas e atirado ao chão um monte de correspondências.

— O roubo não foi o motivo — disse ele, apontando as estatuetas antigas da lareira. — Creio que procuravam informações. Uma agenda, talvez. Ou um número de telefone.

A jovem olhou em redor. Um pouco além viu uma porta aberta. Uma fascinação inexplicável e dolorosa a atravessou. Sabia o que existiria lá, mas não pode deter-se.

Era o quarto. Olhou a colcha de flores da cama de casal com os olhos cheios de lágrimas. Era a cama de outra mulher. Quantas noites havia Geoffrey passado ali?

Quantas vezes tinham feito amor? Sentia falta dela quando não estava ali?

Eram perguntas que somente ele poderia responder. Tinha que encontrá-lo ou nunca seria livre. Saiu da casa chorando e um momento depois olhava o mar do precipício. Apenas ouviu os passos de Nick se aproximando. Mas sentiu as mãos dele apoiando-se com suavidade em seus

ombros. Não falou; limitou-se a acompanhá-la em silêncio. E isso era o que ela precisava.

Depois de um tempo, voltou-se para ele.

— Tenho de encontrar Geoffrey — disse. — E você não pode vir comigo.

— Não pode ir sozinha. Veja o que aconteceu a Eve.

— Não querem a mim. Querem Geoffrey. E eu sou seu único vínculo. Não me farão nada.

— E como irá encontrá-lo?

— Ele me encontrará.

Nick balançou a cabeça.

— Isso é loucura. Não sabe o que está enfrentando.

— E você sabe? Se sabe, diga-me.

Nick não respondeu. Limitou-se a observá-la, com olhos que tinham escurecido até adquirir uma tonalidade de prata queimada.

Sarah tornou a andar e ele a seguiu com as mãos nos bolsos. Detiveram-se em frente às caixas de correspondência, onde Whitstable Lane se fundia com o caminho do precipício.

Um carteiro levou uma mão ao chapéu e desceu com a sua bicicleta pelo caminho.

Acabava de entregar a correspondência. Sarah enfiou a mão na caixa de número 25. Havia um catálogo e três faturas, todas dirigidas a Eve.

— Não precisará delas — comentou Nick.

— Não, acho que não — guardou as faturas no bolso. — Esperava que tivesse algo mais...

— O quê? Que ele tivesse escrito uma carta? Não sabe nem por onde começar, não é?

— Não. Mas o encontrarei — afirmou teimosamente.

— Como? Não se esqueça de que a CIA está te esperando.

— Eu os despistarei.

— E depois? E se o assassino de Eve decide ir à sua procura? Acredita que poderá lidar com ele sozinha?



A mulher tornou a andar pelo caminho. Nick a tomou pelo braço e a virou para ele.

— Sarah! Não seja estúpida!

— Tenho que encontrar Geoffrey!

— Pois me deixe ir com você.

— Por quê? — gritou ela.

A resposta a pegou desprevenida. Nick a tomou nos braços e, antes que tivesse tempo de reagir, beijou-a com força na boca. O grito das gaivotas desapareceu e o vento pareceu transportá-los para longe, até fazê-la perder a noção de onde estava. O abraçou por sua vez e abriu os lábios. Já não se importava com nada que não fosse o sabor de sua boca, o cheiro do mar em sua pele.

Os gritos das gaivotas retomaram a sua força à medida que se impunha a realidade. Sarah se soltou. A julgar por sua expressão, Nick parecia tão surpreso quanto ela.

— Suponho que por isso — murmurou.

A jovem sacudiu a cabeça confusa. Ele a havia beijado. Tinha sido tão rápido, tão inesperado, que não podia entender o que isso implicava. Mas sabia de uma coisa: ela o desejava. E o desejo crescia a cada minuto que passava.

— Por que fez isso?

— Foi sem pensar. Eu não pretendia... — voltou-se. Não, maldição! Retiro o que disse. Eu queria, sim.

Sarah se retirou, mais confusa que nunca. Que acontecia? Somente alguns dias atrás acreditava estar loucamente apaixonada por Geoffrey. E nesse momento, Nick O'Hara era o único homem que desejava. Entretanto podia saborear seus lábios, sentir suas mãos abraçando-a, e não deixava de pensar o quão maravilhoso seria voltar a beijá-lo. E nessas condições, o melhor seria não tê-lo por perto.

— Por favor, Nick — disse. — Volte para Washington. Tenho que encontrar Geoffrey e você não pode vir comigo.

— Espere, Sarah!

Mas ela já se afastava.

Silenciosamente, como dois estranhos, foram até ao carro alugado por Nick, que estava estacionado numa rua de pequenas lojas. Atrás do veículo estava o mesmo Ford negro que os havia seguido desde Londres.

A silhueta de um dos agentes era visível contra o vidro escuro. Sarah o olhou através do para-brisa ao passar; não havia nenhum movimento dentro do carro.

Nick também notou isso. Parou e bateu na janela. O agente não se moveu, nem falou. Estaria adormecido. Era difícil saber através do vidro escuro.

— Nick? — sussurrou ela. — Acha que tem algo acontecendo?

— Continue andando — respondeu ele suavemente — Quero que entre no carro e não se mexa.

— Nick...

Este se aproximou do Ford cautelosamente. A curiosidade a impulsionou a segui-lo. O agente continuava sem se mover. Nick vacilou um segundo e abriu a porta do passageiro.

Os ombros do agente caíram para o lado. Um braço caiu do carro até a rua. Nick recuou horrorizado quando as gotas de vermelho brilhante mancharam a calçada.

# Oito

Sarah gritou. No momento seguinte, começaram a disparar nas janelas do Ford, e Nick jogou-se sobre ela e a empurrou contra o chão. A jovem não podia mover-se, nem falar; o impacto a havia deixado sem ar.

Nick se pôs ao lado e a empurrou para frente.

— Suba no carro! — ordenou.

Sarah se pôs em movimento e entrou no MG alugado, como um animal aterrorizado. As balas quebravam as janelas, e pessoas gritavam ao redor.

Nick subiu atrás de Sarah, passou por cima dela e caiu sob o volante. Antes de sentar-se no banco, trazia as chaves na mão.

Ligou o motor. Sarah tentou fechar a porta, mas Nick gritou:

— Agache-se! Agache-se, maldição!

A jovem se jogou ao chão.

Nick engatou a ré e o carro bateu no Ford. Colocou a primeira, girou o volante para a direita e pisou no acelerador. Saltaram para frente. Sarah sentiu-se pressionada contra o assento. Teve a impressão de que avançavam às cegas, rumo a uma colisão inevitável, e se preparou para o impacto.

Mas isso não aconteceu. Somente ouviu o barulho do motor e a ordem de Nick ao colocar a terceira.

— Feche a porta! — ordenou.

Sarah o olhou. Tinha ambas as mãos no volante e os olhos na estrada. Estavam a salvo. Nick tinha assumido o controle. As ruas de Margate passavam rapidamente pela janela.

Fechou a porta.

— Por que querem nos matar?

— Boa pergunta — apareceu um caminhão do nada e Nick manobrou para o lado.

Atrás deles veio o chiar de pneus e o grito irado do outro motorista.

— O agente...

— Cortaram-lhe a garganta.

— Oh, meu Deus...

Diante deles havia uma placa com o nome de Westgate. Nick colocou a quarta. Tinham deixado Margate para trás e agora se via campos vazios pela janela.

— Mas quem? Quem está tentando nos matar? — perguntou ela.

O homem olhou pelo retrovisor.

— Espero que não tenhamos que descobrir isso agora.

A jovem voltou a cabeça com horror. Um Peugeot azul se aproximava depressa. Somente podiam ver que o motorista usava óculos de sol.

— Segure-se — disse Nick. — Vamos dar um passeio — apertou o acelerador e se lançou pela estrada a toda velocidade. O Peugeot os seguia implacável. Era um carro maior e desajeitado; passou para a contramão e esteve a ponto de chocar-se com uma van. O erro lhe custou alguns segundos e ficou para trás. Mas cada vez havia menos tráfego e em campo aberto não poderiam competir. O Peugeot era mais rápido.

— Não consigo despistá-lo!

Sarah percebeu o desespero em sua voz. Estavam condenados e ele não podia fazer nada.

— Coloque o cinto — disse Nick. — Estamos ficando sem opções.

Sarah prendeu o cinto e o olhou. O seu perfil havia endurecido e tinha o olhar fixo na estrada. Estava muito ocupado para parecer assustado, mas as suas mãos o traíam. Tinha os nós dos dedos brancos.

A estrada se bifurcava. À esquerda, uma placa indicava Canterbury. Nick a seguiu. O Peugeot esteve a ponto de saltar o desvio, mas girou no último momento e avançou para eles.

A voz de Nick atravessou a nuvem de medo que se tinha formado no cérebro dela.

— Começarão a disparar a qualquer momento. Abaixei a cabeça. Eu me mantereii na estrada o tempo que puder. Se pararmos, saia e corra o quanto for possível. Poderão explodir o tanque de gasolina.

— Não te deixarei.

— Fará isso.

— Não, Nick.

— Maldição! — gritou ele. — Faça o que te digo!

O Peugeot estava tão perto que Sarah podia ver os dentes do condutor, que sorria.

— Por que não atiram? — perguntou.

O Peugeot bateu no para-choque traseiro. A jovem agarrou com força a porta.

— Por isso — respondeu Nick. Querem nos tirar da estrada.

Houve outra batida, desta vez do lado esquerdo. Nick manobrou o carro. O Peugeot ficou a seu lado. Sarah, paralisada pelo terror, pegou-se olhando através da janela o rosto do motorista. Seu cabelo loiro — tão claro que era praticamente albino — caía quase sobre os óculos de sol. Tinha as faces encovadas e a pele pálida como cera. Sorria-lhe.

A jovem só percebeu vagamente o obstáculo que teria adiante. Estava hipnotizada pelo rosto do homem, por seu sorriso mortífero. Ouviu o suspiro de Nick e olhou a curva... E o carro parado na estrada.

Nick virou para a direita e entrou na contra mão. Os pneus chiaram. Sarah viu campos verdes e se fixou logo nas mãos de Nick, que lutavam para controlar o volante. Apenas ouviu o choque metálico e o som de vidros quebrados atrás de si.

Então, o mundo parou. Estavam olhando um campo de vacas surpresas. O coração de Sarah começou a bater novamente. Nick apertou o acelerador e guiou o MG até a estrada.

— Isso os atrasará um pouco — disse.

Sarah voltou o olhar. O Peugeot estava tombado de lado no campo. A seu lado, de pé na lama, estava o motorista loiro, o homem do sorriso mortal. A fúria era visível em seu rosto apesar da distância. Depois, o Peugeot e ele se perderam de vista.

— Está bem? — perguntou Nick.

— Sim. Sim — tentou engolir o nó seco que tinha na garganta.

— Uma coisa é evidente. Não poderá ir sozinha.

Sozinha? A simples ideia a atemorizava. Não, não queria estar sozinha. Mas até que ponto teria direito de contar com ele? Não era um soldado, era um diplomata. Recorria ao instinto, não ao treino. Mas era o único que se colocava entre os assassinos e ela.

A estrada se bifurcou novamente. Canterbury e Londres ficavam a oeste. Nick virou-se para leste, a estrada até Dover.

— Que está fazendo? — perguntou Sarah, fraca.

— Não vamos para Londres.

— Mas precisamos de ajuda.

— Já tivemos e não serviu de muito, não é?

— Londres será mais seguro.

O homem balançou a cabeça.

— Não. Ali estariam nos esperando. O que houve hoje mostrou que não podemos contar com o nosso pessoal. Não sei se são somente incompetentes ou se é algo pior..

Algo pior? Referir-se-ia a uma traição? Ela acreditava que o pesadelo havia terminado, que somente teriam que chegar à porta da Embaixada em Londres e cair nos braços protetores da CIA. Não tinha considerado a possibilidade de que eles mesmo quisessem a sua morte. Não fazia sentido.

— A CIA não mataria seu próprio agente — comentou.

— Pode ser que não. Mas sim alguém de dentro. Alguém com outros contatos.

— E se estiver enganado?

— Vamos, pense. O agente não ficou quieto enquanto lhe cortavam a garganta? O pegaram de surpresa. Alguém a quem conhecesse. Tem que

existir uma pessoa dentro, misturada. Alguém que nos quer matar.

— Mas eu não sei de nada.

— Talvez você saiba e não se tenha dado conta.

Sarah sacudiu a cabeça.

— Não. Isto é loucura. Uma loucura. Nick, sou uma mulher comum. Trabalho, faço compras, preparo o jantar... Não sou espiã. Não sou como Eve.

— Mas é o momento de começar a pensar como ela. Eu também sou novo neste jogo. E me parece que estou tão envolvido quanto você.

— Podemos voltar para casa... Para Washington?

— E acredita que ali estaria mais segura?

Não. Ele tinha razão. Não tinham para onde ir.

— E para onde iremos? — perguntou desesperada.

O homem olhou o relógio.

— É meio-dia. Deixaremos o carro em Dover e pegaremos a balsa até Calais. E ali, um trem para Bruxelas. Em seguida, nós desapareceremos por um tempo.

Sarah olhou a estrada sem responder. Quanto tempo era um tempo?

Teria que passar a viver como Eve, sempre fugindo, olhando sempre por sobre o ombro?

Viu que Nick apertava com força o volante e compreendeu que ele também tinha medo. E isso era o que mais a aterrorizava.

— Suponho que tenho que confiar em você — disse.

— Parece que sim.

— Em quem mais podemos confiar, Nick?

O homem a olhou.

— Em ninguém.

Roy Potter levantou o fone no primeiro toque. O que ouviu a seguir lhe fez apertar o botão de gravação. Era a voz de Nick O'Hara.

— Tenho algo a dizer.

— O'Hara? Onde diabos...?

— Estamos fora, Potter. Esqueça nosso rastro.

— Não podem sair assim. Precisamos de vocês.

— Seus narizes.

— Acredita que poderão continuar vivos sem nossa ajuda?

— Sim, eu acredito. E escute-me bem, Potter. Investigue seu pessoal. Porque algo cheira mal. E se descobrir que o responsável é você, juro que acabo com sua vida.

— Espere, O'Hara...

A linha ficou muda. Potter desligou xingando. Olhou de má vontade para a mesa de Jonathan Van Dam.

— Estão vivos — disse.

— Onde estão?

— Não disse. Estão localizando a chamada.

— Virão para cá?

— Não. Vão esconder-se.

Van Dam se inclinou sobre a mesa.

— Eu os quero, senhor Potter. Os quero agora. Antes que alguém mais chegue até eles.

— Senhor, estão com medo. Não confiam em nós.

— Não me surpreende, considerando o último golpe. Encontre-os.

Potter pegou o telefone amaldiçoando silenciosamente Nick O'Hara.

— Tarasoff? Tem o número? Como estão em algum lugar de Bruxelas? Eu sei que estão em Bruxelas. Quero o endereço, maldição.

— Simples vigilância — disse Van Dam. — Era esse seu plano, não? E que aconteceu?

— Destaquei dois excelentes agente para seguir a senhora Fontaine. Não sei o que falhou. Um de meus homens continua desaparecido. E o outro está no necrotério...

— Não posso me preocupar com os agentes mortos. Quero Sarah Fontaine. Que me diz das estações de trem e aeroportos?

— O escritório de Bruxelas está no caso. Eu voarei para lá esta noite. Ocorreram atividades em suas contas bancárias. Grandes retiradas. Parece



que pensam ficar escondidos por muito tempo.

— Vigie as contas. Passe suas fotos para a polícia, a Interpol, a todos que puderem cooperar. Não a detenham, apenas a localizem. E precisamos de um perfil psicológico de O'Hara. Quero saber seus motivos.

— De O'Hara? — Potter sorriu com desdém. — Eu posso dizer tudo o que precisa saber.

— Que acha que ele fará em seguida?

— É novo nisto. Não sabe como tirar outra identidade. Mas fala francês muito bem. Pode movimentar-se por Bruxelas sem levantar suspeitas. E está pronto. Podemos demorar a encontrá-lo.

— E a mulher? Pode misturar-se igualmente bem?

— Que eu saiba não fala outros idiomas. Nenhuma experiência. Sozinha estaria perdida.

Tarasoff entrou no escritório.

— Tenho um endereço. É uma cabine no centro da cidade. Impossível localizá-lo lá.

— Quem conhece O'Hara na Bélgica? — perguntou Van Dam. — Alguém em quem possa confiar?

Potter franziu a testa.

— Teria que ver seu histórico.

— E o senhor Lieberman do departamento consular? — sugeriu Tarasoff. — Ele conhecerá os amigos de O'Hara.

Van Dam deu-lhe um olhar satisfeito.

— Bom começo. Alegra-me que alguém pense. Que mais?

— Bem, senhor, me pergunto se deveríamos estudar outros ângulos da vida deste homem... — o agente notou o olhar sombrio que Potter lhe direcionava. — Claro que o senhor Potter o conhece melhor — terminou.

— A que história você se refere, senhor Tarasoff? — insistiu Van Dam.

— Não paro de pensar se... Bem, se trabalhará para alguém.

— Nada disso — disse Potter. — O'Hara é independente.

— Mas seu homem tem razão — disse Van Dam. — E se passamos sobre algo quando investigamos O'Hara?

— Passou quatro anos em Londres — disse Tarasoff. — Pode possuir muitos contatos.

— Olhe, eu o conheço bem — insistiu Potter. — Ele está sozinho.

Van Dam não parecia escutá-lo. Potter tinha a sensação de estar falando para o vazio. Porque sempre se sentia como um vagabundo com mostarda na roupa velha?

Havia trabalhado duro para ser um bom agente, mas não era suficiente. Para homens como Van Dam, sempre lhe faltaria estilo.

Tarasoff o tinha. E Van Dam usava roupa de Savile Row e um Rolex. Tinha sido bastante esperto para casar-se por dinheiro. Supostamente, era isso que Potter deveria ter feito. Ter-se Casado com uma mulher rica. E agora daria uma pensão a ele, e não vice-versa.

— Espero resultados logo, senhor Potter — disse Van Dam, colocando o sobretudo. — Avise-me quando souber de algo. O que fará com O'Hara depois é assunto seu.

Potter franziu a testa.

— Como assim?

— Eu o deixo em suas mãos. Mas seja discreto — Van Dam saiu da sala.

Potter olhou perplexo a porta fechada. Oh, ele sabia o que gostaria de fazer a O'Hara. Ele era apenas um diplomata de carreira, daqueles que depreciavam o serviço de espionagem. Nenhum deles apreciava o trabalho sujo que Potter tinha que fazer.

Mas alguém tinha que fazê-lo. Quando as coisas iam bem, ninguém se dava por informado. Mas quando iam mal, a quem dirigiam a culpa?

Os insultos que O'Hara tinha-lhe dirigido, um ano atrás, ainda doíam. Em parte porque no fundo sabia que o diplomata tinha razão. A morte de Sokolov tinha sido culpa sua.

Desta vez não podia permitir-se erros. Já tinha perdido dois agentes. Pior ainda, tinha perdido o rastro da senhora Fontaine. Não podia haver mais falhas. Os encontraria ainda que tivesse que revistar todos os hotéis de Bruxelas.

Jonathan Van Dam estava igualmente decidido a encontrá-los. O'Hara tinha conseguido estragar o que deveria ser uma simples operação. Ele era o fator inesperado, o detalhe que ninguém havia previsto, o tipo de coisa que causa pesadelos aos agentes. E preocupava-o que Tarasoff tivesse razão, que O'Hara fosse algo mais que um homem apaixonado. E se trabalhasse para alguém?

Van Dam olhou seu prato de carne assada pensando nesta possibilidade. Estava sozinho em seu restaurante preferido em Londres. A comida era boa. Gostava da luz das velas e do murmúrio das conversas. Gostava de ver outras pessoas ao seu redor. Isso o ajudava a concentrar-se em seus problemas.

Terminou a carne e bebeu um cálice de porto. Sim, o jovem Tarasoff tinha uma certa razão. Era perigoso assumir que as coisas eram o que pareciam. E ele o sabia melhor que ninguém.

Durante dois anos havia suportado o que desde sempre considerava um casamento feliz. Durante dois anos havia compartilhado a cama com uma mulher a quem apenas suportava tocar. Tinha cuidado dela em suas bebedeiras, suportado seus ataques de raiva e seus remorsos posteriores. A morte de Cláudia tinha surpreendido todos e sobretudo, talvez, a própria Cláudia. Aquela puta pensava que viveria para sempre.

Sim, o porto era excelente, assim pediu outro. Uma mulher sentada duas mesas depois o olhava repetidamente, mas ele a ignorou certo de que ela também gostaria de álcool. Como Cláudia.

Tornou a pensar no assunto de Sarah Fontaine. Sabia que seria impossível encontrar um homem como Nick, um homem que falava bem o francês em uma cidade tão grande como Bruxelas. Mas a mulher era outra história. Somente teria que abrir a boca no momento inoportuno e estaria tudo acabado. Sim, era melhor concentrar-se em procurar por ela. E afinal, ela era o que importava.

Sarah, sentada no colchão duro com as pernas cruzada, olhou seu relógio uma vez mais. Nick estava fora há duas horas e ela tinha passado todo esse tempo, sentada como um zumbi, procurando ouvir seus passos. E pensando. Pensava no medo e se voltaria a sentir-se segura novamente.

No trem de Calais tinha lutado contra o pânico, contra a premonição de que algo terrível estava a ponto de acontecer. Estava suspensa em cada som, em cada detalhe que via. Suas vidas poderiam depender de algo tão trivial como o olhar de um estranho.

Chegaram a Bruxelas sem problemas. Passaram as horas e o terror cedeu espaço à ansiedade. Por enquanto estava segura.

Levantou-se e se aproximou da janela. Uma chuva fina molhava os telhados, dando-lhes um aspecto fantasmagórico.

Acendeu a única lâmpada nua que tinha. O quarto era minúsculo e desorganizado, uma espécie de caixa no segundo piso de um pequeno hotel. Cheirava a pó e umidade. Algumas horas atrás não havia se importado com o aspecto do quarto, mas agora as paredes a estavam deixando louca. Sentia-se presa. Precisava de ar fresco e comida. Mas tinha que esperar o retorno de Nick.

Voltou-se.

Ouviu uma porta fechar-se no pavimento inferior e depois ruídos de passos que subiam as escadas. Uma chave entrou na fechadura e alguém abriu a porta. Sarah ficou petrificada.

Na passagem estava um desconhecido.

Nada nele era familiar. Usava um gorro preto de pescador caído sobre os olhos, um toco de cigarro pendendo na boca. Cheirava a peixe e vinho. Mas quando levantou o olhar, Sarah soltou uma gargalhada de alívio.

—Nick!

O homem franziu o cenho.

— Quem mais seria?

— É que esta roupa...

Nick olhou a jaqueta preta com desgosto.

— Não é asquerosa? O cheiro é um fedor — apagou o cigarro e estendeu um pacote envolvido em papel marrom.

— Sua nova identidade, senhora. Garanto que ninguém a reconhecerá.

— Me dá medo de olhar — abriu o pacote e tirou uma peruca negra curta, um pacote de grampos de cabelo e um vestido de lã especialmente feio. — Creio que ficava melhor nas ovelhas — comentou.

— Ei, não reclame. Alegre-se de que não a tenha trazido uma minissaia e meias de seda. E eu pensei nisso, acredite.

A mulher olhou a peruca com dúvida.

— Preta?

— Estava barata.

— Nunca usei peruca. Como se coloca? Deste lado?

Nick começou a rir.

— Não, é o contrário. Deixe comigo.

Sarah a tirou.

— Isto não dará certo.

— Claro que sim. Ei, sinto ter rido, mas tem que colocá-la direito — pegou os grampos na cama. — Vamos, vire-se. Primeiro tem que esconder seu cabelo.

Sarah se voltou e o deixou recolher seu cabelo. Quando suas mãos a tocaram, alguma coisa quente e alegre pareceu percorrer seu corpo; não queria que aquela sensação terminasse. Um homem tocando seu cabelo era tão reconfortante e sensual, sobretudo um homem com mãos tão suaves como as de Nick!

A tensão que abandonava os ombros de Sarah se concentrava no corpo de Nick. Enquanto lutava com os grampos, olhava a pele suave do pescoço da jovem. As mechas de cabelo pareciam fogo líquido em sua mão. O calor subia como uma corrente por seus dedos acima e se instalava em seu ventre. Uma fantasia se apoderou dele: Sarah de pé em seu quarto, com os seios nus e o cabelo solto pelos ombros.

Forçou-se a se concentrar no que fazia e começou a prender os grampos no cabelo.

— Não sabia que fumava — murmurou ela, sonolenta.

— Já não fumo. Parei há anos. Hoje foi apenas uma interpretação.

— Geoffrey fumava. Não pude fazê-lo parar. Era o único motivo por que discutíamos.

Nick engoliu a saliva quando uma mecha de cabelo se soltou e caiu em seu braço.

— Ai. Esse grampo machuca.

— Desculpe — colocou a peruca e a virou para ele. A expressão de seu rosto, uma mistura de dúvida e resignação, a fez sorrir.

— Pareço uma idiota, não é? — suspirou ela.

— Não. Está muito diferente, mas é isso que queremos.

A mulher concordou.

— Pareço idiota.

— Vamos, experimente o vestido.

— Que é isso? — perguntou ela. — Tamanho único?

— Sei que está grande, mas não podia ignorá-lo. Estava...

— Não me diga. Barato, não é? — ela riu. — Bem, se somos um casal, vamos jogar — olhou a roupa estropiada dele. — De que vai? De vagabundo?

— Pelo cheiro dessa jaqueta, eu diria que sou um pescador bêbado. E você tem que ser minha esposa. Somente uma esposa suportaria um tipo como eu.

— Certo. Sou sua esposa. E tenho fome. Podemos ir comer?

Nick se aproximou da janela e olhou a rua.

— Acho que já está bastante escuro. Por que não se troca?

Sarah começou a tirar a roupa. O homem continuou olhando a rua e lutando para ignorar os ruídos que escutava às suas costas: o murmúrio da blusa, o sussurro da saia ao passar pelos quadris...

E de repente pensou que estava numa situação ridícula.

Durante quatro anos, tinha conseguido manter-se independente e livre. E tinha fechado o seu coração às mulheres. E de repente chegava Sarah

Fontaine e entrava pela porta dos fundos. Precisamente Sarah, que continuava apaixonada por Geoffrey.

Sarah, que em duas semanas e meia havia conseguido que o tirassem de seu trabalho e tentassem matá-lo. Um começo espetacular.

Estava desejando ver o que viria a seguir.

# Nove

Sentaram-se numa taberna cheia de risadas, fumaça e dividiram uma garrafa de vinho tinto. Um vinho forte e indisciplinado, “vinho de camponês”, o definiu Sarah quando tomava o terceiro copo e a sala se tornara muito mais quente e brilhante.

Na mesa ao lado, alguns anciãos tomavam cerveja, contavam histórias e riam. Um gato passou entre as cadeiras e pôs-se a beber leite num prato que estava perto do bar. Sarah observava todos os detalhes, escutava todos os sons. Era um prazer estar fora de seu esconderijo e voltar ao mundo, ainda que fosse por uma noite.

Através da fumaça dos cigarros viu que Nick lhe sorria. Tinha os ombros caídos e uma barba de um dia. Era difícil de acreditar que se tratava do mesmo homem que havia conhecido, no escritório do Governo, duas semanas atrás. Mas ela também não era a mesma mulher. O medo e as circunstâncias os haviam transformado.

— Seja feita a justiça à comida — Nick apontou seu prato vazio. — Sente-se melhor?

— Muito melhor. Estava morta de fome.

— Café?

— Daqui a pouco. Antes, quero terminar o vinho.

O homem sacudiu a cabeça.

— Talvez devesse deixá-lo. Não podemos nos permitir o menor descuido.

— Nunca fiquei bêbada — protestou ela, irritada.

— É um mau momento para começar.



A jovem bebeu um gole do copo.

— Isso de dar ordens é costume seu?

— Que quer dizer?

— Desde que nos conhecemos você tem controlado tudo.

— Absolutamente. Ir a Londres foi ideia sua, lembra?

— Ainda não me disse por que me seguiu. Estava zangado, não é?

— Sim.

— Veio por isso? Para me torcer o pescoço?

— Eu pensei nisso — levou o copo de vinho aos lábios e a olhou sobre ele. — Mas mudei de ideia.

— Por quê?

— Por vê-la indefesa na delegacia.

— Talvez eu seja mais forte do que você acredita.

— Está certa?

— Não sou uma menina, Nick. Sempre cuidei de mim mesma.

— Não estou dizendo que é incompetente. É uma mulher muito inteligente. Uma investigadora altamente considerada.

— Como sabe disso?

— Li seu histórico.

— Ah, sim. A ficha misteriosa. E que mais sabe?

O homem se recostou na cadeira.

— Vejamos. Sarah Gillian Fontaine, estudou na Universidade de Chicago. Participou de meia dúzia de projetos de investigação em microbiologia. É evidente que é inteligente — fez uma pausa. — E também que precisa de ajuda — terminou, com suavidade.

Guardaram silêncio enquanto o garçom fechava a conta. Quando voltaram a ficar sozinhos, Nick disse, sério:

— Sei que pode se cuidar sozinha em circunstâncias normais. Mas estas não o são.

A jovem não podia discutir esse ponto.

— Concordo — suspirou. — Confesse que tenho medo e que estou cansada de ter que estar atenta a todo momento. Mas não me subestime.

Vou fazer tudo para permanecer viva.

— Fico contente. Porque antes que isto termine, pode ser que você se transforme em uma dúzia de mulheres diferentes. Lembre-se que já não é Sarah Fontaine. Não pode ser você em público, terá que deixá-la para trás.

— Como?

— Invente alguém. Até ao último detalhe. Converta-se em um personagem. Comece se descrevendo. Quem você é?

Sarah pensou um momento.

— Sou a mulher de um pescador que luta para chegar ao fim do mês.

— Continue.

— Minha vida não é fácil. Canso-me muito. E tenho seis filhos que não param de chorar.

— Bom. Continue.

— Meu marido... Não para muito em casa.

— O bastante para lhe dar seis filhos — apontou com um sorriso.

— Temos uma casa pequena. Todos gritam uns com os outros.

— São felizes?

— Não sei. Somos?

O homem inclinou a cabeça, pensativo.

— Sim, somos felizes. Quero bem a minhas cinco filhas e meu filho. E também a minha esposa. Mas me embriago muito e não sou muito amável.

— Me bate?

— Quando você merece. Mas logo estou muito, muito arrependido — adicionou suavemente.

Se olharam nos olhos como o fazem dois desconhecidos que compreendem pela primeira vez que se conhecem bem. Os olhos dele se suavizaram e Sarah se perguntou como seria fazer amor com ele. Ainda que Geoffrey houvesse sido um amante gentil, havia algo frio e desapaixonado nele. Sentia que Nick seria muito diferente. Tomaria-a como um homem faminto.

Pegou o copo com a mão trêmula.

— Há quanto tempo estamos casados? — perguntou.

— Quatorze anos. Eu tinha vinte e quatro, você... Apenas dezoito.

— E estou certa de que minha mãe não gostou.

— Nem a minha. Mas não nos importamos — passou um dedo pelo dorso da mão dela. — Estávamos loucamente apaixonados.

Algo em sua voz a fez silenciar. O jogo parecia ter mudado. Deixou de perceber a sala cheia de estranhos, as risadas e a fumaça. Somente existia o rosto de Nick e seus olhos, que brilhavam como prata.

— Sim — repetiu com voz apenas audível. — Estávamos loucamente apaixonados.

O barulho do copo ao chocar-se na mesa a devolveu à realidade. Um rio de vinho corria pela toalha. Os sons da taberna a envolveram de repente.

Nick estava de pé com um guardanapo na mão. Limpou o vinho e a olhou com curiosidade.

— Sarah? Que aconteceu?

A jovem se levantou e saiu correndo da taverna. O ar frio da noite açoitou seu rosto. Na metade do beco ouviu os passos de Nick atrás dela. Não parou até que ele a alcançou e a virou para si. Estavam de pé no meio de uma praça e os edifícios reluziam como ouro à luz dos postes.

— Sarah, me escute.

— É um jogo, Nick — disse ela, lutando para se soltar. — Somente um jogo idiota.

— Não. Já não é um jogo. Para mim não.

Abraçou-a tão bruscamente que ela não teve tempo de debater-se nem surpreender-se. Pareceu-lhe que caía através da escuridão e aterrava em seu peito.

Não teve tempo de recuperar-se, nem tão pouco de respirar.

Nick cheirava a vinho e ela se movia como uma bêbada. Tentou compreender o que sentia, mas aquele momento era ilógico. Abriu os lábios, se abraçou ao pescoço dele e sentiu a umidade de seu cabelo.

— Sarah. Sarah — gemeu ele, afastando-se ao olhá-la. Não é um jogo. É mais real que já senti.

— Tenho medo de cometer outro erro, Nick.

— Eu não sou Geoffrey. Que diabos, não sou mais que uma pessoa comum, quase quarentão e não sou rico. Certamente não sou muito inteligente. Não tenho nada a esconder. Somente estou sozinho e desejo você. O bastante para me meter nesta bagunça...

A puxou para si com um suspiro. A jovem escondeu o rosto em seu casaco, sem se importar que cheirasse mal. Somente lhe importava que quem o usava era Nick, que era seu ombro que a apoiava em seus braços, que a sustentavam com força.

O chuvisqueiro deu lugar à chuva, e Nick e Sarah correram de mãos dadas.

Quando chegaram ao hotel, estavam encharcados. Nick a observou tirar a peruca e soltar o cabelo em silêncio. A luz criava sombras estranhas em seu rosto. Do cabelo dele caíam gotas de água nas suas bochechas.

Se aproximou dela com olhos ardentes. Tocou seu rosto e Sarah estremeceu. Beijou-a. Cheirava a vinho e chuva. Levou as mãos à gola do vestido e começou a abrir os botões. Sem deixar de beijá-la, introduziu os dedos sob o tecido do vestido e apalpou um seio. Ambos tremiam, mas sob a roupa empapada de chuva ardia um fogo descontrolado.

Nick tirou sua jaqueta. A camisa molhada parecia gelo contra os seios desnudos dela. Deixaram-se cair sobre o colchão e as molas rangeram. O homem tirou a camisa e a jogou no chão. Sarah lembrou-se do que tinha pensado antes, que ele não a possuiria gentilmente e sim como um homem faminto.

Mas ela queria que assim o fizesse?

— Está tremendo — sussurrou ele. — Por quê?

— Estou com medo.

— De quê? De mim?

— Não sei. De mim mesma, creio... Tenho medo de me sentir culpada.

— Por fazer amor?

A jovem fechou os olhos com força.

— Oh, meu Deus! Que estou fazendo? Meu marido está vivo, Nick...

As mãos dele se afastaram de seu peito e pousaram em seu rosto, obrigando-a a olhá-lo. Observou-a, tentando penetrar em sua mente através de seus olhos. Seu olhar afastava suas defesas. Sarah nunca havia se sentido tão nua.

— Qual marido? Simon Dance? Geoffrey? Um fantasma que nunca existiu?

— Um fantasma não. Um homem.

— E você chama de casamento o que tinha?

A jovem negou com a cabeça.

— Não. Não sou estúpida.

— Então o esqueça -. Beijou-lhe a testa. — Suas lembranças não são reais. Siga com sua vida.

— Mas há uma parte em mim que ainda questiona... — suspirou. — Aprendi algo sobre mim de que não gosto. Amava uma ilusão. Ele não era mais que um sonho. Mas eu queria que fosse real. O fiz real porque precisava dele — sacudiu a cabeça com tristeza. — A necessidade nos destrói. Faz-nos cegos a tudo o mais. E agora preciso de você.

— E isso é tão ruim?

— Já não estou certa quanto a meus motivos. Estou me apaixonando? Ou apenas estou me convencendo disso porque preciso muito de você?

Nick começou a abotoar-lhe o vestido lentamente, de má vontade.

— Você não terá uma resposta para isso até que esteja a salvo e seja livre para se afastar de mim. Então o saberá.

Sarah tocou-lhe os lábios.

— Não é que não te deseje. Somente...

Nick via a luta em seus olhos, aquelas janelas abertas que não escondiam segredos. Desejava-a, mas o momento e as circunstâncias não eram os adequados.

Ela continuava em choque.

— Está decepcionado — murmurou ela, suavemente.

— Confesso — sorriu ele.

— Mas é que...

— Não, não. Não tem que explicar nada. Deite-se ao meu lado e deixe-me abraçá-la.

A jovem escondeu o rosto na nudez quente do ombro dele.

— Nick, meu anjo da guarda.

O homem soltou uma gargalhada.

— E eu que queria macular minha auréola de santo!

Deitaram-se em silêncio.

— Que vamos fazer? — sussurrou ela, por fim.

— Estou trabalhando nisso.

— Não podemos fugir sempre.

— Não. Ainda que o dinheiro durasse para sempre e não será assim, teríamos eternamente essa nuvem sobre nossas cabeças. Nunca seria livre de tudo — a olhou intensamente. — Tem que fechar essa parte de sua vida. E para isso tem que encontrá-lo.

— Mas não sei por onde começar.

— Não — respondeu Nick. — Hoje telefonei para Roy Potter.

Sarah o olhou.

— Para ele?

— De uma cabine. Olhe, já sabe que estou em Bruxelas. Possivelmente esteja vigiando as contas bancárias. Já sabem que sacamos dinheiro esta tarde.

— Por que telefonou? Pensava que não confiasse nele.

— E não confio. Mas e se estiver errado em não confiar? Então começará a investigar seu pessoal, se já não tiver começado.

— Estará nos procurando.

— Bruxelas é uma cidade grande. E sempre podemos ir a outro lugar — seu olhar era insistente. — Sarah, você foi casada com Geoffrey. Pense. Aonde ele iria?

— Tenho pensado muito nisso. Mas não sei.

— Pode ter deixado uma mensagem em algum lugar onde você não tenha olhado?

— Tenho somente a minha bolsa.

— Pois comece por aí.

Sarah pegou a bolsa na mesa e esvaziou seu conteúdo sobre a cama. Havia apenas o que sempre levava, mais as contas fechadas que havia tirado da caixa de correspondência de Eve.

Nick pegou sua carteira e a olhou com ar inquiridor.

— Abra — disse ela. — Não tenho segredos com você.

O homem tirou os cartões de crédito e as fotos. Olhou a foto de Geoffrey alguns segundos antes de deixá-la sobre a cama. Havia também fotos de sobrinhos.

— Você praticamente carrega um álbum completo — observou.

— Não posso tirá-las daí. Você não anda com nenhuma foto?

— Somente a da minha carteira de motorista.

Continuou repassando os pedaços de papel que ela havia enfiado em várias repartições... números de telefone, bilhetes, anotações... Sarah colocou os óculos e começou a abrir a correspondência de Eve.

Havia três faturas. Depois de olhar a da companhia elétrica, passou para a do cartão de crédito. Eve apenas o tinha usado duas vezes no mês anterior. Em ambas as ocasiões para pagar produtos de beleza comprados na Harrod's.

Abriu a terceira conta. Era do telefone. Olhou rapidamente a lista de chamadas e estava a ponto de deixá-la de lado quando viu a palavra Berlin no fim da página. Era uma chamada a longa distância feita duas semanas atrás.

Apertou o braço de Nick.

— Olhe isso. O último da lista.

Nick abriu muito os olhos.

— Essa chamada foi feita no dia do incêndio!

— Me disse que havia tentado lhe telefonar, lembra-se? Tinha que saber onde se hospedava em Berlin.

— Mas que descuido deixar um rasto assim.

— Talvez não seja o seu número e sim o de um intermediário. Um contato. Ela não sabia o que tinha acontecido com ele e nem onde estava.

Devia estar enlouquecida, por isso telefonou para Berlim. De quem será o número?

— Podemos ligar. Mas não agora.

— Por quê?

— Uma chamada de longa distância espantaria o suposto contato. Telefonaremos de Berlim — começou a guardar as coisas na bolsa. — Amanhã tomaremos um trem até Dusseldorf e, dali, iremos para Berlim. Eu comprarei todas as passagens. Acredito que é melhor que embarquemos separados e nos encontremos no trem.

— E o que faremos quando chegarmos a Berlim?

— Telefonaremos para esse número e vemos o que acontece. Eu tenho um velho amigo no consulado de Berlim. Wes Corrigan. Talvez nos ajude.

— Podemos confiar nele?

— Acho que sim. Estivemos juntos em Honduras.

— Você disse que não poderíamos confiar em ninguém.

Nick concordou, sério.

— Não temos opção. É um risco a correr. Vou apostar em uma velha amizade.

Viu a preocupação expressa nos olhos dela e a apertou contra si.

— É uma sensação horrível esta de sentir-se presa, sem futuro — sussurrou ela.

— Você tem a mim — murmurou ele.

Sarah lhe tocou o rosto e sorriu.

— Sim. Por que tenho tanta sorte?

— Pelos moinhos de vento, suponho?

— Não entendi.

— Lieberman costumava me chamar de Don Quixote.

— E eu sou outro de seus moinhos?

— Não -. Beijou seu cabelo. — É mais do que isso.

A jovem o beijou nos lábios.

— Por Berlim — sussurrou.

— Sim — murmurou ele, abraçando-a. — Por Berlim.



Um amanhecer brilhante e charmoso. Os trilhos do trem, que pouco antes mostravam uma cor cinza molhada, brilhavam de repente como ouro na luz da manhã.

Nuvens de vapor subiam desde os trilhos. Nick e Sarah estavam separados na plataforma. Nick, com o gorro abaixado e um cigarro pendendo nos lábios, se apoiava em um poste da plataforma e estava irreconhecível.

À distância ouviu o ruído do trem que se aproximava. Foi como um sinal que fez as pessoas se levantarem dos bancos. Avançaram como uma onda até a beira da plataforma esperando que o trem de Antuérpia parasse. Formou-se uma fila de passageiros: homens de negócios com ternos, estudantes com jeans e mochilas, mulheres bem vestidas que voltavam para casa com sacolas de compras.

De seu lugar quase no final da fila, Sarah viu Nick apagar o cigarro com o sapato e subir no trem. Segundos depois o seu rosto apareceu na janela. Não se olharam.

A fila diminuía. Mais alguns metros e também estaria a bordo.

Então viu algo pelo canto dos olhos e uma premonição de medo a fez voltar-se devagar. O que tinha visto era o sol refletindo-se em um par de óculos de sol prateados.

Ficou paralisada. Ao lado da bilheteira estava um homem de cabelo pálido, um homem que tinha a vista cravada na porta do trem. O coração de Sarah parou.

Era o mesmo que a havia olhado pela janela do Peugeot azul. O de sorriso mortal. E ela avançava diretamente para sua linha de visão.

# Dez

Seu primeiro impulso foi correr, perder-se entre os passageiros na plataforma. Mas um movimento súbito atrairia a atenção dele. Tinha que seguir em frente, esperando, contra todas as chances, que ele não a reconhecesse.

Procurou no trem a janela onde tinha visto Nick com a intenção de lhe pedir ajuda. Mas a janela havia ficado para trás e ela já não a via.

— Senhora?

Sobressaltou-se ao sentir uma mão em seu braço. Um velho puxava a sua manga. O olhou e ele começou a falar num francês muito rápido. Tentou soltar-se, mas ele continuou agitando um lenço. Repetiu a pergunta e apontou o chão. A jovem, que por fim entendeu, negou com a cabeça e disse-lhe, por gestos, que o lenço não era seu.

O velho encolheu os ombros e se afastou.

Quase chorando, voltou-se para subir a bordo, mas algo lhe cortou o caminho. Ergueu a cabeça e viu seu rosto aterrorizado refletido nos óculos de sol.

O homem loiro sorriu.

— Senhora? — disse suavemente. — Vamos...

— Não, não! — sussurrou ela, recuando.

O albino avançou até ela e em suas mãos brilhou uma navalha. Sarah pensou no arco que se formaria no ar... Quase pode sentir a dor na carne.

Pensou que se estava movendo para trás e compreendeu, como numa nuvem, que não era ela que se movia e sim o trem. Partia sem ela.

Viu a porta do trem se afastando lentamente do fim da plataforma... Era sua última oportunidade de escapar.

Notou que o homem se colocava à sua frente para cortar o caminho da sua presa, pois acreditava que ela começaria a correr.

E começou a correr. Mas em direção contrária. Em vez de procurar a rua, perseguiu o trem.

O movimento inesperado a fez ganhar um segundo precioso. O trem aumentava sua velocidade. Só restavam mais uns dez metros de plataforma e estaria fora de seu alcance. Seus pés pareciam chumbo; ouviu os passos dele atrás de si.

Com o coração a ponto de explodir correu os últimos metros. Seus dedos tocaram no aço frio. Lutou para se segurar na barra... Para subir a bordo.

Subiu as escadas e caiu, abrindo a boca para tomar fôlego. Casas e jardins passavam com rapidez ao seu lado, convertidos em imagens velozes de luz e cor. A dor na garganta se dissolveu em um soluço de alívio. Havia conseguido!

Uma sombra cortou a luz do sol. A escada rangeu com um novo peso e um calafrio percorreu seu corpo anunciando a morte. Não lhe restavam forças para lutar nem um lugar para se esconder. Não podia fazer nada exceto ficar quieta enquanto ele se aproximava dela.

Paralisada pelo terror, viu-o inclinar-se para ela, cobrindo os últimos pedaços de luz solar. Esperou ser tragada por sua sombra.

Então, de algum lugar atrás dela, chegou um grunhido de raiva. Captou um movimento, mais do que o viu, um pé que golpeava selvagemmente um corpo. A sombra que a cobria caiu para trás com um grunhido.

O homem loiro pareceu ficar suspenso em uma queda interminável. Precipitou-se lentamente pela escada e o barulho do trem abafou seu último xingamento.

E ela continuava viva, respirando; o pesadelo havia terminado por um momento.

— Sarah! Meu Deus...

As mãos a ergueram do solo, afastando-a da borda, afastando-a da morte. Trêmula, abraçou-se a Nick. Este a apertou com tanta força que pôde ouvir o batimento de seu coração.

— Já terminou — murmurava de vez em quando. Já terminou.

— Quem é? — chorou ela. — Por que não nos deixa em paz?

— Sarah, escute-me, escute-me. Temos que sair desse trem. Temos que mudar de rumo antes que ele nos intercepte.

A jovem queria gritar, mas se conteve. Abraçou-se mais a ele.

Nick olhou a paisagem. Iam muito depressa para saltar.

— A próxima parada — disse. — Temos que seguir viagem de outra maneira. Andando. De carona. Quando cruzarmos a fronteira com a Holanda, podemos tomar outro trem para o leste.

Sarah continuava abraçada a ele e ouvia as suas palavras. O perigo havia adquirido proporções irracionais. O homem de óculos de sol tinha se tornado algo mais que um humano. Era sobrenatural, um horror superior a tudo o que existia no mundo real. Fechou os olhos e o imaginou esperando-a na próxima estação de trem ou logo na seguinte. Nick não poderia espantá-lo sempre.

Olhou para o caminho de ferro e rezou para que a próxima paragem chegasse logo. Tinham que sair antes que fossem capturados.

Mas a ferrovia parecia estender-se de maneira interminável. E dava-lhe a impressão de que o trem se tinha tornado num ataúde de aço que os levava diretamente às mãos do assassino.

Kronen examinou o hematoma no rosto através do espelho e um olhar de raiva o envolveu como magma quente. A mulher havia escapado pela segunda vez. Teve-a nas mãos e havia fugido.

Socou o espelho. Esse homem, Nick O'Hara, se havia colocado já por duas vezes em seu caminho. Não sabia quem era, mas jurou matá-lo quando voltasse a encontrá-lo. Ainda que isso talvez não fosse tão fácil, já que tinham desaparecido.

Quando os homens de Kronen interceptaram o trem em Antuérpia, a mulher e seu acompanhante já tinham desaparecido. Podiam estar em qualquer parte. Não sabia para onde iam nem por que.

Teria que pedir ajuda ao velho outra vez. E essa ideia o enfureceu. Contra a mulher, por escapar e contra seu acompanhante, por intrometer-se. Ela pagaria muito caro por tudo o que lhe havia causado.

Colocou os óculos de sol. O hematoma era bem visível acima da maçã direita do rosto. Uma lembrança humilhante de que havia sido derrotado por uma criatura tão patética como Sarah Fontaine.

Mas era só um contratempo passageiro. O velho a buscaria e ele tinha olhos em todas as partes, incluindo os lugares menos suspeitos. Sim, a encontraria.

Não podia esconder-se eternamente.

O piar das pombas despertou Sarah. Abriu os olhos e a luz do entardecer iluminou as paredes de pedra e as pás de madeira do moinho que giravam lentamente. Uma pomba pousou numa janela alta e começou a piar. As pás do moinho rangiam e chiavam como madeira de um barco velho. Deitada na palha sentia-se tomada por uma sensação de paz, e de medo, de que lhe restassem poucos momentos como aquele para viver. E gostava tanto da vida!

Virou-se para Nick, que dormia a seu lado na palha, com as mãos unidas atrás do pescoço e o peito subindo e descendo no ritmo de sua respiração. Tinham pedido carona até cruzar a fronteira com a Holanda e, em seguida, caminharam por muitas horas.

Estavam a um quilômetro da estação de trem mais próxima e haviam decidido esperar que escurecesse. Encontraram aquele moinho no meio do campo e adormeceram imediatamente.

Deitou-se ao lado de Nick. Este despertou com um estremecimento e a apertou contra si.

— Logo irá escurecer — sussurrou ela.

— Hummm.

— Gostaria de não ter que sair daqui.

— Eu também — suspirou ele.

Sentaram-se e Nick começou a tirar pedaços de palha de seu cabelo.

— Estou com medo — disse ela.

Ele a abraçou.

— Viveremos no presente, um dia de cada vez. Não podemos fazer outra coisa.

— Eu sei.

— Você é forte, Sarah. De certo modo, mais forte do que eu.

Beijou-a com força, como um homem sedento de seu sabor. Os pássaros piavam acima deles, despedindo-se da última luz do dia. A noite caiu sobre os campos com seu manto de escuridão protetora.

Nick se afastou com um gemido.

— Se continuarmos assim, perderemos o trem. Não que eu me importe, mas... Apertou os lábios uma última vez sobre os dela. — Temos que ir. Está pronta?

Sarah respirou fundo e assentiu.

— Estou pronta.

O velho estava sonhando.

Nienke estava de pé à sua frente, com o comprido cabelo recolhido em um lenço azul. Seu rosto largo estava manchado da terra do jardim e sorria.

— Frank — disse — tem de construir um caminho de pedra entre as roseiras para os nossos amigos poderem passear entre as flores. Agora têm que andar em redor dos arbustos, não no meio deles, onde estão as rosas de cor lavanda e amarelo. Estão desperdiçadas. Tenho que levá-los e sujam os sapatos de barro. Um caminho de pedra, Frank, como o que tínhamos na casinha de Dordrecht.

— Claro — disse ele. — Eu direi ao jardineiro que o faça.

Nienke sorriu. Aproximou-se dele. Mas quando estendeu uma mão para tocá-la, o lenço azul desapareceu. O que tinha sido o cabelo de Nienke era agora um halo de fogo brilhante. Tentou arrancá-lo antes que lhe

chegasse ao rosto e nas suas mãos ficaram mechas grossas de cabelo. Quanto mais tentava apagar as chamas, mais cabelo e carne arrancava. Destruía a sua mulher pedaço por pedaço tentando salvá-la.

Olhou para baixo e viu que os seus braços estavam em chamas, mas não sentia dor; um grito silencioso explodiu em sua garganta ao ver que Nienke o deixava para sempre. O homem era alto, de cabelos grisalhos, sem os pentear. A mulher usava um vestido indefinido e uma capa cinza.

— Que aconteceu à sua antiga virtude da hospitalidade? — perguntou Nick.

Wes sobressaltou-se.

— Que diabos...? É você?

— Podemos entrar?

— Claro. Claro — Corrigan, ainda atordoado, lhes indicou a cozinha e fechou a porta. Era um homem baixo e atarracado de uns trinta e tantos anos. À luz fria da cozinha, sua pele era amarelada e tinha os olhos toldados de sono. Olhou seus visitantes e balançou a cabeça, confuso. Seu olhar caiu sobre o cabelo branco de Nick.

— Quanto tempo se passou?

O interrogado sacudiu a cabeça e começou a rir.

— É talco. Mas as rugas são todas minhas. Tem mais alguém em casa?

— Somente o gato. Que diabo está acontecendo?

Nick passou a seu lado, saiu da cozinha e entrou na sala de estar. Não respondeu.

Wes virou-se para Sarah, que tirava a capa neste momento.

— Ah, olá. Sou Wes Corrigan. E você?

— Sarah.

— Encantado em conhecê-la.

— A rua parece limpa — disse Nick, voltando para a cozinha.

— Claro que está limpa. A varrem todas as quintas.

— Quero dizer que não está sendo vigiado.

Corrigan pareceu triste.

— Bem, levo uma vida muito maçante. Bem, e então, o que está acontecendo?

Nick suspirou.

— Estamos numa confusão.

Corrigan assentiu.

— Sim, já tinha chegado a essa conclusão. Quem os segue?

— A CIA. Entre outros.

Wes o olhou incrédulo. Aproximou-se da porta da cozinha, olhou para fora e fechou o trinco.

— A CIA está atrás de vocês? Que fizeram? Venderam segredos do país?

— É uma longa história. Precisamos de sua ajuda.

Wes concordou, com cansaço.

— Era isso que eu temia. Vamos, sentem-se, sentem-se. Vou fazer um café. Estão com fome?

Nick e Sarah olharam-se sorridentes.

— Muita — disse ela.

Corrigan se aproximou da geladeira.

— Saindo ovos com bacon.

Demoraram uma hora para contar tudo. Quando terminaram a cafeteira estava vazia. Nick e Sarah tinham comido, ambos, meia dúzia de ovos e Corrigan estava totalmente acordado e preocupado.

— Por que acha que Potter está no meio disto? — perguntou.

— É evidente que está encarregado do caso. Foi ele quem libertou Sarah. E devia comandar os dois agentes que nos seguiram a Margate. Mas ali tudo saiu errado. E ainda que a CIA não seja muito competente, tão pouco são de se envolverem sem alguma ajuda. Alguém matou aquela gente. E depois começou a disparar contra nós.

— O homem de óculos de sol, quem quer que seja — Wes balançou a cabeça. — Não gosto disso.

— Eu muito menos.

Corrigan pareceu pensativo.



— E quer que eu investigue a ficha de Magus. Pode ser difícil. É considerada muito secreta, não poderei chegar a ela.

— Faça o que puder. Não podemos fazer isso, sozinhos. Até que Sarah encontre Geoffrey e consiga algumas respostas, não temos nada.

— Sim, compreendo. Os acompanhou até a porta dos fundos. Lá fora brilhavam as estrelas em um céu claro.

— Onde irão dormir?

— Temos um quarto perto de Kudamm.

— Podem ficar aqui.

— É muito arriscado. Cruzamos a fronteira, então devem saber que estamos aqui.

Se forem espertos, não demorarão em vigiar a sua casa.

— E como posso me comunicar com você?

— Eu telefonarei. Irei me identificar como Barnes. É melhor que não saiba onde estamos.

— Não confia em mim?

Nick vacilou.

— Não é isso, Wes.

— Então o que é?

— É um assunto muito feio. É melhor que não se envolva muito.

Nick e Sarah afastaram-se na escuridão, mas não sem antes ouvir Wes dizer:

— Já estou envolvido.

Ao amanhecer, Sarah estava encolhida nos braços de Nick. Apesar do seu cansaço, nenhum dos dois pôde dormir. Muitas coisas dependiam do que acontecesse naquele dia. Pelo menos já não estavam sozinhos. Contavam com Wes Corrigan.

Nick se mexeu e o seu hálito aqueceu o cabelo dela.

— Quando isto terminar — sussurrou -, quero que fiquemos como estamos agora. Assim mesmo.

— Não sei se isto terminará algum dia — suspirou ela. — Se voltarei para casa.

— Voltaremos. Juntos. Prometo. E Nick O'Hara sempre cumpre as suas promessas.

Sarah escondeu o seu rosto na curva do ombro dele.

— Nick, desejo muito você, mas já não sei se estou cega ou se o amor me dá medo. Estou muito confusa. Você não?

— Sobre você? Não. Parece uma loucura, mas acredito que a conheço bem. E é a primeira mulher de quem posso falar isso.

— E sua esposa? Não a conhecia?

— Lauren? Sim. Suponho que sim. No fim.

— O que houve de errado?

Nick se recostou no travesseiro. Encolheu os ombros.

— Suponho que não foi culpa de ninguém, mas não posso esquecer o que fiz — a olhou com tristeza. — Estávamos casados há três anos. Ela gostava do Cairo. Gostava da vida nas embaixadas. Era uma grande esposa de diplomata. Creio que foi um dos motivos porque se casou comigo. Porque pensou que poderia mostrar-lhe o mundo. Infelizmente, minha carreira incluía ir a lugares que não lhe pareciam muito civilizados.

— Como Camarões?

— Exato. Eu queria aquele posto. Somente teria sido um par de anos. Mas ela se negou a ir. Então me ofereceram Londres, de que ela gostava. Talvez tudo tivesse saído bem se não fosse... — interrompeu-se e Sarah notou que ele ficou rígido.

— Não tem que contar-me se não quiser.

— Ela ficou grávida e eu me encontrava em Londres. Ela não me disse isso e sim o médico da Embaixada. E durante seis horas fui tão feliz que acreditava estar flutuando. Até que cheguei em casa e descobri que ela não queria o bebê.

Sarah não podia dizer nada para diminuir sua dor; somente confiar que, quando terminasse de contar, encontrasse o consolo em seus braços.

— Eu queria ter aquele filho. Supliquei para que o tivéssemos. Mas Lauren o considerava uma inconveniência — olhou para Sarah. — Uma inconveniência! Imagina isso?

— Não.

— Eu também não. Então me dei conta de que não a conhecia. Brigamos e ela voltou para casa e... Resolveu o problema. Não voltou. Um mês depois me enviou os papéis do divórcio. Isso há quatro anos.

— A procurou?

— Não. Foi quase um alívio receber os papéis. E tenho estado sozinho desde então. Assim é mais fácil. Não sofro — tocou-lhe o rosto e nos seus lábios nasceu um sorriso. — Em seguida, você entrou em meu escritório com seus óculos graciosos e... No princípio não prestei muita atenção em sua aparência, mas logo tirou os óculos e vi seus olhos. E ali comecei a desejá-la.

— Vou tirar esses óculos.

— Jamais. Encantam-me.

Sarah começou a rir, grata pelas coisas alegres que habitualmente dizem os apaixonados. Pela primeira vez em sua vida se sentia quase bonita.

— Sarah? Tem pensado no que acontecerá quando o encontrarmos?

— Eu não posso pensar tanto nisso.

— Ainda o ama.

A jovem balançou a cabeça.

— Já não sei a quem quero. A Simon Dance não. Talvez o homem que eu queria nunca tenha existido. Nunca foi real.

— Mas eu sim — sussurrou Nick. — Eu sou real. E não tenho nada a esconder.

# Onze

Seria ali onde o encontraria?

Sarah não podia deixar de pensar nisso enquanto o ônibus circulava pelas avenidas de lojas na direção oeste.

Meia hora antes havia telefonado para o número da fatura de Eve e tinham descoberto que era de uma floricultura. A mulher do outro lado se mostrou amável e desejosa de ajudá-los. Indicou-lhes o caminho até a floricultura.

Não era um bom bairro. Sarah notou que as ruas amplas davam lugar a ruelas cobertas de vidro partido, num bairro de casas em ruínas. As crianças brincavam na rua e os velhos se sentavam em bancos nas varandas.

Geoffrey estaria escondido em uma daquelas casas? Estaria esperando no sótão da floricultura?

Desceram do ônibus numa esquina. Um quarteirão à frente encontraram o endereço que procuravam. Era uma loja pequena, de vitrinas sujas. Na calçada se viam baldes de plástico cheios de rosas. Uma campainha de bronze soou quando a porta se abriu.

O perfume de flores era esmagador. Uma mulher robusta, de uns cinquenta anos, lhes sorriu do outro lado do balcão cheio de laços, rosas e verdes. Estava fazendo arranjos. Olhou para Nick.

— Guten tag — disse.

O homem assentiu.

— Guten tag.

Andou pela loja, olhando os refrigeradores com suas portas de vidro e as estantes com jarras, estatuetas e flores de plástico. Perto da porta havia

uma coroa de flores, embrulhada em plástico, pronta para ser entregue. A vendedora tirou os espinhos das rosas e começou a enrolar a fita em torno dos talos. Era um buquê de noiva. Enquanto trabalhava, cantarolava uma música nem um pouco incomodada pelo silêncio de seus dois visitantes. Afinal deixou o ramalhete e olhou para Sarah.

— Sim? — perguntou com suavidade.

Sarah tirou a fotografia de Geoffrey e a deixou sobre o balcão. A mulher a olhou, mas não disse nada. Nick apontou para a foto com a cabeça e lhe perguntou algo em alemão.

A mulher negou com a cabeça.

— Geoffrey Fontaine — disse ele.

A mulher não demonstrou nenhuma reação.

— Simon Dance.

A mulher o olhou sem entender.

— Mas tem que conhecê-lo — interveio Sarah. — É meu esposo. Tenho que encontrá-lo.

— Sarah, deixe comigo...

— Ele está me esperando. Se souber onde está, chame-o. Diga-lhe que estou aqui.

— Sarah, ela não entende você.

— Tem que entender. Nick, pergunte por Eve. Ao menos conhece a ela.

A mulher respondeu à pergunta encolhendo os ombros. Ou não sabia nada sobre Geoffrey ou não pensava em dizer.

Sarah guardou a foto. Sentia uma grande decepção. A mulher alemã voltou a sua atenção aos buquês.

A jovem olhou para Nick.

— Que faremos agora?

O homem olhava a coroa de flores frustrado.

— Não sei — murmurou. — Não sei.

A vendedora começou a cortar pedaços de papel de seda.

— Por que Eve telefonaria aqui? — perguntou Sarah. — Tinha que haver um motivo.

Aproximou-se do freezer e olhou para os baldes de cravos e rosas. O cheiro das flores começava a dar-lhe náuseas. Recordava-lhe o doloroso dia, duas semanas atrás, no cemitério.

— Por favor, Nick. Vamos embora.

O homem olhou a vendedora e lhe agradeceu em alemão.

A mulher sorriu e estendeu uma rosa para Sarah, embrulhada em papel fino. Seus olhos se encontraram. Foi um olhar breve, mas bastou — para a jovem foi o suficiente para compreender o seu significado. Acabava de passar-lhe algo.

Aceitou a rosa e lhe agradeceu. Voltou-se e seguiu Nick para fora da loja.

Uma vez na rua, apertou o cabo com força. Teve que recorrer a toda sua força de vontade para não rasgar o papel e ler a mensagem que, estava certa, existia dentro dele. Mas os olhos da mulher lhe tinham transmitido também uma mensagem de advertência.

Ainda que a única pessoa que havia por perto fosse Nick. Seu amigo, seu protetor. O homem que a tinha seguido até Londres e desde então não havia se separado dela. Por quê?

Não queria acreditar, mas a razão poderia ser que queria vigiá-la.

Não, não podia estar segura. E ela o queria.

Mas não podia esquecer o olhar de advertência da mulher.

A viagem no ônibus pareceu eterna. Quando chegaram ao hotel, foi para o banheiro no final do corredor e fechou a porta. Separou o papel com mãos tremulas e leu a mensagem. Estava em inglês e havia sido escrita apressadamente a lápis.

*“Postdamer Platz, amanhã à uma hora... Não confie em ninguém.”*

Olhou as três últimas palavras. Seu significado era inconfundível. Tinha sido muito descuidada, mas não poderia se permitir a cometer mais erros. A vida de Geoffrey dependia dela.

Rasgou o bilhete em pedaços e o jogou no vaso.

Saiu do banheiro e foi para o quarto com Nick.

Não podia deixá-lo ainda. Antes tinha que estar segura. O queria e em seu coração estava certa de que jamais lhe causaria mal. Mas tinha que saber para quem trabalhava.

No dia seguinte encontraria finalmente respostas em Potsdamer Platz.

— Começávamos a pensar que não viria — disse Nick.

Wes Corrigan parecia nervoso. Sentou-se numa cadeira de frente para os outros dois.

— Eu também — murmurou, olhando sobre o ombro.

— Problemas?

— Não estou certo. Isso é o que me preocupa. É como um desses filmes de horror em que nunca se sabe se o monstro irá pular em cima de você ou não.

Haviam escolhido um café escuro para o encontro. Sua mesa estava iluminada apenas por uma vela; estavam rodeados por pessoas que falavam aos sussurros e não se preocupavam com os assuntos dos outros. Ninguém olhou em sua direção.

— Te garanto que todo este assunto me assustou — disse Wes, depois de pedir uma cerveja.

— Que aconteceu?

— Para começar, tinha razão. Estou sendo vigiado. Pouco depois de saírem chegou um furgão que não se moveu da frente da minha casa. Tive que sair pela porta dos fundos. Não estou acostumado com isto. Fico nervoso.

— Descobriu alguma coisa?

Wes olhou ao seu redor e baixou a voz.

— A primeira coisa que fiz foi buscar meu arquivo sobre a morte de Geoffrey Fontaine. Quando te liguei há uma semana, tinha o relatório do legista e da polícia, cópia de seu passaporte...

— E?

— Desapareceram. — Olhou para Sarah. — Sumiu tudo do computador.

— E o que tem?

— Sobre ele, nada. É como se esse arquivo nunca tivesse existido.

— Não podem apagar a vida de um homem — apontou Sarah.

Wes encolheu os ombros.

— Alguém está tentando. Não sei quem. Pode ter sido uma dúzia de pessoas diferentes.

Ficaram em silêncio enquanto a garçonete lhes servia pão, um prato de caracóis com alho, manteiga e queijo Gouda.

— E sobre Magus? — disse Nick.

Wes limpou uma gota de manteiga do queixo.

— Nem tampouco existe algo com esse nome.

— Não me surpreende — disse Nick.

— Eu não tenho acesso aos papéis mais secretos. E acredito que Magus possa estar nessa categoria.

— Ou seja, não temos nada — disse Sarah.

— Bem...

Wes tirou um envelope de sua jaqueta e o colocou sobre a mesa.

— Encontrei algo sobre Simon Dance.

Nick pegou o envelope. Dentro havia duas páginas.

— Meu Deus, olhe isto! — passou as páginas para Sarah.

Era uma fotocópia de uma solicitação de visto feito seis anos antes. Incluía uma cópia da foto do passaporte. Os olhos eram estranhamente familiares. Mas se Sarah houvesse encontrado aquele homem na rua, teria passado direto sem notá-lo.

O coração batia forte.

— Este é Geoffrey — disse com suavidade.

Ele assentiu.

— A aparência que tinha há seis anos, quando se chamava Dance.

— Como o encontrou? — perguntou Nick.



— Não haviam apagado este arquivo. Talvez pensassem que era muito antigo e não se incomodaram.

Sarah olhou a página seguinte. Simon Dance tinha um passaporte alemão com um endereço em Berlim. Sua profissão havia sido arquiteto e estava casado.

— Por que solicitou este visto? — perguntou.

— Era de turista — respondeu Wes.

— Mas por quê?

— Talvez quisesse fazer turismo.

— Ou estudar outras possibilidades — completou Nick.

— Investigaram esse endereço em Berlim?

Wes assentiu.

— Já não existe. O demoliram no ano passado para dar lugar para um arranha-céu.

— Então estamos sem pistas — disse Nick.

— Tenho uma última fonte — comentou Wes. -Um velho amigo que trabalhou para a CIA. Saiu no ano passado porque estava farto do trabalho. Pode ser que saiba alguma coisa de Simon Dance e Magus.

— Tomara.

Wes ficou de pé.

— Não posso demorar muito. O furgão continua esperando em frente a minha casa. Telefone-me amanhã ao meio-dia e talvez eu tenha algo.

— O mesmo procedimento?

— Sim. Dê-me quinze minutos depois que ligar. Nem sempre posso ir para uma cabine na hora-. Olhou Sarah. — Espero que tudo isso se resolva logo. Deve estar cansada de fugir.

A jovem concordou.

Olhou para os dois homens e pensou que não era a falta de sono nem as refeições irregulares que lhe esgotavam e sim a ansiedade de não saber em quem confiar.

— Está muito calada — disse Nick. — Está acontecendo algo?

Voltaram andando para o hotel. Nick tinha entrado numa rua iluminada, mas ela ansiava pela escuridão, um lugar longe do trânsito e das luzes de neon.

— Não sei — suspirou. Parou e o olhou nos olhos. Os dele eram impenetráveis, escuros, olhos de um desconhecido. — Posso confiar em você de verdade?

— Vamos, Sarah. Que pergunta ridícula!

— Se nós tivéssemos conhecido de outro modo!

O homem acariciou-lhe o rosto, suavemente.

— Isto não podemos mudar. Mas tem que confiar em mim.

— Confiava em Geoffrey — sussurrou ela.

— Mas eu sou Nick.

— E quem é Nick? Às vezes me pergunto.

O homem a tomou nos braços.

— É normal. Mas com o tempo deixará de perguntar. Aprenderá a confiar em mim.

Sarah deixou-se abraçar, pensando que talvez essa fosse uma das últimas lembranças que teria de Nick.

Quando chegaram ao hotel, em algum lugar do prédio tocava uma balada alemã interpretada por uma mulher de voz triste.

Nick apagou a luz. A música era cheia de pesar; era uma canção de partidas, do adeus de uma mulher. Sarah levaria sempre aquela canção em seu coração.

Nick aproximou-se dela. A música aumentou de volume e ela se enterrou em seus braços. Sentia que se esforçava para entender e queria contar-lhe tudo. O amava. Disso estava certa.

A música terminou. Somente se ouvia a respiração dos dois.

— Vamos fazer amor — sussurrou ela. -Por favor. Agora. Vamos fazer amor.

Os dedos dele baixaram sobre seu rosto e se detiveram na bochecha.

— Sarah, não entendo... Sei que há algo com você.

— Não me pergunte nada. Vamos fazer amor. Faça-me esquecer. Quero esquecer.

Nick deu um gemido e tomou seu rosto nas mãos.

Um instante depois desfrutava do sabor de sua boca. Sentiu a mão dele sob sua blusa e sua boca se fechar sobre seu seio. Apenas deu-se conta de que ele tirava sua saia, estava mais consciente do que ele lhe fazia com a boca.

Deixou-se cair na cama e ele deitou-se por cima dela, deixando-a sem ar.

— Te desejei desde o primeiro dia — sussurrou Nick. — Não pensei em outra coisa.

Tirou sua camisa, um dos botões saltou pelo ar e pousou no seu ventre nu. Nick o afastou e beijou com reverência o lugar onde havia caído. Depois ficou de pé e terminou de tirar a roupa.

A luz dos faróis que entrava pela janela iluminava seus ombros nus. Sarah apenas via a linha de seu rosto. Ele não era mais que uma sombra que adquiriu fogo e substância quando seus corpos se encontraram. Suas bocas beijaram-se com paixão; Nick invadia sua boca, devorando-a; ela lhe retribuía com toda sua alma.

A penetração foi lenta, vacilante, como se temesse machucá-la. Mas não demorou a esquecer de todo o cuidado, até que já não era Nick O'Hara e sim uma criatura selvagem, indomável. Mas, inclusive o momento final, houve uma ternura entre eles que ia além do desejo.

Até cair exausto a seu lado, não tornou a pensar no silêncio dela.

Sabia que o havia desejado; sua resposta tinha superado todas as suas fantasias. Mas algo lhe ocorria. Tocou-lhe a face e percebeu-a úmida. Algo havia mudado.

Perguntaria mais tarde. Quando tivessem dado vazão à sua paixão, ele a obrigaria a contar-lhe por que chorava. Agora não. Não estava preparada. E ele a desejava novamente. Não podia esperar mais.

Quando a penetrou pela segunda vez, esqueceu todas aquelas perguntas. Esqueceu-se de tudo, menos da suavidade e do calor dela. No dia

seguinte se lembraria do que tinha que perguntar.

No dia seguinte.

— Bom dia, senhor Corrigan. Podemos falar um momento com o senhor?

Pelo tom de voz, Wes soube imediatamente que não se tratava de uma visita de cortesia. Olhou os dois homens que acabavam de entrar em seu escritório. Um era baixo e robusto. O outro era alto e magro. Nenhum sorria.

Wes clareou a garganta.

— Olá, senhores. O que desejam.

O homem alto se sentou e o olhou nos olhos.

— Onde está Nick O'Hara?

Wes sentiu que sua voz se congelava. Demorou alguns segundos para recuperar a compostura, mas então era muito tarde. Havia se traído. Afastou um monte de papéis e disse:

— Ah... Não está em Washington?

O homem baixo respondeu.

— Não brinque conosco, Corrigan.

— Quem está brincando? E quem são vocês?

— Me chamo Van Dam — disse o mais alto. — E ele é o senhor Potter.

Wes se colocou de pé tentando parecer indignado.

— Olhem, hoje é sábado. Tenho coisas para fazer. Podem pedir uma entrevista para algum dia nesta semana, como todo mundo?

— Sente-se, Corrigan.

— Queremos O'Hara — disse Potter.

— Não posso ajudá-los.

— Onde estão?

— Em Washington. Eu mesmo lhe telefonei há duas semanas devido a um assunto consular.

Van Dam suspirou.

— Não vamos continuar mais tempo com essas idiotices. Sabemos que está em Berlim e que ontem esteve pesquisando algo nos computadores para ele. É evidente que estão mantendo contato.

— Isso é pura especula...

— Vamos, senhor Corrigan; todos sabemos por que pesquisou ontem os arquivos de Geoffrey Fontaine e de Simon Dance. E nós queremos o senhor O'Hara.

— Por que o querem?

— Nos preocupamos com sua segurança — respondeu Van Dam. E da mulher que viaja com ele.

— Sim, claro.

— Olhe Corrigan — interveio Potter. — Suas vidas dependem de os encontramos a tempo.

— Contem-me outra história.

Van Dam se inclinou para frente com os olhos fixos nele.

— Estão metidos em algo grave. Precisam de proteção.

— Por que devo acreditar?

— Se não nos ajudar, terá o sangue dele em suas mãos.

Wes balançou a cabeça.

— Não posso ajudá-los.

— Não pode, ou não quer?

— Não posso. Não sei onde ele está. E é a verdade.

Van Dam e Potter se olharam.

— Está bem — disse o primeiro. — Coloque seus homens. Teremos que esperar.

Potter concordou e saiu do escritório.

Wes começou a levantar-se. Van Dam lhe fez sinal de que voltasse a se sentar.

— Temo que não sairá deste edifício por um bom tempo. Se tiver que usar o banheiro, avise-nos e lhe enviaremos uma escolta.

— Maldição! Que está acontecendo?

Van Dam sorriu.

— Vamos esperar, senhor Corrigan. Ficaremos todos aqui até que toque seu telefone.

# Doze

Às 12:45 do dia seguinte Sarah descia de um táxi na Potsdamer Platz. Estava sozinha. Despistar Nick havia sido mais fácil do que pensava.

Esperou que ele saísse para telefonar a Wes Corrigan, pegou a sua bolsa e saiu pela porta.

Cruzou a praça esforçando-se para não pensar nele. Havia visto num mapa que a Potsdamer Platz era um ponto de intersecção dos setores: inglês, americano e soviético. O muro de Berlim cruzava a praça. Parou próxima a um grupo de estudantes e fingiu escutar o professor, mas procurava incessantemente um rosto.

Onde estava a mulher?

De repente, ouviu uma voz feminina.

— Siga-me. Mantenha alguma distância.

Voltou-se e viu a mulher da floricultura afastando-se com uma sacola de compras no braço. A mulher se dirigia para o noroeste, em direção à Bellevuestrasse.

Sarah a seguiu a uma distância discreta.

Três quadras depois, a vendedora desapareceu em uma loja de velas. A jovem hesitou um momento do lado de fora. Uma cortina cobria a vitrina e não podia ver o interior. Finalmente, optou por entrar.

A vendedora não estava à vista. O cheiro de lavanda e pinho das velas acesas impregnava o cômodo. Nos balcões havia criaturas estranhas feitas de cera. Uma chama ardia em um velho gnomo, derretendo-lhe lentamente a face.

Sobre o balcão havia uma vela em forma de mulher. A cera derretida caía por seus seios como se fossem mechas de cabelo.

Sarah olhou surpresa para o homem velho que apareceu do outro lado do balcão. Fez-lhe um sinal para se aproximar.

A jovem obedeceu. Entrou em um pequeno depósito com o coração disparado e saiu pela porta dos fundos.

O sol ofuscou-lhe a vista. A porta fechou-se e ela encontrou-se de pé em um beco. À direita estava Potsdamer Platz. Onde estava a mulher?

O som de um motor levou-a a virar-se. Um Citroen preto se dirigia diretamente para ela. Não podia fugir. A porta da loja estava fechada. O beco era um túnel interminável de edifícios contínuos. Apoiou-se aterrorizada contra a parede, olhando fixamente o carro que se aproximava.

O veículo se deteve e abriu a porta de trás.

— Suba — disse a mulher. — Depressa.

Sarah se afastou da parede e subiu no carro.

O veículo colocou-se em marcha. Virou primeiro à esquerda, em seguida à direita e depois outra vez a esquerda. A jovem não sabia onde estava. A vendedora olhava continuamente para trás.

Quando pareceu convencida de que ninguém os seguia, virou-se para Sarah.

— Agora podemos conversar — disse.

A jovem olhou o motorista, questionando.

— Podemos conversar — repetiu a mulher.

— Quem é você?

— Uma amiga de Geoffrey.

— E sabe onde ele está?

A mulher não respondeu. Disse algo em alemão ao motorista e este deixou a rua que levava ao centro e entrou num parque. Pouco depois, estacionou entre as árvores.

— Vamos caminhar um pouco — disse a vendedora.

Cruzaram, juntas, a grama.

— Como conheceu meu marido? — perguntou a jovem.



— Trabalhamos juntos anos atrás. Então se chamava Simon. Era um dos melhores.

— E você também está... Nesse negócio?

— Estava. Até cinco anos antes.

Era difícil imaginar que fora outra coisa que não uma dona de casa gorducha. Ainda que talvez sua força estivesse precisamente ali... Parecia muito normal.

— Não, já sei que não o aparento — murmurou. — Os melhores nunca não aparentam o que são.

Caminharam em silêncio.

— E era boa, como Simon — disse. — E agora até eu tenho medo.

Pararam e se olharam nos olhos.

— Onde ele está? — perguntou Sarah.

— Não sei.

— E por que me trouxe aqui?

— Para avisá-la. Como um favor a um velho amigo.

— Refere-se a Geoffrey?

— Sim. Neste mundinho temos poucos amigos, mas os que temos são tudo para nós.

Começaram a andar de novo. Sarah olhou para trás e viu que o Citroen as esperava na rua.

— Eu o vi há pouco mais de duas semanas — continuou a mulher. — Estava preocupado. Pensava que as pessoas para quem trabalhava o haviam traído. Queria desaparecer.

— Traído? Por quem?

— Pela CIA.

Sarah parou, atônita.

— Ele trabalhava para a CIA?

— O obrigaram. Era muito bom. Mas muitas coisas começaram a dar errado e Simon queria desligar-se. Veio ver-me e pediu um passaporte novo e outros papéis que precisaria para sair de Berlim quando trocasse de

identidade — sacudiu a cabeça. — Conversamos algumas horas e me entregou uma foto sua. Por isso a reconheci na loja.

Fez uma pausa.

— Me disse que você era uma pessoa muito... Delicada. Que se arrependia por causar-lhe algum mal. Prometeu-me que voltaria a vê-lo algum dia. Mas naquela noite soube do fogo. Ouvi dizer que tinham encontrado um corpo.

— Acredita que ele esteja morto?

— Não.

— Por que não?

— Se estivesse morto, porque iram seguir você?

— Mencionou uma operação da CIA. Tem algo a ver com um homem chamado Magus?

A mulher mostrou-se surpresa.

— Não deveria lhe ter falado sobre Magus.

— Não foi ele. Foi Eve.

— Ah — a olhou com atenção. — Vejo que conhece Eve. Espero que não esteja com ciúmes. Não podemos permitir isso neste ramo — sorriu. A pequena Eve! Suponho que já terá perto de 40 anos. E suponho que continue muito bonita.

— Você não soube?

— O quê?

— Eve morreu.

A mulher parou. Empalideceu.

— Como foi? — sussurrou.

— Aconteceu num beco em Londres... Há poucos dias.

— A torturaram?

Sarah confirmou com a cabeça.

A mulher observou o parque rapidamente.

Além do motorista do Citroen, não havia ninguém à vista.

— Então não há tempo a perder — disse. Virão atrás de mim. Escute o que tenho para te dizer por que não nos tornaremos a encontrar. Há duas

semanas, seu marido estava envolvido em um assunto muito sério.

—Magus?

— Sim. O que resta dele. Deram a nós os três uma missão há cinco anos. Nosso objetivo era Magus. Simon colocou os explosivos em seu carro. O velho sempre ia dirigindo para seu trabalho. Mas naquela manhã, ficou em casa. E sua esposa usou o carro.

A voz da mulher hipnotizou Sarah. Tinha medo de ouvir o resto; podia adivinhar o que havia acontecido.

— A mulher morreu na hora. Depois da explosão, o velho saiu correndo da casa e tentou tirá-la do carro. As chamas eram terríveis. Mas conseguiu sobreviver. E agora busca vingança.

— Vingança — murmurou Sarah. Trata-se disto.

— Sim. Contra Eve, contra mim. E, sobretudo, contra Simon. Já pegaram Eve.

— E o que eu tenho a ver com tudo isto?

— Você era a esposa dele. É seu único vínculo com Simon.

— Que devo fazer? Ir para casa?

— Agora não pode voltar. Talvez nunca possa — olhou para o Citroen.

— Mas não posso passar a vida toda fugindo! Eu não sei viver assim. Preciso de ajuda. Se pudesse me dizer onde encontrá-lo...

A mulher a observou por um momento, calculando as suas possibilidades de sobrevivência.

— Se Simon está vivo, estará em Amsterdã.

— Em Amsterdã? Por quê?

— Porque é lá que Magus está.

O telefone continuava tocando. Nick tamborilava a cabine, nervoso. Onde havia se metido a telefonista?

— Consulado Americano.

— Gostaria de falar com o senhor Wes Corrigan.

— Um momento, por favor — houve uma pausa. Procura pelo senhor Corrigan? — disse outra voz. — Creio que esteja almoçando. Vou procurá-lo

para o senhor. Não desligue, por favor.

Saiu sem dar tempo para respostas e Nick esperou cinco minutos, estava a ponto de desligar quando a mulher voltou à linha.

— Desculpe, não responde. Mas tem que voltar a qualquer momento para uma reunião. Quer deixar uma mensagem?

— Diga-lhe que Steve Barnes telefonou. É um problema com meu passaporte.

— E o número de seu telefone?

— Ele já o tem.

Segundo seu acordo, Wes teria que sair da Embaixada e telefonar para a cabine da rua. Nick lhe daria quinze minutos. Se não telefonasse neste tempo, tentaria de novo mais tarde. Mas algo lhe dizia que era um risco esperar tanto tempo ali. Alguém bateu na cabine. Uma mulher jovem agitava uma moeda do lado de fora. Queria usar o telefone. Nick saiu praguejando e esperou que esta terminasse. Quando viu que o assunto se prolongava, tornou a praguejar e começou a andar rua acima. Mas já tinha esperado muito.

Um homem com terno escuro avançou para ele de uma esquina. Pôs a mão no paletó e tirou uma pistola, apontando-a para Nick.

— Quietos, O'Hara! — gritou Roy Potter as suas costas.

Nick virou para a direita, disposto a começar a correr pela rua. Apareceram mais duas pistolas; o cano de uma delas apertou sua jugular. Ouviu o ruído que faziam ao destravar. Por alguns segundos ninguém se moveu. A poucos metros deles, parou uma limusine e alguém abriu a porta.

Nick se virou para Potter, que lhe apontava a arma para a cabeça.

— Guarde isso — disse. — Está me deixando nervoso.

— Suba no carro — ordenou o outro.

— Onde vamos?

— Falar com Jonathan Van Dam.

— E depois disso?

Potter sorriu sem vontade.

— Isso dependerá de você.

— Onde está Sarah Fontaine?

Nick olhou mal humorado para Van Dam.

— Senhor, O'Hara, estou ficando impaciente. Fiz-lhe uma pergunta.

Onde ela está?

Nick encolheu os ombros.

— Se se importar com ela, nos dirá onde ela está agora mesmo.

— Me importo. Por isso não lhes direi nada.

— Não durará nem uma semana sozinha. Não tem experiência. Está assustada. Temos que trazê-la aqui.

— Por quê? Precisam dela para praticar tiro ao alvo?

— É um estorvo, O'Hara — murmurou Potter. — Sempre foi e sempre será.

— Eu também gosto muito de você — grunhiu Nick.

Van Dam ignorou os dois.

— Senhor O'Hara, essa mulher precisa de nossa ajuda. Estará melhor sob nossa guarda. Diga-nos onde está e talvez lhe salve a vida.

— Estava sob sua guarda em Margate e por pouco não a matam. Que está acontecendo?

— Não posso dizer.

— Querem Geoffrey Fontaine, não é?

— Não.

— Você fez com que a soltassem em Londres e depois a seguiu.

Pensou que o levaria até Fontaine, não é?

— Já sabemos que ela não pode.

— Que quer dizer?

— Não procuramos por Fontaine.

— Conte-me outra história.

Potter não pôde continuar calado.

— Maldição! — gritou, golpeando a mesa. — Será que não entende?

Fontaine era um dos nossos.

A revelação deixou Nick atônito. Olhou para Potter.

— Quer dizer que... Ele trabalhava para a CIA?

— Exatamente.

— E onde ele está?

Potter suspirou, cansado.

— Está morto.

Nick tentou assimilar a informação. Toda sua busca havia sido em vão. Haviam cruzado a Europa em perseguição a um morto.

— E quem persegue Sarah? — perguntou.

— Não estou certo de que posso... — interveio Van Dam.

— Não temos escolha — disse Potter. Tem que dizer a ele.

Van Dam assentiu depois de uma pausa.

— Está bem. Prossiga.

Potter começou a andar pela sala.

— Há cinco anos, Simon Dance era um dos melhores agentes do Mossad. Formava parte de uma equipe de três pessoas. Os outros dois eram mulheres: Eve Saint-Clair e Helga Steinberg. Deram-lhes uma missão e fracassaram. Seu objetivo sobreviveu. Em seu lugar, mataram sua esposa.

— Dance era um assassino de aluguel?

Potter se interrompeu e resfolegou como um touro.

— Às vezes, O'Hara, você tem que combater fogo com fogo. O alvo neste caso era o chefe de um cartel terrorista. Esses tipos não trabalham por ideologias e sim por dinheiro. Por cem mil dólares põe uma bomba. Por trezentos mil afundam um barco pequeno. Se preferir, te vendem o equipamento para que você mesmo o faça. Fuzis ou mísseis terra-ar. Tudo o que desejar. Somente há um modo de lidar com um clube assim. O trabalho tinha que ser feito e a equipe de Dance era a melhor.

— Mas o alvo escapou.

— Infelizmente, sim. Antes de um ano tinham posto a cabeça dos três agentes do Mossad a prêmio, que então haviam desaparecido. Acreditamos que Helga Steinberg continue na Alemanha. Dance e Eve Saint-Claire desapareceram e durante cinco anos ninguém soube onde estavam. Em seguida, há três semanas, um de nossos agentes estava sentado em um pub

de Londres e ouviu uma voz conhecida. Havia trabalhado com Dance por anos e reconheceu sua voz. Assim descobrimos a sua nova identidade.

— E como começou a trabalhar para a CIA?

— Eu o convenci.

— Como?

— Prometi o de sempre. Dinheiro. Uma nova vida. Recusou ambas as coisas. Mas queria uma: poder viver sem medo. Mostrei-lhe que o único modo era terminar o trabalho de Magus, o homem que devia ter eliminado. Eu levava anos tentando encontrar Magus sem êxito. Precisava da ajuda de Dance e ele aceitou.

— Não poderia você mesmo fazer o trabalho e contratar um pistoleiro? — disse Nick. Que aconteceu? Por que não fez o trabalho?

Potter sacudiu a cabeça.

— Não sei. Em Amsterdã, Dance ficou... Nervoso. Saiu correndo como um coelho assustado. Foi para Berlim e se meteu nesse hotel. Nessa noite, houve um incêndio. Mas isso você já sabe. E não voltamos a ter notícias de Simon Dance.

— O corpo no hotel era o dele?

— Não podemos afirmar, mas me inclino a pensar que sim. Não foi anunciado nenhum desaparecimento em Berlin. Dance não apareceu em nenhum outro lugar. Não sei como aconteceu. Assassinato? Suicídio? Ambas as hipóteses são possíveis. Estava deprimido. Cansado.

Nick franziu a testa.

— Mas se ele morreu naquele hotel, quem telefonou para Sarah?

— Eu.

— Você?

— Foi uma montagem que fizemos com sua voz gravada. Havíamos intervindo no seu quarto de hotel em Londres.

Nick se colocou tenso.

— Queria que ela viesse para a Europa? Vai me dizer que a queria como alvo?

— Alvo não, O'Hara. Isca. Soube que Magus continuava com a cabeça de Dance a prêmio. Não acreditava que estivesse morto. Se pudéssemos fazê-lo crer que Sarah sabia de alguma coisa, talvez pudéssemos atraí-lo para a luz. Nós não a perdemos de vista em nenhum momento. Até que nos despistaram, claro.

— Bastardos! — gritou Nick. Estavam brincando com sua vida!

— Existem coisas mais importantes em jogo...

— À merda com suas coisas importantes!

Van Dam se mexeu incomodado na cadeira.

— Senhor O'Hara, por favor, sente-se. Tente compreender a situação...

Nick se voltou para ele.

— Foi ideia sua?

— Não, foi minha — admitiu Potter. O senhor Van Dam não teve nada a ver com isso. Foi informado depois, quando apareceu em Londres.

Nick olhou para Potter.

— Devia ter adivinhado. Cheira a coisa sua. O que pensa fazer em seguida? Amarrá-la em praça pública com um cartaz de tiro ao alvo?

Potter balançou a cabeça.

— Não. A operação terminou. Van Dam quer que volte.

— Para que?

— Logo estará claro para todos que Fontaine está morto. Eles a deixarão em paz e nós procuraremos Magus de outra maneira.

— E o que houve com Wes Corrigan? Não quero que nada aconteça a ele.

— Não acontecerá nada. Não ficará nenhum rastro em algum lugar.

Nick tornou a sentar-se. Olhou para Potter com dureza. Sua decisão dependia de uma coisa.

Poderia confiar naqueles homens. E que opção tinha se não o fizesse? Sarah estava sozinha, fugindo de um assassino. Não poderia sobreviver só.

— Se for uma armadilha...

— Não há necessidade de me ameaçar, O'Hara. Já sei do que é capaz.



— Não — disse Nick. — Acredito que não sabe. E espero que não descubra jamais.

— Onde posso encontrá-lo em Amsterdã? — perguntou Sarah à mulher.

Passeavam entre as árvores em direção ao Citroen. O chão estava molhado e os saltos de Sarah afundavam na grama nova.

— Está certa de que quer encontrá-lo? — perguntou a mulher.

— É preciso. É o único a quem posso pedir ajuda. E ele está me esperando.

— Talvez não sobreviva a esta busca. Sabe disso, não?

Sarah estremeceu.

— Eu já apenas sobrevivo. Tenho sempre medo. Não deixo de pensar quando tudo isso terminará e se vai doer ou não — estremeceu. Com Eve usaram uma navalha.

Os olhos da mulher escureceram.

— Uma navalha? A assinatura de Kronen.

— Kronen?

— É o favorito de Magus.

— Usa óculos de sol e tem o cabelo loiro quase branco?

A mulher assentiu.

— Já o viu. Ele a estará procurando. Em Amsterdã. Em Berlim. Onde quer que vá, estará esperando.

— O que você faria em meu lugar?

A mulher a olhou pensativa.

— Em seu lugar e com sua idade? O mesmo que você. Tentaria encontrar Simon.

— Então me ajude. Diga-me como fazê-lo.

— O que eu lhe dizer poderá matá-lo.

— Terei cuidado.

A mulher observou o rosto de Sarah, calculando sem dúvida as suas possibilidades.

— Existe um clube em Amsterdã... Casa Morro. Na rua Oude Zijds Voorburgwal. A proprietária é uma mulher chamada Corrie. Era amiga do Mossad e de todos nós. Se Simon estiver em Amsterdã, ela saberá encontrá-lo.

— E se ela não souber?

— Então ninguém mais saberá.

A porta do Citroen já estava aberta. Subiram e o motorista partiu até Kudamm.

— Quando vir a Casa Morro, não se escandalize — disse a mulher.

— Por quê?

A outra riu, suavemente.

— Você verá — inclinou-se e falou com o motorista em alemão.

— Podemos deixá-la perto de seu hotel. É o que quer?

Sarah concordou. Precisava de dinheiro para chegar até Amsterdã e Nick carregava quase tudo. Quando estivesse dormindo essa noite, tiraria uma parte da carteira dele e sairia de Berlim. Pela manhã estaria muito longe.

— Estou hospedada ao sul de...

— Sabemos onde é — disse a mulher. Uma última coisa. Tenha cuidado em quem confia. O homem que a acompanhava, como se chama?

— Nick O'Hara.

— Poderia ser perigoso. Há quanto tempo o conhece?

— Algumas semanas.

A mulher assentiu.

— Não confie nele totalmente. Vá sozinha. É mais seguro.

— Em quem posso confiar?

— Somente em Simon. Não diga a mais ninguém o que eu lhe contei. Magus tem olhos e ouvidos em todas as partes.

Se aproximaram do hotel. A rua parecia tão exposta, tão perigosa, que Sarah se sentia mais segura no carro. Não queria descer. Mas o Citroen já havia parado. Dispôs-se a abrir a porta quando o motorista soltou uma praga e apertou o acelerador.

— Nach rechts! — gritou a mulher, com o rosto tenso.

— Que está acontecendo? — perguntou Sarah.

— A CIA! Estão por toda a rua.

— A CIA?

— Olhe você mesma.

O hotel era, como as demais casas da rua, uma caixa de cimento cinzento com um letreiro roxo na fachada. Na calçada estavam dois homens. Sarah os reconheceu. O atarracado de pernas curtas era Roy Potter. E a seu lado, com o olhar incrédulo no rosto, estava Nick.

Parecia incapaz de mover-se, de reagir. Limitou-se a olhar fixamente o Citroen quando passou a seu lado. Por um instante seus olhos se encontraram através da janela. Pegou Potter pelo braço e os dois correram pela rua atrás do veículo numa vã tentativa de abrir a porta. Então, ela compreendeu tudo. Afinal, estava claro.

Nick estava trabalhando com Potter desde o início. Juntos, haviam elaborado um plano que a tinha enganado completamente. Nick era da CIA. Acabara de ter a prova. Quando voltou ao quarto e o encontrou vazio, fez soar um alarme.

Afundou-se no assento. Ouviu a voz de Nick gritando seu nome e em seguida apenas o barulho do motor do carro. Encolheu-se contra a porta como um animal perseguido.

Era um animal perseguido. Era procurada pela CIA, era procurada por Magus. E alguém terminaria encontrando-a.

— Nós a deixaremos no aeroporto — disse a mulher. Se pegar um avião imediatamente, talvez possa sair de Berlim antes que a detenham.

— Mas para onde você irá? — perguntou Sarah.

— Longe. Seguiremos rotas diferentes.

— E se eu precisar de você? Como posso encontrá-la?

— Não pode.

— Mas nem sequer sei o seu nome!

— Se encontrar seu marido, diga-lhe que quem a mandou foi Helga.

A placa que indicava o aeroporto surgiu rápido, não lhe dando tempo para pensar, de tomar coragem. O Citroen parou e ela teve que descer. Nem sequer pode despedir-se. O veículo se afastou no momento em que seus pés tocaram o chão.

Sarah estava sozinha.

No caminho para o balcão de passagens, olhou para a carteira. Tinha dinheiro apenas para comer, e dessa forma, não chegava a ser o suficiente para pagar uma passagem de avião. Não tinha outra maneira a não ser usar o cartão de crédito.

Vinte minutos depois havia subido em um avião com destino a Amsterdã.

# Treze

Quando saiu do aeroporto Tegel, o Citroen preto se dirigiu para o sul, até Kudamm. Helga tinha que fazer uma última parada antes de abandonar Berlim.

Sabia que corria um grande risco. A CIA tinha seu número de identidade e poderia localizar seu endereço. A morte pairava sobre ela. Eve já havia caído. Teria que telefonar para Corrie e pedir-lhe que avisasse Simon. E perguntaria sobre aquele homem, Nick O'Hara.

Perguntou-se quem seria ele. Não gostava de caras novas. O inimigo mais perigoso do mundo é aquele que não se conhece.

Teria que abandonar o carro e subir num trem até Frankfurt. Dali seguiria para Itália ou para o sul da Espanha. Não importava. Mas antes teria que pegar algumas coisas. Os espões também podiam ser sentimentais. E ela precisava das fotos de sua irmã e seus pais, mortos na guerra, meia dúzia de cartas de amor de um homem que nunca esqueceria e o pingente de prata de sua mãe. Objetos que a lembravam quem era e sem os quais não fugiria, mesmo sob a ameaça de morte.

O motorista compreendeu porque paravam na casa. Sabia que era inútil discutir, assim ficou esperando, enquanto ela corria para dentro.

Seus objetos estavam, junto com uma pistola, no fundo falso de uma mala de viagem. Colocou algumas peças de roupa dentro desta e saiu para a rua. O sol a cegou ao sair.

Permaneceu alguns segundos na varanda e esperou que os seus olhos se adaptassem antes de fechar a porta. Esses segundos lhe salvaram a vida.

Da rua veio um chiar de pneus. Quase no mesmo instante começaram a disparar. Helga se jogou no chão, atrás de uma fileira de vasos de tulipas. Atiraram novamente e começou a chover vidro das janelas de cima.

Virou-se desesperada sob a varada, jogando-se sobre o leito de flores atrás do pórtico, arrastando a bolsa consigo. Tinha apenas alguns segundos antes que o assassino avançasse para completar seu trabalho.

Havia escutado a porta do carro se fechar e sabia que ele se aproximava.

Enfiou a mão na mala e tirou a pistola.

Os passos se aproximaram. Já subia as escadas. Helga ergueu a pistola, apontou e disparou. Uma mancha vermelha apareceu sobre o olho direito do homem.

Em seguida, caiu para trás.

A mulher não se incomodou em verificar seu estado. Sabia que estava morto. O acompanhante do homem tampouco se preocupou. Estava no assento do motorista. Pôs o carro em marcha e desapareceu.

Um olhar para o Citroen lhe disse que o motorista não podia ter sobrevivido.

Segurou a mala com força e se afastou rua abaixo. Uma quadra depois começou a correr.

Ficar mais tempo em Berlim seria uma loucura. Havia cometido um erro e sobrevivido; da próxima vez talvez não tivesse tanta sorte.

Havia sangue por toda a parte.

Nick abriu caminho pela multidão de curiosos em direção ao Citroen Negro.

Na calçada em frente, a equipe de uma ambulância se ajoelhava ao lado de um corpo. Um policial lhe barrou a passagem, mas estava próximo o bastante para ver o homem morto na calçada.

— Potter! — gritou. Mas havia muitas vozes, muitas sirenes. Seu gritou perdeu-se no barulho. Ficou paralisado, olhando o sangue. O homem que estava ao seu lado caiu de joelhos e começou a vomitar.

— O'Hara! — gritou a voz de Potter da calçada. — Não está aqui. Há apenas dois homens, o motorista e outro... Dois mortos.

— E onde ela está? — gritou Nick por sua vez.

Potter encolheu os ombros e voltou-se para Tarasoff.

Nick abriu espaço entre a multidão e começou a andar rua abaixo. Não importava onde fosse, não podia suportar a visão de sangue.

Alguns metros depois sentou-se na calçada e enterrou a cabeça entre as mãos. Não podia fazer nada. Havia depositado toda a sua esperança na habilidade de um homem em quem nunca tinha confiado e numa organização que sempre havia desprezado.

— O'Hara? — Potter o chamava, agitando um braço. — Vamos. Temos uma pista.

— Qual? — Nick se colocou de pé e seguiu, ele e Tarassof, para trás do carro.

— Companhia Aérea KLM. Ela usou seu cartão de crédito.

— Quer dizer que saiu de Berlim? Roy, tem que deter esse avião.

— É tarde demais. Faz dez minutos que eles pousaram em Amsterdã.

Dizem que os holandeses nunca fecham as cortinas, pois isso significaria segredos a ocultar. De noite, quando se acendem as luzes, qualquer um que passe pelas ruas de Amsterdã pode aproximar-se das janelas e ver as mesas onde se sentam as crianças, enquanto as suas mães lhes servem batatas e molho de maçã. Passarão as horas, as crianças irão para a cama e os pais para suas poltronas, onde assistirão televisão ou irão ler à vista de todos.

Este costume de cortinas abertas se estende inclusive ao distrito de Wallen em Amsterdã, onde os membros da profissão mais antiga do mundo mostram seus encantos. Nas vitrinas dos bordeis, as mulheres costuram, leem romances ou sorriem para os homens que as olham da rua. Para elas é um trabalho como qualquer outro e não têm nada a esconder.

Foi nesse bairro onde Sarah encontrou a Casa Morro. Já caía a tarde quando cruzou a pequena ponte de Oude Zijds Voorburgwal. E com a

escuridão chegaram as luzes de neon, a música e toda a gente incomum que não dorme de noite. Sarah era mais uma em uma rua de visitantes.

Parou na sobra da ponte de pedra e observou as pessoas que passavam. Na vitrine, diante dela, se viam quatro mulheres em diferentes estados de nudez: a oferta humana da Casa Morro. Pareciam mulheres comuns. A mais alta olhou em volta quando ouviu que pronunciavam seu nome. Deixou o livro que lia, levantou-se e desapareceu atrás das cortinas azuis. As outras três nem sequer ergueram os olhos.

Sarah observou durante meia hora o fluxo constante de homens que entravam e saíam pela porta. As três mulheres da vitrine acabaram saindo também pela cortina e foram substituídas por outras duas. A Casa Morro parecia ser um negócio próspero.

Por fim, decidiu entrar.

Nem sequer o cheiro de perfume conseguia ocultar o cheiro de coisa velha do edifício, que pendia como uma cortina velha sobre o que havia sido uma elegante mansão do século XVII. Uma estreita escada de madeira levava a um corredor na penumbra. Tapetes persas gastos pelo uso abafavam os passos de Sarah do vestíbulo até à sala.

Uma mulher levantou o olhar detrás de uma mesa. Tinha uns quarenta e tantos anos, o cabelo escuro e era alta e esbelta. Observou a jovem com atenção.

— Kan ik u helpen?

— Procuo por Corrie.

A mulher assentiu depois de uma pausa.

— É americana, não é? — perguntou em um inglês perfeito.

Sarah não respondeu. Examinou a sala... O sofá baixo, a lareira, as estantes que continham objetos eróticos. Por fim, voltou o olhar para a mulher.

— Foi Helga quem me enviou — disse.

O rosto da outra permaneceu sem qualquer expressão.

— Quero encontrar Simon. Onde ele está?

A mulher ficou em silêncio um momento.



— Talvez Simon não deseje que o encontre, disse.

— Por favor. É importante.

A outra encolheu os ombros.

— Com Simon tudo é importante.

— Ele está na cidade.

— Talvez.

— Ele vai querer me ver.

— Por quê?

— Sou sua esposa. Sarah.

A mulher pareceu perturbada pela primeira vez.

— Me dê sua aliança — disse. E volte à meia-noite.

— Ele estará aqui?

— Simon é um homem cauteloso. Vai querer provas antes de aproximar-se de você.

Sarah tirou o anel do dedo e o entregou a ela.

— Voltarei à meia-noite — disse.

— Senhora! — chamou a mulher, quando se virou para sair. — Não lhe garanto nada.

— Eu sei — murmurou a jovem.

A advertência da mulher era desnecessária.

Havia aprendido que nada está garantido. Nem sequer a respiração seguinte.

Corrie esperou um momento quando Sarah saiu. Depois deixou a casa e foi andando até uma cabine telefônica, onde discou um número em Amsterdã.

— A mulher que Helga mencionou chegou — disse. — Cabelo comprido, olhos castanhos, uns trinta anos. Tenho sua aliança. É de ouro, com a inscrição Geoffrey, 2-14. Voltará à meia-noite.

— Veio sozinha?

— Não vi mais ninguém.

— E o homem que Helga mencionou... O'Hara... O que seus amigos descobriram?

— Não pertence à CIA. Sua participação parece apenas... Pessoal.

Houve uma pausa. Corrie escutou atentamente as instruções que se seguiram. Quando desligou, voltou à Casa Morro, onde colocou a aliança em um pedestal diante da janela, onde seria facilmente vista da rua.

Sorriu ao pensar no que aconteceria quando a mulher voltasse. Sarah parecia puritana e ela estava cheia do desdém das “mulheres virtuosas”. Essa noite a maré mudaria. O plano era algo atrevido, mas Corrie não discutia suas instruções.

E menos ainda quando gostava delas.

Sarah estava sentada em um café tranquilo, a um quilometro dali. O cheiro da traição de Nick continuava muito vivo em seu interior. Nunca se recuperaria de uma ferida tão profunda. Mas encontraria forças para seguir em frente. Sobreviver tinha-se tornado em algo automático, instintivo. Havia abandonado seus sonhos de amor e somente lhe restava um objetivo: viver o suficiente para ver o fim daquele pesadelo.

Dentro de algumas horas estaria com Geoffrey e ele cuidaria de sua segurança.

Estava acostumado a mover-se naquele mundo de sombras. E ainda que não a amasse, estava certa de que se importava um pouco. Era a esperança que lhe restava.

Deixou a cabeça cair, cansada. Havia andado quilômetros pelas ruas de Amsterdã e desejava dormir, esquecer. Mas quando fechava os olhos, as recordações voltavam: o sabor da boca de Nick, sua risada quando faziam amor. Afastou com raiva as imagens de sua mente. O que antes era amor começava a converter-se em fúria. Contra Nick, por sua traição. Contra si mesma. Por ser incapaz de renunciar às lembranças. Ou ao desejo.

Ele a havia usado e jamais o perdoaria. Nunca.

— Nenhuma notícia de Sarah — disse Potter, quando entrou no quarto de Nick, em Amsterdã. Fechou a porta com o pé e lhe estendeu uma xícara.

Nick viu-o sentar-se em uma poltrona e esfregar os olhos, cansado. Os dois estavam esgotados e famintos. Desde que saíram de Berlim somente haviam tomado café.

Potter olhou seu relógio.

— Maldição! A lanchonete ao lado acaba de fechar. Não cairia mal um sanduiche — tirou um pacote de bolachas salgadas do bolso. — Quer?

Nick negou com a cabeça.

Potter acendeu um cigarro e procurou um cinzeiro no quarto.

— Vamos, O'Hara. Deite-se. Procurar por ela é um trabalho nosso.

— Não posso — Nick se aproximou da janela. — Ela está aí fora em algum lugar. Se eu soubesse onde!

— Ainda não confia em nós, não é?

— Não. Por que iria fazê-lo?

Potter sentou-se e soprou uma baforada de fumaça.

— Talvez te interesse saber que acabo de falar com Berlim. Temos uma informação sobre os mortos.

— Quem eram?

— O motorista do Citroen era alemão, relacionado em outros tempos com o Mossad. Os vizinhos pensavam que Helga Steinberg e ele eram irmãos, mas somente eram companheiros de trabalho.

— Helga — murmurou Nick, pensativo. — É esse vínculo que precisamos. Se pudermos encontra-la...

— Impossível. Ela é muito esperta. Conhece todos os truques do ofício.

— E o outro homem?

Potter recostou-se na poltrona.

— O outro era holandês.

— Alguma relação com Helga?

— Não. Somente queria matá-la, mas ela se adiantou a ele — sorriu. — Que tiro! Gostaria de conhecer essa mulher algum dia. Embora não em um beco escuro.

— O homem não tinha antecedentes?

— Nenhum. Segundo seus documentos, era representante comercial de uma companhia de Amsterdã. Viajava muito. Mas há algo estranho. Há dois dias houve uma transferência de fundos de uma conta sua. Muito dinheiro. A transferência era de outra companhia de Amsterdã, a F. Berkman. Importam e exportam café há dez anos. Tem escritórios numa dúzia de países e apenas tem lucros. Curioso, não é?

— E quem é F. Berkman?

— Ninguém sabe. A companhia é dirigida por uma junta diretora. Ninguém conhece o dono.

Nick olhou para Potter.

— Magus — disse.

— É, foi o mesmo que eu pensei.

— E Sarah está justamente em seu território. Em seu lugar eu começaria a correr na direção contrária.

— Eu acho que ela tem feito muitas coisas inesperadas. Não se comporta como uma garota assustada.

— Não — Nick se deitou cansado na cama. — Ela é inteligente.

— Está apaixonado por ela.

— Suponho que sim.

Potter o olhou com curiosidade.

— É muito diferente de Lauren.

— Você se lembra de Lauren?

— Sim. Quem poderia esquecê-la? Todos os homens na embaixada o invejavam. Foi um azar o divórcio.

— Foi um grande erro.

— O divórcio?

— Não. O casamento.

Potter riu.

— Vou te contar um segredo, O'Hara. Depois de dois divórcios, finalmente descobri que os homens não precisam de amor. Precisam que lhes preparem a comida, passem suas camisas e de um pouco de ação três vezes por semana. Mas não de amor.

Nick balançou a cabeça.

— Também pensava assim. Até algumas semanas atrás...

O telefone ao lado da cama tocou.

— Certamente é para mim — disse Potter, apagando o cigarro.

Nick chegou antes ao aparelho. Por um momento apenas ouviu o silêncio. Em seguida, uma voz de homem perguntou.

— Senhor Nick O'Hara?

— Sim.

— A encontrará na Casa Morro. A meia-noite. Venha sozinho.

— Quem fala?

— Tire-a de Amsterdã, O'Hara. Conto com você.

— Espere!

A linha ficou muda. Nick praguejou e correu para a porta.

— Aonde vai? — perguntou Potter.

— A um lugar chamado Casa Morro. Ela estará lá.

— Espere — Potter levantou o telefone. — Deixe-me telefonar para Van Dam. Precisamos de reforços...

— Desta vez irei sozinho!

— O'Hara!

Mas Nick já havia desaparecido.

Cinco minutos após Nick ter deixado o hotel, o velho recebeu um telefonema de um de seus informantes.

— Ela está na Casa Morro.

— Como sabe? — perguntou ele.

— Telefonaram para O'Hara. Não sabemos quem. Ele já saiu. A CIA o seguirá logo. Não tem muito tempo.

— Enviarei Kronen à sua procura.

— O'Hara estará no meio.

O velho fez um ruído de desprezo.

— O'Hara não é importante — disse. Kronen pode lidar com ele.

Jonathan Van Dam desligou o telefone e saiu da cabine. A noite havia esfriado e abotoou o casaco. A ideia de regressar ao calor do hotel era tentadora. Mas antes tinha que passar por uma farmácia. Precisava de uma desculpa, um frasco de antiácido ou de qualquer outra coisa, para justificar sua ausência do hotel.

Entrou numa farmácia vinte e quatro horas, pegou um frasco de Maalox da prateleira, pagou e saiu para a rua.

Dez minutos depois chegava ao hotel. Abriu o Maalox, despejou uma dose no lavabo e colocou o pijama. Depois se deitou e esperou que o telefone tocasse.

Dentro em pouco algo aconteceria na Casa Morro. Não gostava de pensar naquilo. Em todos os seus anos na CIA, nunca havia tomado parte num tiroteio ou numa luta. E nunca havia matado ninguém pessoalmente. Quando a violência era necessária, utilizava intermediários. Até a morte de Cláudia havia sido organizada de uma distância prudente. Quando voltou para casa, já tinham limpado o sangue e encerado o chão. Parecia que não havia mudado nada, exceto que era livre e muito rico.

Mas um mês mais tarde recebeu um recado. “O Viking falou comigo”, dizia. O Viking era um assassino de aluguel, o homem que havia apertado o gatilho. Van Dam ficou paralisado de medo. Pensou em fugir para o México ou América do Sul. Mas não podia decidir-se em deixar sua casa e suas mordomias. Quando o velho finalmente entrou em contato com ele, estava mais que disposto a negociar.

Apenas lhe pediu algumas informações. Inicialmente, dados pequenos, o pressuposto de um consulado concreto, os horários de aviões de transporte. Teve poucos remorsos.

Além de tudo, não trabalhava para a KGB. O velho era um empresário que não poderia considerar um inimigo. Portanto, ele não era um traidor.

Mas as exigências cresceram pouco a pouco. E chegavam sempre sem avisar. Dois toques do telefone, seguidos de silêncio e Van Dam encontraria um pacote no bosque ou um bilhete em uma árvore oca. Nunca havia visto o velho e nem conhecia seu verdadeiro nome. Tinham-lhe dado um número de telefone que somente poderia usar em emergências. Van Dam se encontrava aprisionado por alguém que não tinha nome nem rosto. Mas não era um acordo ruim. Estava seguro. Tinha suas casas, suas roupas caras e seu brandy. Podia-se dizer que o velho era um amo muito bom.

— É meia noite — disse Sarah — Onde ele está?

Corrie afastou uma mecha de cabelo negro do rosto e ergueu os olhos de sua mesa.

— Simon que provas.

— Ele viu minha aliança.

— Não, quer ver você. Mas de uma distância segura. Terá que fazer seu papel. Suba, segundo quarto à direita. Olhe no armário. Acredito que o cetim verde lhe irá bem.

— Não entendo...

A mulher sorriu. A luz batia-lhe em cheio na face e Sarah viu pela primeira vez as rugas que tinha ao redor dos olhos e da boca. A vida não havia sido amável com aquela mulher.

— Coloque o vestido — disse. Não há outro modo.

Sarah subiu as escadas e entrou no quarto. Havia uma cama grande de bronze e um armário cheio de roupas. Colocou o vestido de cetim verde e se olhou no espelho. O tecido marcava seus seios e os bicos ressaltavam-se claramente. Mas aquele não era o momento para modéstia. A única coisa que importava era continuar viva.

Corrie a observou com olhar crítico quando tornou a descer.

— Está muito magra — murmurou. — E tire os óculos. Pode ver sem eles, não?

— O suficiente.

Corrie apontou a vitrina.

— Entre ali. Eu guardarei sua bolsa. Abra um livro, se quiser, mas sente-se com o rosto para a rua, para que possa vê-la. Não irá demorar muito.

As pesadas cortinas de veludo se abriram e Sarah entrou em uma nuvem de ar perfumado. Primeiramente, surpreendeu-se com os rostos de estranhos que a olhavam da rua. Estaria Geoffrey entre eles?

— Sente-se — disse uma das prostitutas, apontando uma cadeira.

A jovem se sentou e lhe passaram um livro. O abriu e olhou atentamente a primeira página. Estava escrito em holandês e ainda que não pudesse lê-lo, era um escudo entre ela e os homens do lado de fora. O segurou com tanta força que lhe doíam os dedos.

Permaneceu imóvel como uma estátua durante o que lhe pareceu uma eternidade.

Ouvia risos vindos da rua. Passos na calçada. O tempo parecia ter parado. Tinha os nervos à flor da pele. Onde estava Geoffrey? Por que demorava tanto?

Então, por entre o ruído que a rodeava, ouviu seu nome. O livro caiu de suas mãos no chão. Empalideceu.

Nick a olhava incrédulo do outro lado do vidro.

— Sarah?

Sua reação foi instintiva: começou a correr. Abriu as cortinas de veludo e correu escada acima até ao quarto onde havia encontrado o vestido. Era uma fuga instintiva, o impulso de uma mulher afastando-se da dor. Tinha medo dele. Queria causar mal a ela e a Geoffrey. Se pudesse chegar ao quarto e fechar a porta...

Mas Nick a segurou pelo braço antes que terminasse de entrar pela porta.

Sarah se soltou e recuou até que suas pernas se chocaram com a cama. Estava presa.

— Fora daqui! — gritou sem deixar de tremer.

O homem avançou com as mãos estendidas.

— Sarah, me escute...



— Bastardo! Odeio você!

Nick continuava aproximando-se dela. A jovem o golpeou com força na face. Quando ia desferir outro golpe, ele a segurou pelos pulsos e a afastou de si.

— Não. Escute-me. Quer fazer o favor de me escutar?

— Você me usou.

— Sarah...

— Foi divertido? Ou tinha a missão de se deitar com a viúva para a CIA?

— Cale a boca!

— Maldição, Nick! — gritou ela, debatendo-se. — Eu queria você. Queria você... — conseguiu soltar-se, mas o impulso a jogou sobre a cama. Nick caiu sobre ela, segurando seus pulsos e cobrindo-a com seu corpo. Sarah ficou sob ele, soluçando e debatendo-se em vão até que as forças a abandonaram e ficou imóvel.

Quando viu que ela parou de se debater, soltou-lhe as mãos. A beijou com ternura na boca.

— Ainda te odeio — disse ela, fracamente.

— E eu te quero.

— Não minta para mim.

Voltou a beijá-la, desta vez mais lentamente, fazendo o beijo perdurar.

— Não estou mentindo, Sarah. Nunca menti para você.

— Trabalhava para eles desde o começo.

— Não, está enganada. Não estou com eles. Acurralaram-me. E em seguida me contaram tudo. Sarah, pode deixar de fugir.

— Quando o encontrar.

— Não pode encontrá-lo.

— Que quer dizer?

Nick a olhou com tristeza.

— Sinto muito. Ele está morto.

Suas palavras a golpearam com um punhal. O olhou atordoada.

— Não pode estar morto. Ele me telefonou...

— Não foi ele. Foi uma gravação da CIA.

— O que lhe aconteceu?

— O incêndio. O corpo que encontraram no hotel, era dele.

Sarah fechou os olhos.

— Não entendo. Não entendo nada — soluçou.

— A CIA te preparou uma armadilha. Queriam que Magus viesse até você e sáisse do esconderijo. Mas logo os despistamos. Desde Berlim.

— E agora?

— Acabou. Cancelaram a operação. Podemos ir para casa.

Casa! A palavra tinha um som mágico, como um lugar de conto de fadas em cuja existência já não acreditava. E Nick também tinha algo mágico. Mas seus braços eram reais. Sempre haviam sido reais.

— Vamos para casa, Sarah — sussurrou ele. — Amanhã de manhã saímos daqui.

— Não posso acreditar que tudo isto tenha terminado. — murmurou ela.

Beijaram-se com ternura e saíram para o corredor de braços dados. Ao chegar à parte superior da escada avistava-se o vestíbulo. Nick parou.

A princípio, ela não soube o por que. Somente via seu olhar sobressaltado. Depois, seguiu a direção de seus olhos.

Abaixo deles, ao pé da escada, um lago de sangue manchava um tapete persa azul. Sobre ele jazia Corrie.

# Quatorze

Uma sombra caiu sobre a parede do vestíbulo. Alguém andava pela sala, fora de seu campo de visão. A sombra se aproximava da escada. Nick e Sarah não podiam sair para a rua sem cruzar o vestíbulo e o campo de visão do assassino. Não lhes restava nenhuma solução a não ser seguir pelo corredor de cima.

Nick a tomou pela mão e a puxou até à escadaria mais afastada. Da sala de estar chegou o grito de uma mulher, sons de passos que corriam e dois golpes secos, de balas amortecidas por um silenciador. O corredor parecia não terminar nunca.

Subiram correndo a escada estreita. Haviam chegado ao sótão. Nick fechou a porta suavemente, mas não tinha fechadura. Não acenderam a luz. Pela janela entrava alguma claridade. Nas sombras, a seus pés, havia formas vagas: caixas, móveis velhos, um rack. Nick agachou-se atrás de um baú e abraçou Sarah. Ela apertou o rosto contra o seu peito e ouviu as batidas de seu coração.

De algum lugar abaixo chegou o ruído de madeira partida. Alguém abria as portas a pontapés, abrindo caminho metodicamente em direção à escada.

Nick a empurrou contra o chão.

— Não se mova — disse.

— Aonde vai?

— Quando chegar o momento, corra.

— Mas... — o homem já havia se afastado na escuridão.

Os passos subiam a escada do sótão.

Sarah permaneceu imóvel. Os passos se aproximavam mais e mais. Procurou na escuridão algo que a ajudasse a se defender, mas não viu nada.

A porta se abriu, batendo contra a parede. A luz da escada entrou. E nesse mesmo instante ouviu o som de um punho se chocando contra um corpo, seguido de um barulho surdo. Ergueu-se e viu Nick lutando com o assassino, um homem que nunca havia visto. Rodaram pelo chão. Nick deu-lhe um segundo soco, mas o golpe apenas roçou a face do outro. O assassino conseguiu soltar-se e lhe aplicou um golpe no estômago. Nick grunhiu e girou para fora de seu alcance. O assassino atirou-se até uma pistola que estava no chão a poucos metros.

Nick, atordoado pelo golpe, não pôde reagir com rapidez. Os dedos do assassino se fecharam em torno da pistola. Nick, desesperado, se atirou sobre sua mão, mas apenas alcançou seu antebraço. A arma virou-se contra seu rosto. Sarah não teve tempo de pensar. Saltou detrás do baú. Seu pé formou um arco no ar e golpeou a mão do assassino. A pistola saiu voando e caiu atrás de um monte de caixas. O assassino, que não havia recuperado o equilíbrio, não pôde esquivar-se do golpe seguinte.

O punho de Nick acertou sua mandíbula. Caiu para trás e bateu a cabeça no baú. Caiu no chão, inconsciente.

Nick se pôs de pé.

— Vamos! — disse.

Sarah desceu para o segundo andar. Quando corria para a outra escada, lembrou-se do corpo de Corrie no chão. Sentiu-se mal em pensar que teria de pisar o sangue, mas precisava alcançar a porta.

Desceu as escadas, obrigando-se a não pensar. Seriam apenas alguns passos e depois estaria fora. A salvo.

Não viu o homem no vestíbulo até que fosse muito tarde. Percebeu um movimento e uma garra aferrou-se a seu braço. Viu uma mão enluvada e o brilho de um revólver. A arma não apontava para ela, e sim para o topo da escada, onde estava Nick.

A arma disparou.

Nick caiu para trás, como se houvesse recebido um golpe no peito. Sua camisa se encheu de sangue. Sarah gritou seu nome uma vez e outra, enquanto a arrastavam para a porta. O ar frio golpeou-lhe o rosto. Em seguida a jogaram no banco traseiro de um carro. A porta foi fechada. Ergueu a vista; um revólver apontava para sua cabeça.

Somente então viu o rosto de Kronen, o cabelo loiro pálido, o sorriso de cera. Havia esperado por ela em estações de trem e em cidades diferente. Era o rosto de seus pesadelos.

Era o rosto do inferno.

Van Dam continuava ao lado do telefone quando Tarasoff lhe ligou para comunicar o duplo desastre. O'Hara estava no hospital. E não tinham encontrado Sarah Fontaine.

Quando desligou o telefone, começou a andar pela sala. Estava nervoso. Preocupava-lhe o novo vínculo com a companhia F. Berkman. A transferência de fundos para um assassino de aluguel havia sido um descuido inacreditável. Agora Potter sentiria o cheiro de sangue e iria querer investigar. Tinha que afastá-lo do rastro. Seu futuro dependia disso.

Se capturassem o velho, mostrar-se-iam pragmáticos e tentariam comprar a sua liberdade com informações. E seu nome seria um dos primeiros a sair.

Decidiu fazer as malas para caso fosse necessário. Considerou as suas opções. Fechar a porta. Descer as escadas. Parar um táxi. Iria diretamente para a embaixada russa. Não gostava da ideia, mas os russos tinham fama de tratar bem aos desertores. Seria melhor que a cadeia.

Uma batida na porta o sobressaltou.

— Sim?

— Trago um recado. Posso entrar, senhor?

Van Dam se aproximou da porta com receio.

— Olhe, Tarasoff acaba de telefonar. Se não há nada novo...

— Há algo, senhor.

Van Dam abriu uma brecha. Um pontapé do outro lado lançou a porta contra seu rosto e a dor o fez recuar. Tentou proteger a cabeça.

No umbral havia um homem vestido de preto, um homem que deveria estar morto.

— Isto é por Eve — disse o recém-chegado.

Apertou o gatilho três vezes. Três balas explodiram no peito de Van Dam.

O impacto o jogou no chão. Teve uma última imagem de luz que se foi apagando pouco a pouco, como um entardecer que cedesse a passagem para a noite.

Sarah agachou-se no chão de madeira e abraçou os joelhos. Os dentes batiam. Fazia frio no quarto e o vestido de cetim verde aquecia pouco. Estava às escuras. A única luz era proveniente de uma janela pequena, muito alta; era a luz da lua. Não sabia que horas eram; tinha perdido a noção do tempo.

O terror havia convertido aquela noite em uma eternidade.

Fechou os olhos com força, mas continuava vendo o rosto de Nick, sua expressão de surpresa e dor, e em seguida, o sangue estendendo-se pela sua camisa. Uma dor terrível a tomou por dentro. Apoiou o rosto nos joelhos e as suas lágrimas molharam o vestido de cetim.

Um momento depois ergueu o rosto. Estava certa de que iria morrer. E a certeza lhe dava uma estranha paz, a convicção de que o seu destino era inevitável e que não podia fazer nada. Estava muito cansada e tinha muito frio para que se importasse. Depois de dias de terror, sentia uma espécie de calma.

Essa paz a ajudou a concentrar-se. Sem o pânico que toldara sua percepção, pode examinar friamente o quarto, clinicamente, como estudava as bactérias em seu microscópio no trabalho.

Estava presa, num armazém grande, no 4º andar de um prédio velho. A única saída era a porta, que estava fechada. A janela era muito pequena e alta. Cheirava a café. Lembrou-se da plataforma de carga que havia visto no

piso inferior e dos sacos marcados com os nomes F. Berkman, Koffie, Hele Bonen.

Pensou que poderia ajudá-la estar num local de trabalho, onde cedo ou tarde chegariam os operários. Mas logo se lembrou que era domingo e certamente não veria ninguém exceto Kronen.

Ouviu passos que subiam as escadas. Uma porta se abriu e tornou-se a fechar. Dois homens falavam em holandês. Um era Kronen. A outra voz era baixa e rouca, quase inaudível. Os passos se aproximaram da porta. Ficou imóvel. A luz brilhante do cômodo contíguo entrou. Tentou ver os rostos dos homens parados no portal, mas a princípio só pôde distinguir as suas silhuetas.

Kronen acendeu a luz. O que viu a fez encolher-se.

O homem mais próximo dela não tinha rosto.

Seus olhos eram pálidos, sem pestanas e tão mortos como pedras frias. Mas a olhou, seus olhos se moveram e então se deu conta de que usava uma máscara.

Um escudo de borracha cor de carne cobria o seu rosto. No pescoço usava um cachecol vermelho.

Supôs quem era antes de ouvi-lo falar. Tinha Magus diante de si. O homem a quem Geoffrey havia sido encarregado de matar.

— Senhora Simon Dance — disse em um sussurro. — Levante-se para que eu a possa vê-la melhor.

Estendeu-lhe a mão e ela estremeceu.

— Por favor, não me faça mal. Eu não sei de nada, de verdade.

— Então porque saiu de Washington?

— Foi a CIA. Eles me enganaram...

— Para quem trabalha?

— Para ninguém.

— E por que veio a Amsterdã?

— Acreditava que encontraria Geoffrey... Quero dizer, Simon. Por favor, deixe-me ir.

— E por que eu deveria fazê-lo?

Sarah o olhou fixamente, incapaz de pensar em uma única razão pela qual ele a deixaria viver. A mataria, claro. E nenhuma suplica poderia impedi-lo.

Magus voltou-se para Kronen, que parecia divertir-se.

— Esta é a mulher de quem falava? — perguntou incrédulo. — Esta criatura estúpida? Precisou de duas semanas para encontrá-la?

O sorriso de Kronen se evaporou.

— Tinha ajuda — respondeu.

— Ela encontrou Eve sem ajuda.

— É mais inteligente do que parece.

— Sem dúvida — a máscara se voltou para Sarah. — Onde está seu marido?

— Eu não sei.

— Você encontrou Eve. E Helga. Certamente sabe como encontrar seu marido.

A jovem inclinou a cabeça e olhou para o chão.

— Ele está morto.

— Mentira.

— Morreu em Berlim. No incêndio.

— Quem disse? A CIA?

— Sim.

— E você acreditou neles?

Sarah assentiu com a cabeça e ele se voltou furioso para Kronen.

— Essa mulher não serve para nada! Perdemos nosso tempo. Se Dance sair do esconderijo por causa dela é porque é um idiota.

Sarah ficou rígida ao ouvir o desprezo de sua voz. Para aquele homem, sua vida valia tão pouco quanto a de um inseto. Matá-la seria fácil... E somente sentiria desgosto.

Um nó de raiva formou-se em seu estômago. Levantou o queixo com violência. Se tivesse que morrer não o faria como uma mosca. Engoliu a saliva.



— Se meu esposo sair à luz espero que o envie diretamente para o inferno — gritou.

Os olhos pálidos da máscara expressaram certa surpresa.

— Ao inferno? Nós nos encontraremos lá. Seu marido e eu temos uma eternidade juntos. Eu já experimentei as chamas. Sei o que é ser queimado vivo.

— Nada tive a ver com isso.

— Mas seu marido sim.

— Ele está morto! Matar-me não o fará sofrer.

— Eu não mato para os mortos. Mato para os vivos. Dance está vivo.

— Eu sou inocente...

— Neste negócio não existem inocentes.

— E sua esposa? Também não era?

— Minha esposa? — apertou os olhos. — Sim. Sim, ela era inocente. Nunca pensou que... — a olhou. — Sabe como ela morreu?

— Sinto muito. Sei o que ocorreu a ela. Mas eu nada tive a ver com isso.

— Eu assisti a tudo. Eu a vi morrer.

— Por favor, tem que me escutar...

— Eu a vi andar até ao carro da janela do quarto. Ela parou ao lado das rosas e se despediu de mim com um aceno de mão. Nunca me esqueci daquele momento. Nem do seu sorriso — inclinou-se para frente. — É como uma foto fixa em minha cabeça. A última vez que a vi com vida...

Ficou em silêncio. Olhou para Kronen.

— Antes de amanhã, leve-a para um lugar seguro onde não possam ouvi-la. Se Dance não aparecer para procurá-la nos próximos dois dias, mate-a. Lentamente. Já sabe como.

Kronen sorria. Sarah estremeceu.

Em algum lugar do edifício soou um alarme. Uma luz vermelha piscava acima da porta.

— Alguém entrou aqui! — disse Kronen.

Os olhos de Magus brilhavam como diamantes.

— É Dance — respondeu. — Tem que ser ele.

Kronen saiu da sala com a pistola na mão. A porta se fechou. Sarah ficou sozinha com os olhos fixos na luz vermelha que acendia e apagava.

Apoiou-se contra a porta e olhou ao redor. Na sua pressa de sair, Kronen e Magus tinham deixado a luz acesa e podia examinar a sala.

O armazém não estava vazio. A um canto se amontoavam caixas de papelão com o nome F. Berkman. Viu uma fita adesiva próxima da caixa maior.

Arrancou-a e a dobrou várias vezes, experimentando sua resistência. Se fosse bem usada, poderia estrangular um homem. Não sabia se seria capaz de fazê-lo, mas em sua situação qualquer arma era um presente dos céus.

Em seguida, examinou a janela e a descartou como meio de fuga. Impossível que

coubesse nela. Somente restava uma maneira de sair. A porta. Mas como?

Algumas cadeiras amontoadas lhe deram uma ideia. Poderia golpear com uma delas.

Bom. Outra arma. Amontoadas pesavam tanto que apenas pôde arrastá-las pelo chão. Seu plano poderia funcionar.

Levou as cadeiras até um lado da porta e amarrou a fita ao pé da primeira de baixo.

Esticou a fita e se agachou do lado oposto. Puxou seu lado da fita e esta se levantou alguns centímetros do chão. Se calculasse bem o momento, tropeçariam nela. E isso lhe daria alguns segundos, o suficiente para sair pela porta.

Ensaiou seus movimentos outra vez. Tinha que correr tudo certo. Era sua única oportunidade.

Estava pronta. Subiu para uma das cadeiras e desenroscou os tubos fluorescentes do teto. A sala ficou às escuras. Quando descia da cadeira, ouviu disparos do lado de fora, seguidos por gritos e mais tiros. Seria mais fácil fugir com toda aquela confusão.

Primeiro tinha que chamar a atenção de alguém. Aproximou uma cadeira da janela, contou até três e a atirou contra o vidro, que se partiu.

Ouviu outro grito e passos que subiam a escada. Levou a cadeira até o umbral e procurou na escuridão o pedaço de fita. Onde estava?

Os passos estavam na sala ao lado e se aproximaram da porta. A fechadura girou. Procurou no chão desesperadamente e encontrou a fita no momento em que a porta se abria. Um homem entrou na sala com tal rapidez que apenas teve tempo de reagir. Puxou a fita, que se enganchou no pé dele. Algo caiu ao chão. O homem se inclinou para a frente e caiu sobre seu ventre. Em seguida pôs-se de joelhos e começou a levantar-se.

Sarah não permitiu. Golpeou-lhe a cabeça com a cadeira. Sentiu, mais que ouviu, o golpe em seu crânio e o horror do que tinha feito a obrigou a soltar a cadeira. O homem não se movia. Mas enquanto ela revirava seus bolsos ele começou a gemer, o que indicava que não o havia matado. Não levava um revólver. E se o tivesse deixado cair? Não tinha tempo de procurá-lo às escuras, era melhor fugir enquanto podia.

Saiu do cômodo e fechou a porta atrás dela. Voou até às escadas, mas tinha descido apenas dois degraus quando parou imóvel. Debaixo dela chegavam vozes. Kronen subia as escadas, cortando a sua única via de escape.

Entrou no escritório e fechou a porta. Diferente da outra, não era de madeira sólida. Apenas os atrasaria alguns minutos. Tinha que encontrar outra saída.

O armazém era um beco sem saída, mas no escritório, sobre a mesa, havia uma janela.

Subiu na mesa e olhou por ela. Apenas via névoa e escuridão. Puxou a janela, mas ela não se abriu. Tinha que quebrar o vidro.

Tomou impulso e deu-lhe um pontapé. As três primeiras tentativas foram em vão; o calcanhar golpeava o vidro sem resultado. Mas o quarto golpe quebrou a janela. O ar frio golpeou-lhe o rosto. Olhou para fora e viu que a janela se abria sobre um telhado que se perdia na escuridão. Que havia por baixo? Podia sofrer uma queda de três andares até à rua ou podia ser

que caísse em um telhado adjacente. Tinha visto que, nos velhos edifícios de Amsterdã, os telhados se juntavam uns com os outros numa linha quase contínua. A névoa a impedia de ver o que a escuridão escondia. Teria que se aproximar mais.

Pensou que as telhas estariam escorregadias, assim tirou os sapatos. Viu assustada que havia sangue em seu tornozelo. Não sentia dor, mas o sangue saía de um corte em seu pé. O olhou assombrada e então teve consciência de outros ruído: os golpes de Kronen na porta do escritório, e os gemidos do homem que havia deixado inconsciente.

Seu tempo havia acabado.

Saiu para o telhado. O vestido se enganchou em um pedaço de vidro quebrado e ela o puxou com força, rasgando-o. Sua escolha era muito simples. Uma morte rápida ou uma dolorosa. Uma queda na escuridão seria preferível a morrer nas mãos de Kronen. Podia suportar a ideia de morrer, mas não a de sentir dor.

Ouviu a porta ceder e o grito de raiva de seu perseguidor. Deslizou pelo telhado abaixo. Não havia nada para agarrar-se nem nada que parasse a sua queda.

As telhas estavam molhadas e revalavam sob seus dedos. Suas pernas caíram pela borda.

Agarrou-se por um instante na calha e quando já não pôde segurar-se mais, deixou-se cair.

# Quinze

— É somente um arranhão.

— Volte para a cama, O'Hara! — gritou Potter.

Nick atravessou o quarto do hospital e abriu o armário. Estava vazio.

— Onde está a minha camisa?

— Você não pode sair. Perdeu muito sangue.

— Minha camisa, Potter.

— No lixo. Estava cheia de sangue, lembra-se?

Nick tirou, com um palavrão, o camisão do hospital e olhou o curativo em seu ombro esquerdo. O efeito do analgésico, que lhe haviam dado no pronto-socorro, começava a diminuir. Sentia como se alguém lhe golpeasse o tórax com um martelo de pneus. Mas não podia ficar ali esperando que algo acontecesse. Já tinha perdido muitas horas.

— Por que não fica na cama e deixa que eu me ocupe de tudo? — perguntou Potter.

Nick o olhou com fúria.

— Da mesma maneira como se está ocupando agora?

— E qual a utilidade que terá para ela fora daqui? Quer me dizer?

Nick sentiu que a sua raiva dava espaço para a dor.

— Eu a tinha, Roy. Tinha em meus braços...

— Iremos encontrá-la.

— Da mesma forma que encontraram Eve Fontaine?

O rosto de Potter ficou tenso.

— Não, espero que não.

— E que vai fazer para evitar isso? — gritou Nick.

— Continuamos esperando que o homem que derrubou fale. Contudo, não disse grande coisa. E estamos investigando outra pista, a da Companhia Berkman.

— Reviste o edifício.

— Não posso. Preciso da permissão de Van Dam e não consigo localizá-lo. E temos poucas provas...

— À merda com as provas — murmurou Nick, encaminhando-se para a porta.

— Aonde vai?

— Fazer uma invasão.

— Não pode ir lá sem ajuda — o seguiu até ao corredor.

— Já vi seus reforços. E prefiro uma pistola.

— Sabe atirar?

— Aprendo depressa.

— Espere, deixe-me falar com Van Dam.

Nick fez um gesto de descaso. Apertou o botão do elevador e olhou a roupa de Potter.

— Me dê sua camisa.

— O quê?

— É o suficiente para agir. Não quero que me acusem de atentado ao pudor.

— Está louco. Não te darei minha camisa. Iria me devolvê-la cheia de buracos de bala.

Nick chamou de novo o elevador.

— Obrigado pelo voto de confiança.

O elevador se abriu e saiu Tarasoff.

— Senhor, há algo novo. Acabo de ouvir no rádio. Tiros no edifício Berkman.

Nick e Potter se olharam.

— Meu Deus! — exclamou o primeiro. — Sarah...

— Onde está Van Dam? — perguntou o segundo.

— Não sei, senhor. Continua sem atender ao telefone.

— Acabou. Vamos, O'Hara — entraram os três no elevador. — Não sei por que aposto minha carreira por você. Nem sequer nos damos bem. Mas você tem razão. Ou nos mexemos agora ou, se esperarmos as ordens de Van Dam, acabaremos todos no hospital — olhou para Tarasoff. — E eu nunca disse isso. Entendido?

— Sim, senhor.

Potter olhou seu subordinado.

— Qual o tamanho que usa?

— Senhor?

— A camisa.

— Ah... dezesseis.

— Certo. Empréstimo para O'Hara. Estou cheio de ver seus pelos do peito. E não se preocupe, me encarregarei para que não a manchem de sangue.

Tarasoff obedeceu, mas não parecia confortável de camiseta e paletó. Saíram para o estacionamento.

— Envie pelo rádio uma equipe para o edifício.

— Devo tentar localizar Van Dam?

Potter vacilou um instante. Viu o olhar de advertência de Nick.

— Não — disse. Por enquanto, este será o nosso segredo.

Tarasoff o olhou, perplexo.

— Sim, senhor.

Nick sentou-se no assento traseiro do carro.

— Sabe, Potter? Pode ser que não seja tão idiota como eu acreditava.

O outro balançou a cabeça com ar sombrio.

— Ou pode ser que sim — respondeu. Pode ser que sim.

Sarah caiu de costas com um golpe surdo.

A primeira coisa que sentiu foi alegria por estar viva. Viu a janela a uns cinco metros acima dela e compreendeu que havia caído em um telhado adjacente. Os gritos de Kronen a fizeram mexer. Estava de pé sobre a janela, gritando ordens. Outras vozes respondiam da escuridão abaixo. Seus

homens revistavam o chão em busca de seu corpo. Quando não o encontrassem, não demorariam a voltar sua atenção para o telhado.

Colocou-se de pé. Seus olhos se haviam adaptado à escuridão e podia distinguir a linha do telhado contra o céu. De repente notou que não eram somente seus olhos: o céu havia clareado. O amanhecer se aproximava. E ela teria que chegar a um lugar seguro antes que o sol saísse.

Abaixo dela havia luzes de lanternas. Passos rodeavam o edifício. Os homens tornaram a gritar. Não tinham encontrado o seu corpo.

Sarah subia por uma ladeira de telhas. Ao chegar acima, deixou-se cair no telhado de lado. A névoa parecia fechar-se em torno dela como um manto protetor. Tinha o vestido encharcado das telhas molhadas e o cetim se colava a ela como uma segunda pele gelada. Passou das telhas para uma superfície plana de cimento e correu até uma porta no telhado. Estava fechada. Bateu nela com os punhos até que machucou as mãos, mas ela não cedeu. Voltou-se e procurou outra rota de escape... Outra porta, uma escada... O céu clareava cada vez mais. Tinha que sair daquele telhado.

Um grito distante lhe disse que já a tinham descoberto.

O telhado seguinte se elevava à sua frente como uma parede de telhas. Exceto por uma janela alta e uma antena na parte superior, o resto de sua superfície era lisa como gelo. Jamais poderia escalá-la.

Os gritos soaram novamente, desta vez mais perto. Uma telha solta caiu do teto e se espatifou na calçada. Voltou-se e viu Kronen saindo por uma janela. Ia até ela. Rodeou sua jaula no telhado como um pássaro preso, buscando desesperadamente uma saída. Na parte de trás havia apenas uma descida vertical até um beco. Correu para o outro lado e olhou sobre a borda. Muito mais abaixo se via a rua. Não havia terraços nem escadas que diminuíssem a sua queda se saltasse. Somente o chão úmido, esperando seu corpo.

Ouviu um ruído nas telhas e Kronen praguejou. Sua arma havia caído na rua. Ele já estava no segundo telhado. Mais alguns segundos e estaria ao seu lado.



Voltou a olhar o telhado vertical de um lado, uma barreira intransponível entre a liberdade e ela. Sentiu um chuvisco frio misturando-se com suas lágrimas. Então, através das lágrimas, viu um fio negro que descia da antena. Seria forte o bastante para suportar o seu peso?

O som dos passos de Kronen no cimento acabou com suas dúvidas. Agarrou-se ao fio e começou a subir o telhado inclinado. Seus pés resvalaram alguns centímetros e logo encontraram apoio. Subiu pouco a pouco.

O palavrão de Kronen ecoou nos edifícios. Não se atrevia a olhar para baixo para ver se ele a seguia. Seu olhar estava firme à frente, na superfície molhada da ardósia cinza. Os dedos lhe doíam. Tinha os pés inchados. O telhado parecia estender-se eternamente. Somente ouvia o vento e os gritos de raiva de Kronen.

Seguiu avançando, sem poder ver seu objetivo, nem quanto ainda restava. Continuou seu esforço até que finalmente seus dedos se fecharam em torno da antena. O metal parecia tão sólido, tão forte! Terminou de subir os últimos centímetros e se sentou. Tinha que descansar alguns segundos.

Mas quando ergueu a cabeça e olhou o que havia do outro lado, deparou-se com o nada. Havia chegado ao fim do caminho. Mais abaixo não havia outro telhado, somente uma queda até a rua.

Lágrimas de desespero rolaram por sua face. Baixou a cabeça e soluçou como uma criança assustada. O som de seu pranto afastou tudo o mais. Em seguida, percebeu outro som, débil a princípio, mas cada vez mais forte: uma sirene.

Kronen também a ouviu. Olhou para Sarah como um possuído. Procurou com frenesi outra maneira de subir. Não encontrou. Agarrou-se ao arame com um palavrão e começou a subir até ela.

Sarah o observou, incrédula. Era alto e se movia como um macaco pelo teto de ardósia. A jovem puxou com força o fio, tentando em vão soltá-lo da antena. Tentou ficar de pé e esperá-lo. Ouvia-se a sirene muito próxima. Precisava de mais alguns momentos apenas.

Os dedos de Kronen agarraram a parte superior do telhado. Sarah viu a sua cabeça aparecer. Ele a olhou. Em seus olhos não havia nem raiva, nem ódio, mas algo mais terrível... Antecipação. Esperava impaciente por sua morte.

— Não! — gritou ela. — Não!

Atirou-se contra ele. Seus dedos se cravaram nos olhos, obrigando-o a recuar até a borda. O homem lhe segurou a mão e a torceu de tal modo que ela gritou.

Ao soltar-se, cambaleou e esteve a ponto de perder o equilíbrio. Kronen subiu para a parte superior e avançou lentamente para ela.

Olharam-se por um momento, sozinhos no telhado. Um deles não sobreviveria.

Não se deixaria capturar viva.

O homem tirou uma navalha da jaqueta e ela recuou mais um passo. A lâmina aproximou-se mais dela. Já não pensava em capturá-la viva. Queria matá-la. Sarah cruzou os braços à frente em um gesto automático de proteção. Sentiu a dor no braço quando da lâmina cortou-lhe a carne nua. Deixou-se cair de joelhos. Os sapatos dele rangeram ao aproximar-se dela. Cravou o calcanhar no vestido dela, prendendo-a ao telhado.

Não podia escapar. Nem sequer podia levantar-se. Observou em silêncio como a lâmina voltava a levantar-se em um arco mortal.

Todos os seus instintos primitivos se uniram num último e desesperado ato de sobrevivência. Atirou-se contra os seus joelhos com um grito. Kronen cambaleou e ela atacou seu pé. O golpe tirou-lhe o calcanhar das telhas. Kronen tentou procurar um ponto de apoio. A navalha caiu. O homem se agarrou na borda do telhado, mas apenas por um momento. Seus olhos se encontraram com os dela; era um olhar de surpresa infinita. Caiu no vazio com os braços erguidos para o céu. A jovem fechou os olhos. Os gritos dele ainda ecoavam em seus ouvidos muito depois dele ter chegado à rua.

Queria vomitar. O mundo dava voltas ao seu redor. Baixou a cabeça e apertou a face contra as telhas frias e úmidas para combater a náusea.

Estremeceu. Na rua se ouviam ruídos de sirenes e vozes, mas estava esgotada e sentia muito frio para mover-se. Somente o grito de Nick conseguiu fazê-la olhar. Estava embaixo, na rua, agitando os braços em sua direção, seus olhos cheios de lágrimas.

— Não se mova! — gritou ele. — Vamos chamar os bombeiros para te descer.

A jovem secou as lágrimas e assentiu com a cabeça. Já tinha terminado tudo. Somente teria que esperar.

Mas havia se esquecido de Magus.

Um barulho a obrigou a olhar para baixo. Magus estava no trecho de cimento.

Carregava um rifle. Ela era a única que podia vê-lo. Era invisível da rua onde estavam Nick e a polícia. Era apenas um homem preso num telhado. Um homem que queria fazer um último gesto em nome da vingança. Olhou-a por um momento e depois levantou lentamente o rifle. Sarah viu que o cano apontava em sua direção e esperou o disparo fatal.

Soou um tiro, mas não sentiu nenhuma dor. Perguntou-se por que.

Viu então Magus cambaleiar com a camisa cheia de sangue. O rifle caiu sobre o cimento. O homem emitiu um barulho, um grito mortal que podia ser apenas um nome. Caiu de costas, com os olhos muito abertos e não se mexeu mais.

Algo brilhou em outro telhado. Sarah olhou para lá. O sol penetrou finalmente no véu de neblina e caiu, em um raio brilhante, sobre a cabeça e os ombros de um homem que estava de pé sobre o telhado. O homem baixou sua arma. O vento balançava sua camisa e cabelo. Estava olhando para ela. Sarah não podia ver seu rosto, mas soube nesse instante quem era. Tentou levantar-se. Viu que ele começava a afastar-se e o chamou antes que ele desaparecesse para sempre.

— Geoffrey! — gritou.

O vento arrastou sua voz.

— Não! Volte! — gritou ela, mais uma vez.

Mas somente viu um último brilho do cabelo loiro e depois o telhado vazio brilhando sob o sol da manhã.

O tiro do rifle ressoou como um trovão na rua abaixo. Meia dúzia de policiais correram para se protegerem. Nick levantou a cabeça, alarmado.

— Que está acontecendo lá?

Potter se virou para Tarasoff.

— Quem diabos está atirando?

— Não é um dos nossos, senhor. Talvez seja a polícia.

— Era um rifle, maldição!

— Não são meus homens — disse um oficial da polícia holandesa, da segurança de um umbral próximo.

Nick viu que Sarah continuava viva. Mas se sentia impotente para ajudá-la.

— Faça algo! — gritou para Potter.

— Tarasoff! — gritou este, por sua vez. — Suba lá com seus homens. Verifique de onde saiu esse disparo — voltou-se para a polícia. — Quando os bombeiros irão chegar?

— Em cinco, dez minutos.

— A matarão antes — disse Nick.

Começou a andar para o edifício. Tinha que chegar até ela!

— O'Hara! — gritou Potter — Antes temos que limpar o edifício.

Mas Nick já entrava pela porta. No interior, subiu os degraus de dois em dois. A possibilidade de soarem mais disparos, de chegar ao telhado e encontrar Sarah morta, o aterrorizava. Mas somente ouviu seus próprios passos.

Abaixo dele uma porta se fechou. A voz de Potter gritou seu nome. Continuou avançando.

As escadas amplas davam lugar a outra mais estreita que subia ao telhado em espiral. Correu pelos últimos degraus e saiu no telhado.

Lá fora o sol brilhava. Parou, atordoado pela luz repentina e pelo horror que havia no cimento a seus pés. Os olhos mortos de um homem

sem rosto o olhavam. O vento movia um cachecol vermelho tão brilhante quanto o sangue que saía lentamente do peito do homem. A seu lado havia um rifle.

A porta do telhado se abriu. Potter saiu por ela e quase se chocou com Nick.

— Meu Deus! — exclamou, olhando o corpo. — É Magus! Ele atirou contra si mesmo?

Do telhado acima chegou um lamento repentino, um som de desespero.

Nick ergueu a cabeça, alarmado.

Sarah tinha as mãos estendidas, como se suplicasse ao vento. Não os havia visto ainda; olhava a distância, para algo que somente ela podia ver. O que gritou a seguir fez Nick estremecer. Não fazia sentido. Era o grito de uma mulher aterrorizada à beira da histeria. Seguiu a direção de seu olhar, mas apenas viu telhados que brilhavam ao sol. Ouviu a voz de Sarah chamando mais uma vez um homem que não existia.

Quando afinal a desceram do telhado, mostrou-se tranquila. Nick estava ao seu lado quando a colocaram na maca. Parecia tão pequena e frágil. Havia tanto sangue em seus braços! Apenas percebia o que ela dizia, somente sabia que queria estar perto dela.

Uma ambulância esperava na rua.

— Deixe-me acompanhá-la — murmurou Nick. — Você precisa de mim.

Subiu ao lado da maca e a jovem o olhou ternamente.

— Achei que nunca tornaria a vê-lo — sussurrou.

— Eu quero você, Sarah.

Potter enfiou a cabeça na ambulância.

— Por tudo o que é sagrado, O'Hara; deixe-nos trabalhar!

Nick se voltou e viu que a equipe da ambulância o olhava.

— Não, por favor! — suplicou a jovem. — Deixem que ele fique. Quero que ele fique.

Potter encolheu os ombros num gesto impotente. Os enfermeiros decidiram que era melhor deixar Nick em paz. Sabiam por experiência que os maridos nervosos podiam ser criaturas teimosas e irracionais. E aquele parecia muito, muito nervoso.

# Dezesseis

Roy Potter viu a ambulância afastar-se, aliviado. Reprimiu um soluço e avançou até à outra ambulância, estacionada a poucos metros. Estava esgotado. Mas podia permitir-se. A operação havia terminado.

Calculou mentalmente seus ganhos. Magus e seu melhor homem estavam mortos. Haviam quatro homens detidos. E Sarah Fontaine estava viva.

Precisava de cuidados médicos, sim. E também de auxílio psiquiátrico. Teria alucinações, veria fantasmas no telhado. Mas a histeria era algo muito compreensível nestas circunstâncias. E se recuperaria. Disso não tinha dúvidas.

Era feito de uma fibra mais forte do que todos acreditavam.

Viu que colocavam uma maca na ambulância. Era Magus. Franziu o cenho e pensou em seu suicídio. Ou não havia sido suicídio? Teriam que esperar os resultados do exame da balística. Por hora, era a única explicação.

— Senhor Potter?

— Pois não?

— Está sendo aguardado, dentro do prédio, por um homem que quer vê-lo. Creio que seja americano.

— Diga-lhe que fale com o senhor Tarasoff.

— Ele diz que somente irá falar com o senhor.

Potter reprimiu um palavrão. O que ele queria era meter-se na cama. Mas seguiu o agente até ao interior do edifício Berkman. O cheiro de café impregnava tudo. Recordou-se que não havia comido nada desde a tarde

anterior. Merecia um bom café da manhã. O agente apontou o escritório à frente.

— Ele está ali?

Potter passou pela porta e franziu a testa. O homem, de costas para ele, olhava para a janela. Estava completamente vestido de preto. Havia algo familiar na cor dourada de seu cabelo, e o sol que entrava pela janela roubava-lhe reflexos de luz.

O agente entrou e fechou a porta.

— Sou Roy Potter — disse. Queria me ver?

O homem se virou, sorrindo.

— Olá.

Potter o olhou atônito. Ficou sem voz. O homem era Simon Dance.

Uma hora depois, Simon Dance voltou-se novamente para a janela.

— E isso é o que aconteceu, senhor Potter — disse, suavemente. — Mais complicado do que você suspeitava. Pensei que gostaria de conhecer os detalhes. Em troca, somente lhe peço um favor.

— Por que diabos não me contou isto tudo antes?

— No início, foi puro instinto. Em seguida, surgiram os explosivos em meu quarto de hotel e soube que não poderia confiar em nenhum de vocês. Havia uma infiltração e sabia que ele teria que estar em um nível bastante alto.

Potter não respondeu.

— Van Dam — disse Simon.

— Como pode ter certeza?

O outro encolheu os ombros.

— Por que alguém deixaria o calor de seu hotel à meia-noite para procurar uma cabine telefônica?

— Quando foi isso?

— Ontem à noite, justamente depois que eu avisei O'Hara.

— Foi você quem telefonou? — Potter sacudiu a cabeça. — Então tenho uma parte da culpa. Fui eu quem comunicou a Van Dam. Tinha que



fazê-lo.

Dance assentiu.

— Não compreendi esse passeio ao telefone público até que ouvi que Kronen e seus homens haviam chegado a Casa Morro pouco depois. Por isso soube que Van Dam havia telefonado para Magus.

— Olhe, preciso de mais provas. Não posso acusá-lo apenas por um telefonema.

— Não, não. Esse assunto está encerrado.

— Que quer dizer?

— Logo entenderá.

— Mas e o motivo? Um homem precisa de um motivo para fazer algo assim.

Dance acendeu um cigarro calmamente.

— Os motivos são algo curioso. Todos têm segredos e agendas ocultas. Acredito que Van Dam fosse um homem rico.

— Sua esposa lhe deixou milhões.

— E era velha quando morreu?

— Quarenta e poucos. Houve algo incomum. Um roubo, acredito. Van Dam estava fora do país na ocasião.

— Claro que sim.

Potter ficou em silêncio. Sim, se procurasse bem, todo mundo podia ter motivos ocultos.

— Começarei uma investigação interna — disse.

Dance sorriu.

— Não há pressa. Não acredito que ele desapareça.

— E você? — perguntou Potter. — Agora que tudo terminou, vai reaparecer?

Dance exalou uma baforada de fumaça.

— Ainda não sei o que farei — disse com tristeza. — Eve era a única coisa que me importava. E eu a perdi.

— Ainda resta Sarah.

O homem balançou a cabeça.

— Já lhe causei muita dor — voltou o olhar para a janela. — Seu relatório de balística provará que Magus não foi morto por seu rifle e sim por uma bala disparada a certa distância. Prometa-me que não dirá isso a Sarah.

— Se é o que você quer...

— Sim, é.

— Não irá se despedir dela?

— Será mais amável não fazê-lo. O senhor O'Hara parece ser um bom homem — disse suavemente. — Creio que serão felizes juntos.

Potter concordou. Sim, tinha que admitir que, depois de tudo, O'Hara não era de todo mau.

— Diga-me. Alguma vez amou Sarah?

Dance balançou a cabeça.

— Nesse trabalho amar é um erro. Não, não a amei. Mas não quero que lhe diga nada. — olhou Potter com dureza. — Da próxima vez não use inocentes em suas operações. Já causamos bastantes desgraças neste mundo sem precisar fazer sofrer também os que não têm nada a ver com isso.

Potter desviou o olhar, incomodado.

— Acredito que é hora de ir — disse Dance, apagando seu cigarro. Tenho muito que fazer.

— Voltará aos Estados Unidos? Pode procurar uma nova identidade...

— Não será preciso. Sempre me virei melhor sozinho.

Potter não podia discutir aquele ponto. A breve relação de Dance com a CIA não poderia ter sido mais desastrosa para ele.

— Acredito que uma mudança de clima virá bem. — disse Simon da porta. — Nunca gostei muito da chuva e do frio.

— Mas como poderei localizá-lo se precisar de você?

Dance parou na porta.

— Não poderá — disse com um sorriso.

Quando Sarah acordou já era tarde. A primeira coisa que viu foram as cortinas brancas movendo-se ao lado da janela aberta. Depois, viu os vasos

de tulipas amarelas e vermelhas colocadas em fileira sobre a mesa. E em seguida, em uma cadeira ao lado da cama, viu Nick com outro vaso no colo. Dormia profundamente.

Sua camisa era um mapa de rugas e suor. Seu cabelo tinha mais tons acinzentados do que se lembrava. Mas sorria.

Estendeu o braço e tocou sua mão. Ele acordou com um sobressalto e a olhou com olhos vermelhos.

— Sarah — murmurou.

— Pobre Nick. Acho que precisa desta cama mais do que eu.

— Como você está se sentindo.

— Estranha. A salvo.

— Está a salvo — deixou o vaso e pegou suas mãos. — Agora já está.

A jovem apontou para a mesa.

— Jesus! Quantas flores!

— Talvez eu tenha exagerado. Não sabia que duas dúzias de vasos ocupariam tanto espaço.

Os dois deram risadinhas. Nick a observou em silêncio, esperando.

— Eu o vi — disse ela, suavemente — Estou certa disso.

— Não importa, Sarah...

— Importa para mim. Eu o vi...

— Quando se está com medo, a mente pode pregar peças.

— Talvez.

— Eu não acredito em fantasmas.

— Eu também não acreditava. Até hoje.

Nick ergueu a mão dela até seus lábios.

— Se foi um fantasma, estou em dívida com ele por lhe deixar comigo.

Parecia tão cansado que Sarah sentiu uma forte ternura por ele. Em seus olhos cinza via, além disso, o amor que nunca havia visto nos olhos de Geoffrey.

— Quero você — disse. E tem razão. Pode ser que tenha imaginado coisas. Estava com muito medo e ninguém podia me ajudar. Somente um fantasma.

— Ele está morto, Sarah. O fato de vê-lo, neste momento, foi a sua maneira de te dizer adeus.

Houve uma batida na porta. A cabeça de Potter apareceu por ela.

— Vejo que já estão os dois acordados — disse animado. — Posso entrar?

— Claro que pode — sorriu Sarah.

O homem olhou os vasos de tulipas e soltou um assobio.

— Que você fez, O'Hara? Comprou uma floricultura?

— Apenas queria ser romântico.

— Romântico, um casca grossa como você? — Potter piscou para Sarah. — Diga a ele para tomar um banho antes que o prendam por vagabundagem.

A jovem acariciou o queixo de Nick.

— Para mim, ele está maravilhoso assim.

Potter balançou a cabeça.

— Isso demonstra que o amor é cego — olhou a jovem pensativo. — O médico disse que lhe dará alta amanhã. Se sente forte?

— Acho que sim — apontou com a cabeça o braço enfaixado. — Dói um pouco. Deram-me uma dúzia de pontos — olhou para Nick, que lhe passou um braço pelos ombros. — Mas garanto que estarei bem.

Potter os olhou um momento em silêncio.

— Sim — disse, por fim. — Acredito que tudo correrá bem.

— Encerraram a operação? — perguntou Nick.

— Quase. Ainda faltam alguns detalhes. Coisas que eu não esperava. Mas já sabe como é este trabalho. Sempre há perdas. Os agentes mortos em Margate, Eve Fontaine.

— E Geoffrey — disse Sarah, suavemente.

Potter ficou em silêncio.

— Bom — disse, depois de uma pausa. — Que vai acontecer com vocês?

— Voltaremos para casa — respondeu Nick. Depois de amanhã.

— E depois?

Nick olhou para Sarah.

— Já lhe contarei — respondeu.

O quarto ficou em silêncio. Potter compreendeu que deveria deixá-los sozinhos. Deu uma tapa nas costas de Nick.

— Muitas felicidades a vocês dois. Falarei com seu chefe... Se quiser recuperar seu trabalho, claro.

Nick não respondeu. Seus olhos continuavam fixos nos de Sarah.

— Certo — murmurou Potter, aproximando-se da porta. — Direi a Ambrose que Nick O'Hara o mandou ao diabo.

Antes de sair voltou-se uma última vez e os viu abraçarem-se. Não disseram nada, mas o modo como se apertaram um ao outro dizia tudo. Potter balançou a cabeça e sorriu. Sim, Simon Dance tinha razão. Nick e Sarah seriam felizes juntos.

O sol da tarde rompeu as nuvens e, inundou o quarto com tal resplendor que Potter teve que semicerrar os olhos. Nesse momento, Nick beijou Sarah nos lábios e o agente teve a sensação de que todas as sombras haviam desaparecido, levando consigo para sempre o fantasma de Geoffrey Fontaine.

Fim

Este *ePub* teve como base a tradução  
em *Doc* feita pelo grupo **PDL**.

O nome dos tradutores não foi  
divulgado.

*Abril de 2014*

***LeYtor***